



**UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA**

**FACULDADE DE TEOLOGIA**

**MESTRADO EM CIÊNCIAS RELIGIOSAS**

**Especialização: Educação Moral e Religiosa Católica**

**IGOR RODOLFO COSTA E OLIVEIRA CRÓ**

**Jesus aos novos areópagos: o (re)encontrar a  
Primavera da Galileia**

**O contributo da EMRC no conhecimento de Jesus na *UL2*  
*Jesus, um homem para os outros***

**Relatório Final da Prática de Ensino Supervisionada**

**sob orientação de:**

**Mestre Juan Francisco Garcia Ambrosio**

**Professora Doutora Luísa Maria Varela Almendra**

**Lisboa**

**2020**



«Depois, começou a percorrer toda a Galileia, ensinando [...]

E seguiram-no grandes multidões [...].» (Mt 4, 23.26)

A ela, a eles e a Ele.

## ÍNDICE

INTRODUÇÃO .....	1
CAPÍTULO 1 .....	4
REFLEXÃO SOBRE A PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA.....	4
1. CONTEXTO – CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA E DA TURMA .....	5
1.1. A Escola Básica (2,3) Damião de Góis - caraterização da escola.....	5
1.2. As turmas A, B e C do 6.º ano – caracterização da turma.....	8
2. SOBRE A EXPERIÊNCIA LETIVA .....	10
2.1. Experiência letiva e percurso da PES.....	11
2.2. As aprendizagens realizadas no âmbito da PES.....	15
3. A UNIDADE LETIVA 2 <i>JESUS, UM HOMEM PARA OS OUTROS</i> DO 6.º ANO.....	17
3.1. Breve apontamento sobre o programa do 6.º ano.....	18
3.2. Enquadramento da Unidade Letiva 2 no programa.....	18
3.3. Reflexão, lecionação e pertinência pedagógica da Unidade Letiva 2 .....	19
3.4. Planificações de nível IV da UL 2 e o processo ensino-aprendizagem .....	24
3.5. O levantamento da questão – a análise.....	59
CAPÍTULO 2 .....	61
NO REGRESSO À PRIMAVERA DA GALILEIA .....	61
1. JESUS: DA GALILEIA PARA O MUNDO JUDAICO.....	61
1.1. O contexto histórico: político, social e religioso.....	61
1.2. Uma leitura da história, a partir do fim .....	64
1.3. O grande sinal - a metamorfose morte-vida .....	68
1.4. A vida e a profecia .....	70

1.4.1. A vida .....	71
a) O nascimento .....	71
b) A infância e os anos de silêncio .....	72
c) A manifestação pública.....	73
1.4.2. A profecia - as bem-aventuranças (Mt 5, 1-12) .....	78
2. JESUS: AOS OLHOS DAS ORIGENS CRISTÃS – DO MUNDO JUDAICO PARA O MUNDO .....	80
2.1. O homem da Galileia e o Cristo Jesus.....	81
2.1.1. A visão-compreensão de Pedro em At 10, 34-43.....	83
2.1.2. Os novos mundos do Querigma .....	85
a) O despertar a caminho de Damasco em At 9, 1-18 .....	87
b) A visão-compreensão de Paulo - At 17, 16-34 .....	89
c) Da incompreensão e do escândalo à novidade da fé – 1 Cor 1, 17-28 .....	92
CAPÍTULO 3 .....	95
O PROJETO DE JESUS E OS NOVOS AREÓPAGOS – O CONTRIBUTO DA EMRC .....	95
1.OS NOVOS AREÓPAGOS .....	96
1.1. Evolução, progresso e transformação - noções, sentidos e objetivos.....	97
1.2. Que conhecimentos sobre Jesus? .....	102
1.3. A (re)descoberta da essência da mensagem de Jesus da Galileia .....	104
2. A PROPOSTA DO PROJETO DE JESUS AOS NOVOS AREÓPAGOS .....	106
2.1. Os desafios do projeto de Jesus. A pertinência e a desacomodação na prática das bem-aventuranças (Mt 5, 1-12) .....	107
2.2. O ensinamento do projeto de Jesus nas aulas de EMRC, pela <i>UL2 Jesus, um Homem para os outros</i> - a proposta.....	109

CONCLUSÃO .....	113
BIBLIOGRAFIA .....	116

## RESUMO

A pertinência da presença e do conhecimento da pessoa de Jesus, da sua atividade e do seu programa de vida nas escolas do século XXI, a partir da *UL2 Jesus, um homem para os outros*, do 6.º ano de escolaridade do Programa de Educação Moral e Religiosa Católica foi a epígrafe para o Relatório que agora é apresentado.

Há vinte séculos a mensagem e a proposta de Jesus correu o mundo inteiro pela boca dos seus discípulos, homens profundamente atraídos que experienciaram o Seu mistério e que reconheceram Nele a resposta autêntica às ansiedades, às esperanças e às questões sobre a vitória quotidiana da vida – um novo paradigma do sentido da vida e da existência humanas, o da revelação de Deus. Esse acontecimento ficou conhecido como a Primavera da Galileia. É, pois, mediante os seus testemunhos, que nos são facultados pelos episódios bíblicos, que somos, hoje, desafiados a recuperar tamanha atração por Jesus, pela essência da sua mensagem, pela verdade do seu projeto de vida. Esse programa que é de felicidade e que está patente na narrativa das Bem-aventuranças (Mt 5, 1-12) encontra-se ao alcance de todas as situações e condições da vida humana. Traduz, se quisermos, um ensinamento, as diretrizes para um novo e salutar rumo aos novos areópagos, aos areópagos da contemporaneidade.

A disciplina de EMRC procura contribuir, no espaço escolar, para o ensino de qualidade e para a formação integral dos alunos. À luz da sua natureza propõe aos alunos a compreensão do mundo – a história do passado, a interpretação do presente e a construção aberta do futuro – partilhando, para isso, o seu maior instrumento e aliado, a Bíblia, e revelando, a partir dela, a novidade transformadora do seu património, Jesus, a Sua vida na vida da humanidade.

## PALAVRAS-CHAVES

EMRC; Jesus; Primavera da Galileia; Bíblia; Bem-aventuranças; novos areópagos; contemporaneidade; felicidade.

## **ABSTRACT**

The relevance of the presence and knowledge of the person of Jesus, of his activity and of his program of life in the schools of the 21st century, from UL2 Jesus, a man for others, of the 6th year of schooling of the Catholic Moral and Religious Education Program was the epigraph for the Report that is now presented.

Twenty centuries ago, the message and the proposal of Jesus ran through the mouths of his disciples, deeply attracted people who experienced His mystery and who recognized in Him the authentic answer to anxieties, hopes and questions about the daily victory of life - a new paradigm of the meaning of human life and existence, that of God's revelation. This event became known as the Spring of Galilee. It is, therefore, through their testimonies, which are made available to us by the biblical episodes, that today we are challenged to recover such an attraction to Jesus, to the essence of his message, to the truth of his life plan. This program which is of happiness and which is evident in the narrative of the Beatitudes (Mt 5:1-12) is within reach of all situations and conditions of human life. It translates, if we wish, a lesson, guidelines for a new and healthy course to the new areopagus, to the areopagus of contemporaneity.

The subject of EMRC seeks to contribute, in the school space, to quality teaching and to the integral formation of the students. In the light of its nature, it proposes to the students an understanding of the world - the history of the past, the interpretation of the present and the open construction of the future - his greatest instrument and ally, the Bible, and revealing, from it, the transforming novelty of his patrimony, Jesus, his life, in the life of humanity.

## **KEYWORDS**

EMRC; Jesus; Spring of Galilee; Bible; Beatitudes; new areopagus; contemporaneity; happiness.

## INTRODUÇÃO

Preocupada e empenhada a trabalhar os grandes temas da humanidade e da atualidade a escola traduz o lugar da aprendizagem da vida ativa e responsável no mundo. Por sua vez, a disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica, doravante designada por EMRC, pautada pela dimensão religiosa, perscruta esses temas para o desenvolvimento integral do aluno, privilegiando o cultivo da cultura e a sensibilidade espiritual, estética e ética<sup>1</sup>.

O presente Relatório Final da Prática de Ensino Supervisionada insere-se no âmbito da conclusão do Mestrado em Ciências Religiosas, com especialização em EMRC, da Universidade Católica Portuguesa, e enquadra-se na área da Teologia Bíblica, sem dispensar a partilha a outras áreas da faina teológica. Resultado da prática de ensino supervisionado, explorada a Unidade Letiva 2, doravante indicada por UL2, *Jesus, um homem para os outros*, pretendeu cuidar, formar e dar a conhecer Jesus e a sua atividade aos alunos do 6.º ano de escolaridade, como referência, exemplo, modelo e guia para um mundo transformado pelo bem, pelo cuidado, pelo respeito, pelo valor de cada pessoa e pela justa ordem social.

A história da humanidade moderna, com especial destaque para a do ocidente, deve a sua compreensão e o seu estado também à história da vida do próprio Jesus de Nazaré. Este é o personagem principal da UL2 do manual do 6.º ano de EMRC. Coube-nos a sua lecionação e a vontade nobre de o melhor conhecer, de o mais próximo recuperar ao nosso tempo e aos sinais da humanidade e do mundo contemporâneo, de o reconhecer e de o reencontrar na vivência do nosso quotidiano, hoje como há dois mil anos, o seu projeto, o seu legado. Deste modo, vimos oferecer o nosso contributo para o conhecimento acerca de Jesus, sugerindo uma abordagem complementar intitulada *Jesus aos novos areópagos: o (re)encontrar a Primavera da Galileia*.

Esta nossa exposição desenvolver-se-á em três partes. No capítulo 1 refletiremos sobre a prática de ensino supervisionada, partilhando a experiência da lecionação na Escola Damião

---

<sup>1</sup> Cf. M. LINDA, “O docente de Educação Moral e Religiosa Católica e o ‘novo discurso sobre a credibilidade do Evangelho’”, *Pastoral Catequética* 31/32 (2015) 103.

de Góis, em Lisboa, e as vivências das relações entre professor e alunos. Participaremos, sobretudo, o percurso da lecionação da *UL2 Jesus, um homem para os outros*, de onde será erguida a questão de fundo a ser analisada nas outras duas partes: a pertinência de se estudar e trabalhar a vida e o projeto de Jesus para a construção da sociedade, na escola e, desta forma, quais as narrativas ou episódios bíblicos disponibilizar nesse percurso de conhecimento e aprendizagem.

No capítulo 2 empenhar-nos-emos em regressar histórica, teológica e bíblicamente à Primavera da Galileia, contextualizando, numa primeira parte, o ambiente vivido na Galileia durante a vida de Jesus e a atuação dos seus contemporâneos face à sua atividade e à revelação da sua mensagem. Numa segunda parte, interessar-nos-á a conceção que os povos *extra* Galileia construíram de Jesus, a partir dos testemunhos e das práticas daqueles que o seguiam – singularmente, Pedro e Paulo, apóstolos (Atos dos Apóstolos). Juntamente com os textos bíblicos precisaremos de sustentar o nosso estudo através do auxílio dos conhecimentos dos especialistas nesta área, alguns teólogos contemporâneos.

Por fim, no capítulo 3, procuraremos expressar o contributo da disciplina de EMRC na divulgação, na transmissão do conhecimento de Jesus e do seu programa de vida às realidades do mundo pós-moderno, padronizando palavras-chaves como atração, vivência, novidade, transformação, no discurso e no conhecimento sobre Jesus. Recorreremos aos escritos papais de Paulo VI, de João Paulo II, de Bento XVI e de Francisco como tradutores e agentes de consciencialização e de transformação da pessoa de Jesus e da sua mensagem para o nosso século. Como contributo final, procuraremos construir um recurso pedagógico, a ser aproveitado nas aulas de EMRC do 6.º ano, aquando da lecionação da UL2, para redescobrir a essência da mensagem e do projeto de Jesus e para aplicar essa natureza no modo de viver de cada aluno – a prática do testemunho bíblico das Bem-aventuranças, como desafio para uma vida feliz e realizada.

Temos consciência das limitações ao expormos este nosso Relatório. Essas mesmas limitações permitiram-nos reconhecer a imensidão dos mais diversos estudos sobre Jesus, que muito provavelmente é a figura histórica mais esmiuçada por autores das diferentes áreas do saber. Como assumido, este nosso estudo não pretendeu ter dito tudo sobre a vida e o programa de vida de Jesus e, muito menos, ser completo no que toca à moderna doutrina social da Igreja e ao pensamento atual do nosso mundo.

Revelamos a nossa satisfação por termos dedicado e explorado esta UL2 que na sua essência não terá sido concebida para simplesmente consultar ou recordar a singular vida de Jesus, mas para transformar e renovar a vida de quem a for estudar – hoje alunos, amanhã agentes de profunda transformação do mundo.

Por último, manifestar o nosso sincero e profundo agradecimento e reconhecimento aos que, pela colaboração e pelo amparo, tornaram este Relatório possível. Que este estudo possa ser útil a quem procure e deseje iniciar o conhecimento sobre Jesus, a quem se interesse hoje a encontrar a Primavera da Galileia.

## CAPÍTULO 1

### REFLEXÃO SOBRE A PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA

Refletir acerca da Prática de Ensino Supervisionada (PES) equivaleria a colocar todo o trabalho, preparação, motivação, execução e avaliação em ‘cima da mesa’. A PES da disciplina de EMRC consciencializou-nos, enquanto professores, para as questões emocionais, sociais, culturais, religiosas e espirituais – questão humana – dos alunos no processo pedagógico. Assumidas como dimensões constitutivas da pessoa, as aulas de EMRC encontram aqui o seu verdadeiro lugar, no amago deste reconhecimento<sup>2</sup>, uma vez que o desenvolvimento contínuo das pessoas e das sociedades deverá ser a mais importante finalidade e a mais essencial da educação e da escola<sup>3</sup>. Com base na intervenção de Delors, o professor Juan Ambroiso traduz:

“a presença e o trabalho (da EMRC) nas escolas têm por missão última contribuir para um desenvolvimento humano mais harmonioso, mais autêntico, de modo a fazer recuar a pobreza, a exclusão social, as incompreensões, as guerras. [...] Estamos e queremos estar nas escolas, de modo a promover um pleno desenvolvimento humano para o qual é necessário intervir no sentido da construção de uma sociedade mais equilibrada e de um futuro mais sustentável”.<sup>4</sup>

A reflexão que se faz da PES é a reflexão da presença da disciplina de EMRC na escola. As suas valências – finalidades, domínios e metas –, traduzido no seu contributo, “pode constituir um dos agentes mais fecundos de uma dinâmica profética na sociedade atual, já que aí, nessa ação e missão, se conjugam, de forma harmoniosa, três vetores fundamentais da identidade humana e cristã: a vida, a fé e a cultura”.<sup>5</sup>

A conclusão da reflexão da PES aplica-se ao conjunto de potencialidades que a disciplina de EMRC transmite, podendo assumir, no contexto da escola, uma dimensão

---

<sup>2</sup> Cf. J. VLOET, “Religião, espiritualidade e educação”, *Communio* XXIII, 4 (2006) 412.

<sup>3</sup> Cf. J. DELORS, *Educação, um tesouro a descobrir*. Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI, Edições ASA, Porto, 1996, 11.

<sup>4</sup> J. AMBROSIO, “Finalidades, Domínios de Aprendizagem e Metas Curriculares. Programa de EMRC, edição de 2014”, *Pastoral Catequética* 31/32 (2015) 65.

<sup>5</sup> J. LOURENÇO, “A dimensão profética da EMRC. A Escola, o Docente, o Educando. Sinais proféticos da EMRC”, *Pastoral Catequética* 31/32 (2015) 121.

profética, de interpelação, de desafio e de abertura ao futuro, contribuindo para a formação dos alunos como agentes ativos e dinâmicos numa sociedade tão padronizada e uniformizada<sup>6</sup>.

## **1. CONTEXTO – CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA E DA TURMA**

Pensar a Escola é pensar a sociedade<sup>7</sup>. No decreto de Lei nº 54/2018, de 6 de julho, sobre a Educação inclusiva, é possível ler-se a orientação necessária a concretizar para as escolas dos tempos de hoje: este decreto “tem como eixo central de orientação a necessidade de cada escola reconhecer a mais-valia da diversidade dos seus alunos, encontrando formas de lidar com essa diferença, adequando os processos de ensino às características e condições individuais de cada aluno”. A Escola é o lugar e tempo de aprendizagens, é o lugar e tempo de implementar e desenvolver uma cultura, a de encontros e de oportunidades.

No ano letivo 2018/2019 foram destacados para a Escola Básica (2,3) Damião de Góis, em Marvila – Lisboa, dois professores estagiários de EMRC. Foi nesta escola pública que decorreu a nossa PES, às terças-feiras, às dez da manhã, com a preparação e a verificação da planificação da aula, os seus conteúdos e estratégias de aprendizagem, e a lecionação às turmas do sexto ano de escolaridade. A PES terminava às catorze horas, com as apreciações justas, auto e heteroavaliações.

### **1.1. A Escola Básica (2,3) Damião de Góis - caraterização da escola**

A Escola Básica (2,3) Damião de Góis integrou o AEDD (Agrupamento de Escolas Dom Dinis, Lisboa) a vinte e seis de abril de dois mil e treze, e está situada na Rua Cassiano Branco, no Bairro dos Loios, em Marvila (Lisboa). A escola iniciou a sua atividade em 1983/84 e é constituída essencialmente por cinco pavilhões escolares.

---

<sup>6</sup> Cf. J. LOURENÇO, “A dimensão profética da EMRC”, 121.

<sup>7</sup> Cf. R. CANÁRIO, *O que é a escola? Um “olhar” sociológico*, Porto Editora, Porto, 2005, 51.

O pavilhão A, tem dois pisos. Nele se situam a sala de professores, a sala de Diretores de Turma, a sala de receção a Encarregados de Educação, a sala de Assistentes Operacionais, a Biblioteca, a sala TIC, a Direção, o arquivo e a reprografia.

Os pavilhões B e C, ambos de dois pisos, são constituídos por doze salas de aula cada. Aqui estão incluídos o laboratório de física e química, biologia, a sala de educação visual e a sala de educação tecnológica e a sala de música.

Do pavilhão D fazem parte o refeitório, a sala de alunos, a papelaria e a sala do GAAF (Gabinete de Apoio ao Aluno e à Família).

Conta ainda com um pavilhão gimnodesportivo e um campo exterior de jogos.

A oferta educativa nesta escola incluiu, no ano letivo 2018-2019, turmas dos 2.º e 3.º ciclos do ensino básico, um curso vocacional de 2.º ciclo de Desporto e Espaços Verdes, com as áreas de Jardinagem, Produção Agrícola e Desporto, e um curso vocacional de 3.º ciclo de Espaços Verdes, com as áreas de Jardinagem, Produção Agrícola e Manutenção de Campos de Golfe.

Funcionou ainda, durante esse mesmo ano letivo, o segundo ano de um Curso de Educação e Formação (CEF) de Jardinagem e Espaços Verdes.

A escola tem como patrono Damião de Góis (Alenquer, 2 de fevereiro de 1502 — Alenquer, 30 de janeiro de 1574), figura ímpar do Renascimento português. Foi humanista, historiador e epistológrafo, viajante, diplomata e alto funcionário régio, relevante personalidade do renascimento em Portugal. De mente enciclopédica, foi um dos espíritos mais críticos da sua época, verdadeiro traço de união entre Portugal e a Europa culta do século XVI. De realçar que na sua condição de humanista de grande audiência e de personalidade próxima da coroa, coube a Damião de Góis desempenhar o papel ativo de noticiar e legitimar, na Europa, as mudanças profundas e os novos equilíbrios que decorriam da expansão portuguesa, designadamente no Oriente. Assim ocorreu com a defesa da legitimidade do monopólio português das especiarias orientais, alvo de contestação na Europa. Num percurso de vida onde reencontramos tantos dos

desafios, encruzilhadas e contradições da vida portuguesa e europeia de Quinhentos, recorda-se, sem dúvida, Damião de Góis, como uma das grandes figuras do Renascimento português, na sua face mais irradiante e cosmopolita.

O Bairro onde se insere a escola foi projetado e construído para uma população prioritária ligada às Forças Armadas e Policiais e do Ministério da Justiça. No final da década de 60 e início da década de 70, o plano foi cumprido tendo também uma forte componente de famílias que migraram do Centro e Norte do país. Pós 25 de Abril, houve um surto de ocupação de casas na generalidade dos Bairros da Freguesia de Marvila que transformou a caracterização de base da população projetada. A pressão migrante em Lisboa e a falta de condições de habitabilidade em diversos espaços da cidade levou à criação de vários bairros sociais, incluindo a Freguesia de Marvila, e consequentes realojamentos. Na Freguesia vivem portugueses, guineenses, angolanos, moçambicanos, santomenses, cabo-verdianos, indianos e famílias de etnia cigana, muitos deles já de 2.<sup>a</sup> ou 3.<sup>a</sup> geração. Devido à diversidade cultural, ética e racial e aos problemas que foram surgindo no espaço escolar, o Agrupamento de Escolas D. Dinis herdou a tipologia TEIP3 (Território Educativo de Intervenção Prioritário, fase 3) do anterior Agrupamento de Escolas Damião de Góis. Os alunos que frequentam a escola são na sua maioria residentes do bairro, havendo grande parte destes carências sociais, onde é notório as dificuldades financeiras.

Toda a vivência e experiência decorridas ao longo do ano letivo na escola Damião de Góis, ofereceu-nos declarar ser o lugar por excelência da humanização, traduzindo um exemplo de Escola. A proximidade e a relação vividas entre professores, alunos e auxiliares, durante as terças-feiras, corporizavam, e certamente que continuarão a concretizar, mesmo que despercebida pela maioria dos alunos ou mesmo das pessoas que lá possam passar, o objetivo atual da missão da Escola: promover a dignidade da pessoa humana, aproximando os alunos e toda a comunidade escolar das situações da vida e do mundo, acompanhando, desse modo, a evolução da sociedade, os sinais dos tempos, (trans)formando os seus alunos em cidadãos

ativos, responsáveis e conscientes para a ação do mundo<sup>8</sup>. Deste modo, a escola Damião de Góis ajuda a promover uma cultura científica e artística de base humanista<sup>9</sup>, desenvolvendo o respeito, a aceitação e a relação entre o meio multicultural, que caracteriza a escola e o perfil do aluno do século XXI.

## **1.2. As turmas A, B e C do 6.º ano – caracterização da turma**

A turma da Prática de Ensino Supervisionada (PES) foi constituída pelas três turmas do sexto ano de escolaridade da Escola Damião de Góis (6.º A, B e C). Compuseram a turma A, seis rapazes e cinco raparigas; a turma B, cinco rapazes e três raparigas; e a turma C, sete raparigas. Perfez um total de onze rapazes e quinze raparigas, num universo de vinte e seis alunos. A idade dos alunos que frequentaram a disciplina foi de onze anos, havendo um rapaz com catorze anos e outro com quinze e, uma rapariga com doze anos.

Feito um pequeno estudo numa das aulas, conseguimos averiguar que os alunos que frequentaram a disciplina tinham, em média, dois a três irmãos; o agregado familiar seria composto pelo núcleo familiar (mãe, pai e irmãos); ambos os pais se encontravam empregados (as habilitações académicas dos pais seriam, na maioria, o ensino básico – 4.º a 9.º ano) – considerámos a percentagem de pais com o ensino secundário e superior (cerca de um terço). No que concerne à liberdade e à opção religiosas, apenas um aluno afirmou ser descrente; treze alunos confessaram-se cristãos católicos e nove disseram-se não católicos. No que respeita à motivação escolar foi-nos possível apurar um fraco estímulo. O empenho e a vontade dos alunos não se revelaram suficientes ao ponto de a escola conseguir ser uma realidade provocativa e sagaz para os mesmos. Numa variada lista de opções, a maioria dos alunos colocou os itens ‘escola’, ‘estudar’ e ‘tpc’ como os que não gostavam de ‘fazer/frequentar’. Ao invés, a atividade predileta da maioria dos alunos (quase a totalidade) tinha consistido em ‘estar ao telemóvel’.

---

<sup>8</sup> Cf. R. ARENDS, *Aprender a Ensinar*, Mc Graw-Hill, Lisboa, 2008, 17.

<sup>9</sup> G. O. MARTINS (coord.), *Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória*, Lisboa, Ministério da Educação, 2018, 10.

Essa realidade introduziu-nos a um pensamento sobre o porquê da desmotivação escolar. Seria o paradigma escolar estagnado, não acompanhando a evolução e a mudança dos tempos e as suas necessidades. Pensámos que seria oportuno lembrar o testemunho da Professora Rita Pierson<sup>10</sup>, debruçando-se sobre a aprendizagem dos alunos:

“Sabemos porque é que as crianças desistem da escola, sabemos porque é que não aprendem! Ou é a pobreza, ou a falta de assiduidade, ou influências negativas. E o valor e a importância da ligação humana, de relacionamentos?

James Comer diz que nenhuma aprendizagem significativa pode ocorrer sem existir um forte relacionamento.

George Washington Carver replica que toda a aprendizagem passa por entender os relacionamentos.

De certa maneira, ao longo da nossa vida, qualquer um de nós foi influenciado por alguém, neste caso, por um professor ou por um adulto (...) As crianças não aprendem com pessoas de quem não gostam. Cada criança merece um herói, um adulto que nunca desista deles, que perceba o poder das ligações, e que insista que eles se tornem no melhor que podem ser. Nascemos (professores) para fazer a diferença! Somos chamados a fazer parte e a deixar um legado de relacionamentos”.<sup>11</sup>

Apraz-nos partilhar que no início do terceiro período recebemos uma aluna nova na escola Damião de Góis, a Paola, que tinha vindo para Portugal, havia duas semanas, oriunda da Venezuela, devido à situação e às crises política e social do país. Integrada numa das turmas do sexto ano, através das rápidas e primeiras amizades que tinha feito, decidiu, influenciada, frequentar, mesmo sem se ter inscrito, a disciplina de EMRC. Não sabíamos ao certo no que iria resultar, mas a Paola continuou a frequentar as aulas de EMRC. Na vigésima oitava aula do ano letivo, sobre o tema da “Fome e a injusta distribuição dos bens” (referente à Unidade Letiva 3 - A partilha do pão), durante a apresentação à turma de um trabalho individual, a Paola

---

<sup>10</sup> Rita Pierson foi uma professora conceituada e respeitada no Texas (EUA). Lecionou nos ensinos básico e secundário e especializou-se em educação especial. Concluiu o mestrado e o doutoramento em Educação pela Texas Southern University. Experimentou os diversos cargos da hierarquia escolar, e nos últimos tempos conciliou a sua atividade profissional com seminários, workshops e conferências sobre o desenvolvimento profissional. Rita Pierson ficou conhecida por ‘lutar’ pelo vínculo entre professor-aluno. Nasceu a 27 de outubro de 1951 em Houston, Texas (EUA). Lecionou desde 1972 e faleceu a 28 de junho de 2013.

<sup>11</sup> R. PIERSON, R. PIERSON, Every kid needs a champion, (vídeo) TED Talks Education, Maio 2013, (06:38 min.). Disponível em [https://www.ted.com/talks/rita\\_pierson\\_every\\_kid\\_needs\\_a\\_champion/transcript#t-53604](https://www.ted.com/talks/rita_pierson_every_kid_needs_a_champion/transcript#t-53604)

partilhou a situação vivenciada na Venezuela. Apelou à sensibilidade dos governantes das nações, consciencializou a restante turma e por fim agradeceu a surpresa e a importância da disciplina de EMRC de onde tinha encontrado o espaço para pensar e refletir sobre si, sobre os outros e acerca do mundo.

Observámos a grande participação dos alunos na disciplina, mesmo que por vezes desordenada, que concluímos ter sido fruto do interesse e da razão das suas inscrições nesta disciplina de oferta obrigatória e frequência opcional. Os alunos destacaram a alegria que sentiram em frequentar a disciplina de EMRC, referindo, os próprios, ter sido uma disciplina diferente das restantes. Embora o tempo letivo da disciplina não fosse o mais profícuo, uma vez que se encontrava em horário de almoço (meio dia e vinte e cinco) a presença dos alunos à terça-feira foi constante e assídua. Pareceu-nos, pois, que a EMRC no 6.º ano da Damião de Góis desfrutou de uma valência humana de qualidade, relação professores-alunos, permitindo a construção e a edificação da disciplina nos estádios de crescimento dos alunos e, conseqüentemente, a sua solidificação no contexto escolar. No final de contas, ensinar e aprender deve proporcionar alegria!

## **2. SOBRE A EXPERIÊNCIA LETIVA**

Note-se que, segundo a ‘profecia’ de R. Arends, encontramos neste ponto: “Aos professores do século XXI será exigida proficiência em vários domínios (escolar, pedagógico, social e cultural) e também que sejam profissionais com capacidades de reflexão e de resolução de problemas”<sup>12</sup>. Olhamos para o contexto atual, todo o seu movimento, todas as suas transformações e corroboramos com o Professor Arends.

---

<sup>12</sup> R. ARENDS, Aprender a Ensinar, 8.

## 2.1. Experiência letiva e percurso da PES

Sobre a experiência letiva na PES, igualo as nossas palavras às de Pedro Rocha e Melo<sup>13</sup>, no seu artigo sobre a ‘educação hoje’<sup>14</sup>.

Iniciei a minha atividade letiva em 2015 com a responsabilidade e a lecionação da oferta complementar de componentes do currículo denominada Formação Humana, da instituição Externato da Luz, em Lisboa. Desde cedo existiu um excelente e frutífero trabalho e apoio transversais com os colegas da disciplina de EMRC. Hoje, passados cinco anos sublinho a grande complementaridade que existe entre, digamos assim, ambas as disciplinas. Aquando da redação deste Relatório, encontro-me a lecionar a disciplina de ‘Cidadania e Desenvolvimento’, disciplina introduzida no currículo escolar “a fim de responder às exigências destes tempos de imprevisibilidade e de mudanças aceleradas”<sup>15</sup>, como selado na Estratégia Nacional de Educação para a Cidadania (ENEC). Acredito que a EMRC e a Cidadania e Desenvolvimento são duas disciplinas com um forte contributo para

“tornar a Escola, cada vez mais, num lugar e num tempo de encontros e oportunidades. É reconhecer que este é o maior património que temos para oferecer; é reconhecer que esta é uma necessidade fundamental no acompanhamento de cidadãos conscientes, capazes e felizes”<sup>16</sup>.

O percurso da PES ajudou-me a aprofundar a missão e a identidade do professor, e do professor de EMRC, em particular. Ajudou a fortalecer-me na atividade profissional, procurando servir os meus alunos conforme as suas necessidades. O percurso da PES fez-me

---

<sup>13</sup> Pedro Rocha e Melo, um jovem formado em Educação pela Universidade Nova de Lisboa. Está a fazer o Doutoramento em Filosofia da Educação na mesma instituição. Foi investigador assistente do Prof. Roberto Carneiro num projeto relacionado com o Relatório Delors (1996). Fundou recentemente a Academia TEN onde acompanha crianças e jovens no seu desenvolvimento emocional e social em contexto de estudos, artes e desporto. Paralelamente, pertence à Direção da Casa da Árvore, uma creche privada situada no Restelo.

<sup>14</sup> Cf. P. R. MELO, «Escola: lugar e tempo de encontros e oportunidades», acessido a 18 de dezembro de 2019, <https://observador.pt/opiniao/escola-lugar-e-tempo-de-encontros-e-oportunidades/>.

<sup>15</sup> R. MONTEIRO (coord.), *Estratégia Nacional de Educação para a Cidadania*, Ministério da Educação, Lisboa, 2017, 2. Disponível em: [https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Projetos\\_Curriculares/Aprendizagens\\_Essenciais/estrategia\\_cidadania\\_original.pdf](https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Projetos_Curriculares/Aprendizagens_Essenciais/estrategia_cidadania_original.pdf)

<sup>16</sup> P. R. MELO, «Escola: lugar e tempo de encontros e oportunidades».

acreditar que não só é possível pensar mas também viver “a Escola como um lugar onde se dão encontros verdadeiros, momentos de *human connection*”<sup>17</sup>, que possibilita criar laços.

“- Sim, laços – disse a raposa. – Ora vê: por enquanto tu não és para mim senão um rapazinho perfeitamente igual a cem mil outros rapazinhos. E eu não preciso de ti. E tu também não precisas de mim. Por enquanto eu não sou para ti senão uma raposa igual a cem mil outras raposas. Mas, se tu me cativares, passamos a precisar um do outro. Passas a ser único no mundo para mim. E eu também passo a ser única no mundo para ti [...]”<sup>18</sup>

O percurso da PES ficou assinalado por desafios, dificuldades, aprendizagens e alegrias. Como dizia R. Arends “aprender a ser professor é uma viagem longa e complexa, repleta de desafios e emoções”.<sup>19</sup> Desafios esses que resultaram em adaptar e criar mecanismos e estratégias que levassem à compreensão e à aprendizagem dos alunos, face aos conteúdos a lecionar. Agora, penso perceber melhor o que Ken Robinson<sup>20</sup> quis dizer com “a criatividade é tão importante no ensino como a literacia, e devemos tratá-la ao mesmo nível”.<sup>21</sup> Isto porque a educação deve levar-nos a um futuro que ainda não compreendemos, mas podemos e devemos estar preparados, a fim de conseguirmos algo de original. Nisto, estaremos a educar os nossos alunos na totalidade, para que possam encarar o futuro, para que possam fazer algo dele, algo com ele.

As dificuldades, presentes no dia-a-dia do professor, procurando fugir ao modelo padrão de ensino estandardizado, ou o chamado modelo *fast food*<sup>22</sup>, e procurar facilitar a aprendizagem

---

<sup>17</sup> R. PIERSON, Every kid needs a champion, (vídeo) TED Talks Education, Maio 2013, (07:30 min.). Disponível em [https://www.ted.com/talks/rita\\_pierson\\_every\\_kid\\_needs\\_a\\_champion/transcript#t-53604](https://www.ted.com/talks/rita_pierson_every_kid_needs_a_champion/transcript#t-53604).

<sup>18</sup> A. SAINT-EXUPÉRY, *O Príncipezinho*, Lisboa, ed. Aster, 4.º ed, 68.

<sup>19</sup> R. ARENDS, Aprender a Ensinar, Prefácio XV.

<sup>20</sup> (Sir) Ken Robinson nasceu a 04 de março de 1950, em Liverpool, Reino Unido, e vive em Los Angeles, Califórnia. Foi professor de educação artística na Universidade de Warwick, no Reino Unido. Atualmente é professor emérito. Em 1999, liderou uma comissão nacional de criatividade, educação e economia para o governo do Reino Unido. Coordenou projetos nacionais e internacionais de educação criativa e cultural no Reino Unido, Europa, Ásia e Estados Unidos da América. A personificação da prestigiada Conferência TED e o seu compromisso com a divulgação de novas ideias, tornou-o o orador mais assistido na história do TED Talk. A sua palestra de 2006, “As escolas matam a criatividade” foi vista on-line por mais de 60 milhões de vezes e vista por cerca de 380 milhões de pessoas em 160 países.

<sup>21</sup> K. ROBINSON, Schools kills creativity, (vídeo) TED Talks Education, Fevereiro 2006, (19:24 min). Disponível em [https://www.ted.com/talks/sir\\_ken\\_robinson\\_do\\_schools\\_kill\\_creativity?language=pt#t-1140869](https://www.ted.com/talks/sir_ken_robinson_do_schools_kill_creativity?language=pt#t-1140869).

<sup>22</sup> Segundo Ken Robinson, o modelo *fast food* retrata a estandardização do modelo de ensino. «Construímos os nossos sistemas educativos segundo o modelo *fast food*. Jamie Oliver falou sobre isto no outro dia. Há dois modelos de garantia de qualidade na restauração. Um é o *fast food* em que tudo é estandardizado. O outro são os restaurantes tipo Zagat e Michelin, em que nada é estandardizado, são personalizados segundo as circunstâncias

chegando a cada aluno conforme as suas necessidades, criando, assim, condições que permitam o desabrochar do aluno e do seu futuro é o modelo baseado nos princípios da agricultura<sup>23</sup>. Nisto, estaremos a transformar as dificuldades em oportunidades.

As aprendizagens são fundamentais para o aprofundamento e o crescimento pessoal, profissional e, conseqüentemente, para a aprendizagem dos alunos. “Os professores devem ser capazes de estar em permanente processo de aprendizagem, à medida que o conhecimento necessário à execução do seu trabalho se modifica, em função de novos desafios e do progresso da ciência e da tecnologia”.<sup>24</sup> Este processo de aprendizagem aconteceu, durante a PES, também pelo acompanhamento e pela partilha de saberes e vivências quer com o professor cooperante, quer com o professor estagiário. Experimentei, desta forma, o que R. Arends denominou de ensino eficaz – “observar ativamente outros professores no exercício da sua profissão, de se envolver em diálogos sobre o ensino e de refletir sobre as suas próprias experiências de ensino, bem como sobre as dos outros”.<sup>25</sup> Aprendizagens também adquiridas no contacto com os alunos, aprimorando a sensibilidade do ensino e da sua ação. Mas fundamentalmente, a aprendizagem de que para educar é preciso viver entusiasmado por conhecer e descobrir, acreditando que é possível ultrapassar as nossas limitações e ir mais além. O veredicto do P. Manuel Antunes narra que educar é “suscitar dinamismos e inquietações, projetar significações e intencionalidades, contribuir para a busca indefinida [...] da liberdade e da verdade [...]”.<sup>26</sup>

---

loais. Temo-nos vendido a um modelo de *fast food* de ensino. Isso está a empobrecer o nosso espírito e as nossas energias, tal como o *fast food* está a destruir os nossos corpos». K. ROBINSON, Bring on the learning revolution, (vídeo) TED Talks Education, fevereiro 2010, (16:48 min). Disponível em [https://www.ted.com/talks/sir\\_ken\\_robinson\\_bring\\_on\\_the\\_learning\\_revolution#t-758231](https://www.ted.com/talks/sir_ken_robinson_bring_on_the_learning_revolution#t-758231).

<sup>23</sup> Para Ken Robinson é urgente cuidar o desenvolvimento humano de cada aluno, segundo as suas necessidades. A isso chama de modelo baseado nos princípios da agricultura. «Temos de abandonar o que é um modelo industrial de ensino, um modelo de fabrico que se baseia na linearidade e na conformidade e num processo em série. Temos de mudar para um modelo baseado nos princípios da agricultura. Temos de reconhecer que o crescimento das pessoas não é um processo mecânico, é um processo orgânico. Não podemos prever o resultado do desenvolvimento humano; o que podemos fazer, tal como um agricultor, é criar as condições que permitam o seu desabrochar. Quando pensamos em reformar e transformar o ensino, não é como clonar um sistema. Tem tudo a ver com a adaptação às circunstâncias da altura e com a personalização do ensino de acordo com os alunos.» K. ROBINSON, Bring on the learning revolution, (vídeo) TED Talks Education, fevereiro 2010, (16:48 min). Disponível em [https://www.ted.com/talks/sir\\_ken\\_robinson\\_bring\\_on\\_the\\_learning\\_revolution#t-758231](https://www.ted.com/talks/sir_ken_robinson_bring_on_the_learning_revolution#t-758231).

<sup>24</sup> R. ARENDS, Aprender a Ensinar, 8-9.

<sup>25</sup> R. ARENDS, Aprender a Ensinar, Prefácio XVI.

<sup>26</sup> R. Q. MELO, «Neurónios e Educação», acedido a 22 de janeiro de 2020, <https://pontosj.pt/opiniao/neuronios-e-educacao/>.

As alegrias, as gratidões por contribuir para a formação e o crescimento de crianças e jovens, por auxiliar a desenvolver a autonomia de pensamento crítico e consequentemente por receber dos alunos partilhas que desse pensamento derivam, que nos ajudam a reconhecer e a valorizar o nosso papel de educadores: o valor da presença que ajuda a abrir caminho, que abre perspectivas e, muito importante, que confia e acredita em cada um deles.

Gostaríamos de realçar o agradável e simpático acolhimento por parte de toda a comunidade educativa da Damião de Góis – funcionários auxiliares de grande estima, colegas professores de simpática presença e comunicação – em especial, da generalidade dos alunos da escola, durante o percurso do estacionamento até ao pavilhão dos professores, ou até à sala de aula de EMRC, ou ainda no recreio, nas rápidas visitas à escola. Assumindo as particularidades existentes nesta escola, esta ocupa o lugar de relevo na formação e integração das novas gerações, futuros cidadãos ativos da sociedade. Se serão ou não cidadãos ativos, não sabemos, mas se a nossa passagem por lá ajudou a criar, ou a despontar ou a aprimorar uma cultura de interioridade, capacitando os alunos no sentido de os próprios construírem o discernimento necessário à escolha das atitudes diárias deixando a sua marca na construção de um mundo mais justo e fraterno, consideramos parte da missão cumprida. Para isso voltamos ao início, “só se educa e ensina verdadeiramente em relação. Essa será, talvez, a maior exigência de todas para quem trabalha na Escola; esse é certamente o maior património da Escola!”<sup>27</sup>

Podemos concluir, com as palavras do Professor Rodrigo Queiroz e Melo<sup>28</sup>, embebidas pela missão do Papa Francisco que

---

<sup>27</sup> P. R. MELO, «Escola: lugar e tempo de encontros e oportunidades».

<sup>28</sup> Rodrigo Queiroz e Melo é Professor auxiliar da Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Católica Portuguesa (FCH-UNL), onde coordena o Mestrado em Administração Escolar. É também Diretor Executivo da Associação de Estabelecimentos de Ensino Particular e Cooperativo (AEEP) e vogal da Direção da Confederação Nacional da Educação e Formação (CNEF). Coordenou o projeto QUALIS de auto-avaliação das escolas dos Açores e participou na equipa de avaliação externa da Iniciativa Novas Oportunidades, onde coordenou o Eixo III. Foi membro do Observatório do Plano Tecnológico da Educação e pertence à equipa científica e técnica do Programa Aves (avaliação de escolas com ensino secundário) da Fundação Manuel Leão. Lecionou fiscalidade no Instituto Superior de Gestão, onde coordenou o Departamento de Ensino a Distância. Foi Chefe de Gabinete da Ministra da Educação do XVI Governo. É licenciado em Direito e mestre e doutor em Ciências da Educação, especialização em Administração e Gestão Escolar. É perito da CAf Educação no European Institut of Public Administration. Publicou vários artigos e partes de livros sobre o sistema educativo português e sobre a escola numa perspetiva organizacional.

“aprender é um processo interior que exige interesse, esforço, treino e aperfeiçoamento. É um processo que necessita da mobilização da nossa cabeça, mas antes disso do nosso coração e depois das nossas mãos. E ensinar? Ensinar é um processo semelhante. Também exige interesse, esforço, treino e aperfeiçoamento. E também necessita da mobilização da nossa cabeça, mas antes disso do nosso coração e depois das nossas mãos”.<sup>29</sup>

## **2.2. As aprendizagens realizadas no âmbito da PES**

A PES foi o espaço onde pude aprofundar as minhas poucas competências enquanto professor e começar a desenvolver prática na lecionação da EMRC.

A primeira nota que faço diz respeito à importância de elaborar as planificações de aula. São, sem sombra de dúvida, um forte aliado organizacional do professor, uma ferramenta que ajuda a orientar o tempo letivo, para que possamos afirmar como R. Arends que “a planificação é a chave para a superação da maior parte dos problemas de gestão da sala de aula”.<sup>30</sup> Estando num constante processo de aprendizagem e de sede de conhecimento nesta atividade profissional, experienciei que a planificação antevê o ‘estudo do caso’ para que na hora ‘fatídica’ da aula pudesse estar minimamente preparado para orientar e mediar a turma e o plano da aula, com os seus objetivos. É disso que deriva o estudo de Jorge Pereira<sup>31</sup> sublinhando que “um professor não deveria apresentar-se perante uma turma sem conhecer minimamente a matéria científica que vai explorar”<sup>32</sup>, caso contrário, não terá a capacidade de contribuir para que aqueles momentos de aula marquem a vida dos seus alunos e, conseqüentemente, terá em mãos um pouco da responsabilidade pela morte da disciplina.

Depois, ainda nesta ‘categoria’ da prática letiva, o processo de reestruturação dos saberes a lecionar para uma linguagem que se queira credível, simples e atrativa, e conseqüentemente, a construção de materiais e estratégias.

---

<sup>29</sup> R. Q. MELO, «Educar pelo interesse e para o espanto», acessado a 23 de janeiro de 2020, <https://pontosj.pt/opiniao/educar-pelo-interesse-e-para-o-espanto/>.

<sup>30</sup> R. ARENDS, Aprender a Ensinar, 47.

<sup>31</sup> Jorge Augusto Paulo Pereira é licenciado em Teologia e em Línguas e Literaturas Modernas e mestre em Linguística. Foi professor de EMRC no Ensino Básico, e docente de Didática de EMRC e coordenador de estágio no Instituto de Ciências Religiosas, Faculdade de Teologia da Universidade Católica Portuguesa, Lisboa.

<sup>32</sup> J. A. P. PEREIRA, «Intencionalidade e Pedagogia no Programa», Pastoral Catequética 21/22 (2011-2012) 44.

Deparar-se com um leque de comportamentos desordenados e adaptar-se ao contexto procurando mecanismos de prevenção e solução foi outra realidade e aprendizagem adquirida com a PES. Nestes casos, foi importante, interiormente, lembrar-me e transpor o poema “Tecidos do céu” de W.B.Yeats<sup>33</sup> para agir e mediar decidida e delicadamente na história e nos sonhos dos ‘meus’ alunos, que tão correntemente me são confiados. Este dita da seguinte forma:

“Tivesse eu os tecidos bordados dos céus, / Lavrados com o ouro e a prata da luz, / Os tecidos azúis e turvos e de breu / Da noite e da luz e da meia luz / Estenderia esses tecidos a teus pés. / Mas eu, que sou pobre, / Apenas tenho os meus sonhos; / São os meus sonhos / Que estendi a teus pés; / Sê suave ao pisar / Que pisas os meus sonhos.”

Aqui, aprendi, ainda, que na prática de ensino o professor deve ser possuidor de valências, valores e competências humanas, procurando aproximar cada aluno.

Afirmou Ken Robinson que “os bons professores além de transmitirem informação, orientam, estimulam, provocam e envolvem. Ensinar é uma profissão criativa.”<sup>34</sup> É dessa atitude de responsabilidade e compromisso do professor para com a realidade Escola, que se constrói sociedade, sustentando “uma educação escolar em que os alunos desta geração global constroem e sedimentam uma cultura científica e artística de base humanista”.<sup>35</sup>

Do que para trás ficou escrito, a PES imprimiu um caráter prático do ensino. Despertou-me para a urgente necessidade de orientar consciências e personalidades<sup>36</sup> e consagrou a presença do ensino religioso na Escola, num sistema que poderíamos denominar, como no Corpo Nacional de Escutas (CNE) - Escutismo Católico Português, de FACEIS - o sistema de objetivos educativos para o desenvolvimento das dimensões ou, simplesmente, o projeto

---

<sup>33</sup> W.B.Yeats foi um poeta, dramaturgo e místico irlandês do século XIX. Foi ainda senador irlandês e galardoado com o Nobel da Literatura de 1923. O poema por nós rematado nesta reflexão da docência e lecionação é o «Tecidos do céu».

<sup>34</sup> K. ROBINSON, How to escape education’s death valley, (vídeo) TED Talks Education, abril 2013, (19:11 min). Disponível em [https://www.ted.com/talks/sir\\_ken\\_robinson\\_how\\_to\\_escape\\_education\\_s\\_death\\_valley#t-184220](https://www.ted.com/talks/sir_ken_robinson_how_to_escape_education_s_death_valley#t-184220).

<sup>35</sup> G. O. MARTINS (coord.) Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória – Referencial para as Decisões a Adotar por Decisores e Atores Educativos ao Nível dos Estabelecimentos de Educação e Ensino e dos Organismos Responsáveis pelas Políticas Educativas, Ministério da Educação – Direção Geral da Educação, 2017, 10.

<sup>36</sup> cf. LEI 46/86 de 14 de outubro, *Lei de Bases do Sistema Educativo*, Diário da República n.º 237/1986, Série I de 1986-10-14, art. 2.º.

pedagógico que visa trabalhar as diferentes parcelas do ser: o físico, relacionado com a responsabilização pelo crescimento e bom funcionamento do organismo; o afetivo, respeitante aos sentimentos individuais e à capacidade de os expressar de modo a obter e manter um sentimento de liberdade, equilíbrio e maturidade emocional; o carácter, face às responsabilidades para consigo mesmo, às escolhas de objetivos e ao direito ao autodesenvolvimento, à aprendizagem e ao crescimento em busca de felicidade, respeitando os outros; o espiritual, que se prende com o aprofundamento do conhecimento espiritual e a compreensão da herança moral da nossa comunidade, descobrindo a realidade mística que dá significado à vida e retirando conclusões para o dia-a-dia, mantendo o respeito pelas opções religiosas de outros; o intelectual, que integra o desenvolvimento da capacidade de raciocínio, de inovação e do uso original da informação, relacionando-se ainda com a capacidade de adaptação a novas situações; e o social, que diz respeito à compreensão do conceito de interdependência social e ao desenvolvimento da capacidade de cooperar e liderar.<sup>37</sup>

### **3. A UNIDADE LETIVA 2 *JESUS, UM HOMEM PARA OS OUTROS* DO 6.º ANO**

O programa da disciplina de EMRC do 6.º ano de escolaridade conduz-nos à descoberta das diversas parcelas ou dimensões do ser. Após fazermos um breve apontamento sobre o programa deste nível escolar, iremos procurar enquadrar a UL 2, por nós desenvolvida no percurso da PES, refletir e fundamentar a sua pertinência na lecionação e no desenvolvimento do aluno, como marco, testemunho e realidade da vida humana. Procuraremos concluir que o projeto proposto por Jesus, o projeto da sua vida desenvolve-se numa educação integral do ser humano, e que apelidamos ser a missão da escola.

---

<sup>37</sup> Cf. CNE – Secretaria Nacional Pedagógica, *Projeto Educativo*. Manual do Dirigente, CNE, 2010. [02 jan. 2020, 15:00]. Disponível em: [http://leiria.cne-escutismo.pt/web/source/doc/CNE\\_PROJECTO\\_EDUCATIVO\\_MANUAL\\_DO\\_DIRIGENTE.pdf](http://leiria.cne-escutismo.pt/web/source/doc/CNE_PROJECTO_EDUCATIVO_MANUAL_DO_DIRIGENTE.pdf).

### **3.1. Breve apontamento sobre o programa do 6.º ano**

O programa da edição de 2014<sup>38</sup> do 6.º ano de EMRC é composto por três Unidades Letivas: UL1 *A Pessoa Humana*; UL2 *Jesus, um homem para os outros*; UL3 *A Partilha do Pão*. Numa rápida análise poderíamos afirmar ser um programa repartido em três etapas: primeiro, procura com que o aluno descubra e interprete a sua própria pessoa, e se assuma como tal; depois, conheça e contacte com o exemplo de entrega, dádiva e relação com o outro, que é Jesus; por fim, possa o mesmo ser agente de partilha e de ação no mundo, reconhecendo quem é, quem os outros são, segundo o compêndio dos princípios cristãos da Igreja, os princípios do projeto de Jesus.

### **3.2. Enquadramento da Unidade Letiva 2 no programa**

O específico da UL 2 *Jesus, um homem para os outros* é a sua centralidade e referência a Jesus, o Mestre. A partir da especificidade de Jesus é proporcionada aos alunos uma educação de oportunidades e de encontros, orientando-se segundo as seguintes metas: B. construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história; E. identificar o núcleo central do cristianismo e do catolicismo; K. reconhecer exemplos relevantes do património artístico criados com um fundamento religioso; e M. reconhecer a proposta do agir ético cristão em situações vitais do quotidiano.

O percurso do programa do 6.º ano conduz o aluno ao estudo e à compreensão da questão da existência da pessoa humana sustentada na dimensão relacional, a interação e a intervenção humanas (consigo mesmo - pessoal; com os outros - social e cultural; com o transcendente - espiritual e religioso). Por sua vez, a UL2, que procura desde a história até à teologia e ao concreto da vida humana tornar presente o projeto de Jesus como selo indelével

---

<sup>38</sup> Cf. SECRETARIADO NACIONAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ, Programa de Educação Moral e Religiosa Católica, SNEC, Moscavide, 2014.

da cultura e da ação humana, autentica a preciosidade da pessoa, que defende e eleva a dignidade humana.

### **3.3. Reflexão, lecionação e pertinência pedagógica da Unidade Letiva 2**

A UL2 foi por nós explorada e dinamizada no segundo período – de janeiro a abril de dois mil e dezanove – sucedendo à UL1 *A pessoa humana* e precedendo à UL3 *A partilha do pão*.

Tendo como principal referência a figura de Jesus de Nazaré, esta Unidade Letiva pôde oferecer e proporcionar uma enriquecedora aprendizagem da história, cultura e religião, não só do tempo de Jesus e sobre Jesus mas também da própria história da humanidade, concludentemente da atualidade. Reconhecer em Jesus e em toda a sua vida, a sua influência na história da humanidade como marco identitário é, a nosso ver, autenticar a qualidade de ensino nas escolas, uma vez que cuida de uma dimensão humana que é, muitas vezes, descurada pelo seu espaço metafísico, a dimensão espiritual e a dimensão religiosa. Por isso, apresentar, transmitir, conhecer, trabalhar e explorar o projeto de vida e de ação de Jesus na Escola é (trans)formar cidadãos bondosos, que possam marcar a diferença, passando a fazer o bem ao seu redor. Aproximar e aprimorar o conhecimento sobre Jesus e a sua práxis na Escola, através da lecionação é despertar para a curiosidade de as várias áreas do saber humano – arte, ciência, humanística – terem encontrado neste Homem e na sua ação, fonte de conhecimento, sabedoria e valor para orientar e mediar a sociedade. Este, parece-nos ser o contributo pedagógico que esta UL *Jesus, um homem para os outros* comporta: conhecer o passado (de Jesus e da História) a fim de interpretar o presente e procurar construir o futuro. Nesta ótica, seria possível transmitir a herança cultural e religiosa, aos alunos, que marcou e continua a marcar a história da humanidade. O já falecido Cardeal Patriarca D. José Policarpo indicava que o enfoque escolhido para falar da Escola e da religião seria o da cultura, uma vez que esta exprime e define a identidade de um povo, de onde deriva a sabedoria, a dimensão ética da existência humana e

a compreensão global da sua história enquanto povo<sup>39</sup>. Uma vez que, como afirma o Dr. Guilherme d'Oliveira Martins, “o lugar da cultura é o lugar do encontro e do diálogo e a fidelidade histórica obriga à abertura e à compreensão”<sup>40</sup>, a disciplina de EMRC tem a responsabilidade e a incumbência de oferecer à escola e aos alunos todo este conhecimento desta narrativa do projeto e mensagem de Jesus, como narrativa de tradição, mediação e transmissão cultural. Assim, a disciplina de EMRC faria jus às palavras de Joseph Ratzinger, citado por Isabel Varanda: “a religião é um elemento essencial da cultura, ela é a sua própria alma”.<sup>41</sup>

Também para mim, a Unidade Letiva trouxe novas e ricas aprendizagens: saber como desenvolver os conteúdos de maneira acessível, dinâmica, lógica e autêntica para uma melhor aprendizagem dos alunos. Talvez aqui, uma das maiores preocupações sentidas ser a de incidir numa linguagem e num percurso catequéticos. Sobre esta questão, muitos foram os esforços criativos e ponderados nas estratégias e nos materiais adotados. Re-aprender os conteúdos a ensinar foi uma tarefa exigente, necessária e enriquecedora, na busca da construção da integralidade do aluno.

Na UL 2 *Jesus, um homem para os outros*, os alunos devem ficar capazes de: Identificar Jesus Cristo como um marco na história; Identificar como elemento fulcral da mensagem cristã o Deus misericordioso; Interpretar, a partir das narrativas bíblicas, os dados histórico-sociais da morte e ressurreição de Jesus; Assumir o valor da vida em situações do quotidiano<sup>42</sup>.

O processo de gestão da lecionação foi construído e planificado segundo o programa de Educação Moral e Religiosa Católica (2014) e a sequência do Manual de EMRC do 6.º ano de escolaridade, selecionando os seus objetivos e conteúdos. Foram definidas doze aulas de lecionação desta Unidade Letiva. Deste modo e para trabalhar o objetivo *1.Reconhecer a*

---

<sup>39</sup> J. C. POLICARPO, “Cultura, Escola e Religião”, *Pastoral Catequética* 31/32 (2015) 18-19.

<sup>40</sup> G. O. MARTINS, “Lugar da Cultura, lugar da Pessoa”, *Pastoral Catequética* 31/32 (2015) 136-137.

<sup>41</sup> I. VARANDA, “Multiculturalidade e diversidade religiosa. Novos desafios para a Escola e as religiões”, *Communio* XXIII 4(2006) 397.

<sup>42</sup> Cf. SECRETARIADO NACIONAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ, Programa de Educação Moral e Religiosa Católica, SNEC, Moscavide, 2014, 66. Doravante citado como Programa de EMRC.

*relação com Jesus de Nazaré como o centro da identidade cristã* foi fundamental avultar que para o cristão o essencial da identidade e da vivência cristãs é celebrar o acontecimento ‘Jesus’ e tudo o que se relaciona com Ele, ou seja, assinalar a memória de Jesus nos vários acontecimentos cristãos do calendário é o que realmente edifica o cristão, primeiro por uma abordagem profética, ou seja, prestar atenção e procurar atravessar os grandes temas da nossa humanidade de forma interpelativa, desafiante e aberta ao futuro, contribuindo para a formação dos alunos como agentes ativos e dinâmicos na sociedade e depois como marco na história e na cultura humana. Desta referência histórica e cultural de Jesus resulta o núcleo central da mensagem cristã, a identificação do Deus misericordioso, anunciado por Jesus (objetivo 2.), e fundamentado através da interpretação dos textos sagrados da Bíblia (objetivo 3.), que vão construir a leitura religiosa da pessoa, da vida e da história, reconhecendo a Ressurreição de Jesus como vitória da Vida sobre a morte (objetivo 4.). Todo este percurso visa mobilizar o valor da vida, nas ações do quotidiano (objetivo 5.), procurando dar a vida aos outros, contribuindo para a felicidade dos outros. Neste ponto, gostaríamos de recordar uma nota do professor Armindo Vaz que desperta, consciencializa e fundamenta a importância e o papel da Bíblia na escola:

“A tarefa fundamental da escola é a de educar para o bem comum, para a colaboração e paz entre os povos, grupos de pessoas e comunidades interculturais. Ora, a cultura religiosa oferecida pela Bíblia fomenta da maneira mais eficaz esse espírito universalista, pacificador, elevado e integrador de tudo o que sejam valores humanos. A Bíblia incute no formando elevação e humanidade. É nessa função provocante, apelativa, que está o grande valor da Bíblia. A sua leitura oferece respostas para os problemas de sempre, questiona e sugere, adverte e liberta, mantendo o leitor à escuta e na interrogação. O que distingue a Bíblia é a sua capacidade de interrogar cada tempo. Retirando-a das escolas, prestamos um mau serviço aos jovens formandos, ao ministrar-lhes uma formação deficitária, incompleta e claudicante. Com a Bíblia numa aula e a ciência na outra, o educando aprende melhor o que é o amor, a capacidade de se dar, o perdão gratuito, o acolhimento, o intercâmbio [...], tudo valores que contribuem para a tonificação de uma sociedade melhor.”<sup>43</sup>

---

<sup>43</sup> A. VAZ, “A Bíblia: património cultural e formativo”, *Communio* XXIII 4(2006) 449,454.

No que se refere ao comportamento dos alunos durante as aulas, feito um balanço geral ao longo da lecionação, este traduziu-se numa constante conquista. A agitação e a desordem comportamental, requereram, muitas vezes, estratégias e intervenções que corrigissem tais desajustes. Ainda assim, foi notória a sede de conhecimento e de aprendizagem que os alunos apresentavam, começando numa necessária aproximação do professor com os alunos, assegurada pela presença e pela assertividade do professor, e experimentando e aplicando diversos materiais de apoio à aprendizagem, como fichas de trabalho individuais, a pares; dinâmicas de grande grupo, como debates e *role-playing*; vídeos, curtas-metragens e música; e a indispensável mediação do professor para assemelhar e sintetizar a aprendizagem dos conhecimentos. A estrutura da aula, elaborada através da planificação, foi sendo cumprida, mantendo uma necessária rotina que serviu para ajudar a manter a concentração e o empenho dos alunos.

A exigência recomendada e defendida na formação do professor de EMRC torna-se reflexo no rigor e na autenticidade do ensino desta disciplina, promovendo a formação integral das dimensões da pessoa humana, na conjugação do conhecimento científico-teológico com a esfera da vida ativa. Confirmamos, assim, o que a professora Cristina Sá Carvalho redigiu acerca da questão do Currículo Realizado em EMRC:

“Portanto, o professor é reflexivo, tem que o ser, porque a quantidade de circunstâncias com que ele se vai defrontar na escola não podem ser previstas se não em termos muito gerais. Quando muito, identificamos tendências e novas possibilidades. Temos, assim, de dar aos professores em formação inicial instrumentos para eles serem capazes de resolver problemas e de se prepararem a si mesmos para resolver problemas que hoje ainda não conseguimos antecipar. É-lhe pedido que crie uma *comunidade de aprendentes* dotada, ela mesma, de consciência, autocontrolo, e reflexão, assegurando um clima de convívio e aprendizagem que valide as necessidades psicológicas, emocionais, socioculturais e académicas de todos, através de uma gestão reflexiva que modele valores democráticos”.<sup>44</sup>

---

<sup>44</sup> C. S. CARVALHO, “Pressupostos epistemológicos e pedagógicos do desenvolvimento curricular em Educação Moral e Religiosa Católica, edição 2014”, Pastoral Catequética 31/32(2015) 39-40.

Na certeza de que em cada aluno se pode encontrar algo único que deve ser cuidado, cultivado e partilhado, nós, professores, somos desafiados e convidados a seguir o exemplo e o projeto de Jesus, o Mestre, vendo mais além do que cada aluno pensa que é e demonstra ser, preparados, ou pelo menos disponíveis, para as inúmeras incompreensões e dúvidas que embarcam e navegam nos pensamentos e nas reflexões de procura de sentido dos nossos alunos.

Muitos foram os desafios encontrados ao longo do estágio da PES: a abertura à novidade, ou pelo menos ao re-aprender, verificando outras hermenêuticas para o assunto em questão; a resiliência na organização dos documentos e das planificações que salutam a atividade do professor para uma aula que se quer de ensino de qualidade.

Uma das grandes conclusões pessoais do processo e sucesso da aula, de toda a sua dinâmica desde a planificação, a construção de materiais até à sua aplicação ou execução, transita na capacidade de o professor motivar, cativar, conquistar os alunos, cada aluno, tal como o *Príncipezinho* à raposa. Por isso, um professor de EMRC, inerente à sua profissão, deve ser um professor conhecedor, comunicativo, curioso e dinâmico, capaz de abarcar e abraçar diversas áreas do saber, com particular rigor cultural, religioso-teológico e científico, para, por meio de variados recursos, conseguir com que os alunos alcancem aprendizagens e primam de uma formação de qualidade e de excelência. Um professor onde os alunos se possam projetar – um professor curioso e sedento de saber mais e melhor, em que a humanidade, a religiosidade e o profissionalismo sejam critérios.

Aspiramos que as maiores e desejadas aprendizagens que o professor coloca nos nossos alunos possam ser a construção da própria identidade pessoal e o início do projeto de vida, tendo como pilar, também, a dimensão religiosa, para que futuramente possam edificar e integrar a comunidade social, a comunidade e a família humanas.

### **3.4. Planificações de nível IV da UL 2 e o processo ensino-aprendizagem**

Dando continuidade à reflexão e à análise da UL por nós desenvolvida, apresentamos, de seguida, as doze planificações de nível IV lecionadas, bem como os respetivos relatórios de aula. Estas foram o resultado do estudo do manual, das necessidades sentidas para a aprendizagem dos alunos, do acompanhamento da PES e da reflexão dos estudos dos cursos de Teologia (MIT) e de Ciências Religiosas (MCR).

NÍVEL: 6º Ano	UNIDADE LETIVA 2 – Jesus, um Homem para os outros	2º Período			LICÃO Nº 13 (08/01/19) 12h25-13h15	
<b>Sumário:</b> Introdução ao estudo da Unidade Letiva 2 – Jesus, um Homem para os outros. Quem é Jesus de Nazaré? – Ficha de trabalho <b>Aprendizagens essenciais:</b> Identificar Jesus Cristo como um marco na história						
METAS	OBJETIVOS	CONTEÚDOS	ESTRATÉGIAS	MATERIAIS	🕒 50m	AVALIAÇÃO FORMATIVA
E. Identificar o núcleo central do cristianismo e do catolicismo.	1. Reconhecer a relação com Jesus de Nazaré como o centro da identidade cristã.	*Quem é Jesus de Nazaré? - Jesus, o Profeta de Deus, o Mestre e o Messias (Cristo). O Filho de Deus; - O anúncio de Reino de Deus: a vitória definitiva do bem, da justiça, da verdade, do amor.  *O nascimento de Jesus marcou a história.	Acolhimento e sumário  Como estar na aula: Tabela CLC  Diálogo introdutório à UL2  Visualização de um vídeo: trecho do filme <i>A Estrela de Natal</i> (An 01).  Leitura sequencial: Quem é Jesus de Nazaré? Jesus, o Messias prometido (MA 50-51).  Ficha de trabalho: Os nomes e títulos de Jesus (An 02). Correção da ficha  Visualização de um vídeo: Algo mais (+) (An 03)  Síntese – Entrega do Cartão <i>Saber + Jesus</i> (An 04); entrega da peça do puzzle	Quadro  Tabela  Presépio  PC, projetor e colunas  Manual  Ficha  PC, projetor e colunas  Cartão Puzzle	12h25 (5') 12h30 (2') 12h32 (8') 12h40 (5') 12h45 (5') 12h50 (10') 13h00 (7') 13h07 (8')	A tabela ajuda a ver sobretudo comportamentos e participação  <b>O Professor observa nos alunos:</b> - O interesse / atenção  - A participação/ empenho  - O cumprimento das regras de sala de aula
<b>SÍNTESE:</b> Jesus é uma figura marcante na história da humanidade.						

## **Breve descrição dos anexos referentes às estratégias da aula**

**Como estar na aula:** Tabela CLC (comportamento, livro e caderno). Será recordada aos alunos a tabela de comportamentos de modo a melhorar os comportamentos.

**Anexo 01 – Visualização do vídeo:** Trecho do filme *A Estrela de Natal*.

O trecho do filme relata o nascimento de Jesus numa comunicação alternativa, por parte dos animais, focando os dados relevantes.

[https://www.youtube.com/watch?v=poswRRB\\_2i0&t=175s](https://www.youtube.com/watch?v=poswRRB_2i0&t=175s)

**Anexo 02 – Ficha de trabalho:** Os nomes e os títulos de Jesus. Uma breve ficha que ajuda a consolidar os títulos de Jesus e os seus significados.

**Anexo 03 – Visualização do vídeo:** Algo mais (+). *Sketch* audiovisual que convida a refletir sobre a vida e a missão de Jesus.

<https://www.youtube.com/watch?v=7lbtzZm3IHE>

**Anexo 04 – Cartão *Saber* + *Jesus*:** Cartão com pequenas notas acerca de Jesus de Nazaré e, convite ao aluno escrever uma curiosidade sobre Jesus.

**Puzzle.** Dinâmica final de aula. É distribuído por cada aluno uma peça do puzzle (imagem do manual alusiva à UL 2), com o objetivo de motivar os alunos à participação ativa, oportuna e ordeira.

## **Relatório de aula 1 – Lição n.º 13**

Expressados os maiores desejos de um novo ano, a introdução à UL 2 foi veiculada por uma dinâmica histórica e testemunhal do presépio. Revelámos aos alunos que tínhamos recebido um pequeno presépio no Natal. Pedimos a colaboração de dois alunos para segurarem nas peças do presépio, e introduzimos a UL. Num tom de reflexão perguntámos aos alunos qual o sentido de alguém oferecer um presépio?; que significado terá, particularmente, a figura de Jesus para ser

lembrado após tanto tempo? Nesta interpelação avançámos para a estratégia seguinte: a visualização de um trecho do filme «A Estrela de Natal», realizado por Timothy Reckart, de 2017. Após o excerto do filme, a turma mostrou-se motivada e participativa na exploração do mesmo. Nesta participação ativa entre professor e alunos transitou-se para a realização da ficha de trabalho. Jesus, tendo sido reconhecido por muitas pessoas como alguém bom, muitos foram os nomes e os títulos que lhe confiaram e pelos quais passou a ser (re)conhecido. Rapidamente foi realizada e seguiu-se a correção da mesma com a colaboração de outros dois alunos. Recuperando o discurso, prosseguimos a aula considerando a vida, a mensagem e a missão de Jesus, numa perspetiva geral, visualizando o vídeo *Algo mais* – um vídeo artístico, só com música e texto, que mostrava sucintamente a missão e alguns dados sobre Jesus. Terminada a visualização desafiamos os alunos à participação colocando algumas questões: O que mais tinham gostado do vídeo? O que mais os havia interpelado?

Entrando na reta final da aula foi-lhes entregue um cartão a ser colado no caderno diário que resumiria a aula e que lançaria um repto aos alunos – escrever uma curiosidade acerca de Jesus. Foram dados cinco minutos e após esse tempo alguns alunos, livremente, foram convidados a partilhar com a turma a sua curiosidade sobre Jesus. Após a partilha por parte de alguns alunos, foi realizada a síntese da aula.

O plano da aula foi avaliado tendo em conta a diversidade de estratégias aplicadas e os objetivos traçados e considerado bom.

<b>NÍVEL:</b> 6º Ano	<b>UNIDADE LETIVA 2</b> – Jesus, um Homem para os outros	2º Período	<b>LIÇÃO Nº 14</b> (15/01/19) 12h25-13h15
----------------------	--	------------	---

**Sumário:** A importância de Jesus ao longo da História e a influência na nossa vida atual – Trabalho de grupo

**Aprendizagens essenciais:** Identificar Jesus Cristo como um marco na história

METAS	OBJETIVOS	CONTEÚDOS	ESTRATÉGIAS	MATERIAIS	🕒 50m	AVALIAÇÃO FORMATIVA
E. Identificar o núcleo central do cristianismo e do catolicismo.  K. Reconhecer exemplos relevantes do património artístico criados com um fundamento religioso.	1. Reconhecer a relação com Jesus de Nazaré como o centro da identidade cristã.	*O nascimento de Jesus marcou a história: - A arte celebra o nascimento, vida, morte e ressurreição de Jesus; - O calendário usado entre nós tem como ponto de referência o nascimento de Jesus.	Acolhimento e sumário  Como estar na aula: Tabela CLC  Diálogo introdutório à aula  Visualização de um vídeo: Algo mais (+)(An 05).  Leitura sequencial: Jesus na arte. O calendário cristão (MA 52-53, 55).  Trabalho de grupo: Onde encontramos Jesus? (An 06). Partilha e verificação em Powerpoint (An 07)  Síntese – entrega da peça do puzzle  Informação para a aula seguinte	Quadro  Tabela  PC, projetor e colunas  Calendário Manual  Grupos Livro-acordeão PC e projetor  Puzzle	12h25 (5’) 12h30 (2’) 12h32 (8’)  12h40 (6’)  12h46 (18’)  13h04 (6’) 13h10 (5’)	A tabela ajuda a ver sobretudo comportamentos e participação  <b>O Professor observa nos alunos:</b>  - O interesse / atenção  - A participação/ empenho  - O cumprimento das regras de sala de aula

**SÍNTESE:** Jesus está presente nos acontecimentos e na obra da humanidade.

## **Breve descrição dos anexos referentes às estratégias da aula**

**Como estar na aula:** Tabela CLC (comportamento, livro e caderno). Será recordada aos alunos a tabela de comportamentos de modo a melhorar os comportamentos.

**Anexo 05 – Visualização do vídeo:** Algo mais (+). Recordar o *sketch* audiovisual que convida a refletir sobre a vida e a missão de Jesus.

<https://www.youtube.com/watch?v=7lbtzZm3IHE>

**Anexo 06 – Trabalho de grupo:** Onde encontrarmos Jesus? Construção de um livro-acordeão com referências de Cristo em diversas áreas de interesse da humanidade.

**Anexo 07 – Powerpoint:** para partilhar com os alunos, após o trabalho de grupo, algumas possíveis soluções para as tarefas solicitadas.

**Puzzle.** Dinâmica final de aula. É distribuído por cada aluno uma peça do puzzle (imagem do manual alusiva à UL 2), com o objetivo de motivar os alunos à participação ativa, oportuna e ordeira.

## **Relatório de aula 2 – Lição n.º 14**

Dadas as boas-vindas, introduzimos, em diálogo, os conteúdos da aula. *Jesus, um marco importante na história da Humanidade* foi um tema de participação ativa. Lembrados da aula anterior, visualizámos, de novo, o vídeo ‘Algo mais’, que ajudou a elaborar um *flash* da vida e dos acontecimentos de Jesus na história do mundo. Dando seguimento à planificação, foi feita uma leitura sequencial do manual que expunha a presença de Jesus na arte e no lugar geográfico (a questão do calendário). Seguiu-se o trabalho em grupos cujo objetivo passou por concretizar as tarefas solicitadas, correspondentes a conhecimentos prévios da presença, direta ou indireta, de influência, de Jesus na história da atualidade, em livro ‘acordeão’. Dados cerca de 15 minutos, passamos à partilha de possíveis soluções. Os alunos acompanharam uma projeção


em *powerpoint* ao mesmo tempo que iam partilhando as suas opções. Passou-se à redação da síntese da aula, novamente com uma forte participação dos alunos.

Da avaliação geral da aula salientou-se a interação funcional com o par pedagógico, o cuidado e a sensibilidade pelo processo de facilitar a aprendizagem através dos meios disponíveis, e a gestão acertada para atingir os objetivos traçados. Registou-se também alguns aspetos a melhorar como a necessidade de circular pela sala de aula e o cuidado com as questões teológicas da lecionação.

<b>NÍVEL:</b> 6º Ano	<b>UNIDADE LETIVA 2</b> – Jesus, um Homem para os outros	2º Período	<b>LICÃO Nº 15</b> (21/01/19) 12h25-13h15
----------------------	--	------------	---

**Sumário:** Dinâmica ‘Amigo Secreto’ – construção de mensagem

**Aprendizagens essenciais:** Descobrir que a partilha dos bens supõe a partilha de si; Assumir a atitude e o valor da solidariedade

<b>METAS</b>	<b>OBJETIVOS</b>	<b>CONTEÚDOS</b>	<b>ESTRATÉGIAS</b>	<b>MATERIAIS</b>	 50m	<b>AVALIAÇÃO FORMATIVA</b>
<p>O. Amadurecer a sua responsabilidade perante a pessoa, a comunidade e o mundo.</p> <p>N. Promover o bem comum e o cuidado do outro.</p>	<p>4. Reconhecer o valor da solidariedade.</p> <p>7. Valorizar a atitude de entrega, de partilha e de cuidado com o outro.</p>	<p>*solidariedade .fraternidade, amor partilhado.</p> <p>*A experiência de partilhar e de ser para os outros.</p>	<p>Acolhimento e sumário</p> <p>Como estar na aula: Tabela CLC</p> <p>Dinâmica do Amigo Secreto: trabalhos manuais (An 08)</p> <p>Informações e entrega da peça do puzzle</p>	<p>Quadro</p> <p>Tabela</p> <p>Cartolinas, papel texturado, cores, cola e tesoura</p> <p>Puzzle</p>	<p>12h25 (5’)</p> <p>12h30 (2’)</p> <p>12h32 (30’)</p> <p>13h02 (13’)</p>	<p>A tabela ajuda a ver sobretudo comportamentos e participação</p> <p><b>O Professor observa nos alunos:</b></p> <p>- O interesse / atenção</p> <p>- A participação/ empenho</p> <p>- O cumprimento das regras de sala de aula</p>

**SÍNTESE:** Os laços de amizade nascem da entrega de nós próprios.

## **Breve descrição dos anexos referentes às estratégias da aula**

**Como estar na aula:** Tabela CLC (comportamento, livro e caderno). Será recordada aos alunos a tabela de comportamentos de modo a melhorar os comportamentos.

**Anexo 08 – Dinâmica do Amigo Secreto** - trabalhos manuais desenvolvidos em duas partes: construção de um origami e do um postal, com uma mensagem/dedicatória amistosa.

**Puzzle.** Dinâmica final de aula. É distribuído por cada aluno uma peça do puzzle (imagem do manual alusiva à UL 2), com o objetivo de motivar os alunos à participação ativa, oportuna e ordeira.

## **Relatório de aula 3 – Lição n.º 15**

Nesta aula foi feita uma paragem na lecionação da UL, devido às tarefas a desenvolver para a dinâmica do amigo secreto, do projeto ‘Escola sem fronteiras’, com a turma C do 5.º ano dos Salesianos de Lisboa. A primeira parte da aula foi dinamizada com a elaboração de uma ficha-enigma onde os alunos descreveram-se sem se identificarem, para enviar ao amigo-secreto da outra escola. Depois, construíram um cartão/postal com uma dedicatória sobre a amizade.


Foi notória a dificuldade que os alunos apresentaram em lidar com atividades diferentes e novas. Revelaram extrema ansiedade em gerir e em assumir os objetivos da atividade, no entanto, a motivação foi crescente, tendo existido, para o final da aula, uma maior dedicação ao trabalho.

O processo de reflexão e execução dos alunos foi considerado lento, o que não permitiu realizar a segunda parte da atividade – a construção de um origami.

<b>NÍVEL:</b> 6º Ano	<b>UNIDADE LETIVA 2</b> – Jesus, um Homem para os outros	2º Período	<b>LICÃO Nº 16</b> (29/01/19) 12h25-13h15
----------------------	--	------------	---

**Sumário:** Dinâmica ‘Amigo Secreto’ – construção de origami

**Aprendizagens essenciais:** Descobrir que a partilha dos bens supõe a partilha de si; Assumir a atitude e o valor da solidariedade

<b>METAS</b>	<b>OBJETIVOS</b>	<b>CONTEÚDOS</b>	<b>ESTRATÉGIAS</b>	<b>MATERIAIS</b>	 50m	<b>AVALIAÇÃO FORMATIVA</b>
<p>O. Amadurecer a sua responsabilidade perante a pessoa, a comunidade e o mundo.</p> <p>N. Promover o bem comum e o cuidado do outro.</p>	<p>4. Reconhecer o valor da solidariedade.</p> <p>7. Valorizar a atitude de entrega, de partilha e de cuidado com o outro.</p>	<p>.Produção de material pedagógico para o intercâmbio entre escolas, no projeto «Escolas sem fronteiras»</p>	<p>Acolhimento e sumário</p> <p>Como estar na aula: Tabela CLC</p> <p>Dinâmica do Amigo Secreto: origami (An 09)</p> <p>Informações e entrega da peça do puzzle</p>	<p>Quadro</p> <p>Tabela</p> <p>Cartolinas, papel texturado, cores, cola e tesoura, tutoriais</p> <p>Puzzle</p>	<p>12h25 (5’)</p> <p>12h30 (2’)</p> <p>12h32 (30’)</p> <p>13h02 (13’)</p>	<p>A tabela ajuda a ver sobretudo comportamentos e participação</p> <p><b>O Professor observa nos alunos:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- O interesse / atenção</li> <li>- A participação/ empenho</li> <li>- O cumprimento das regras de sala de aula</li> </ul>

**SÍNTESE:** A amizade é uma construção e uma entrega constantes entre pessoas.

## **Breve descrição dos anexos referentes às estratégias da aula**

**Como estar na aula:** Tabela CLC (comportamento, livro e caderno). Será recordada aos alunos a tabela de comportamentos de modo a melhorar os comportamentos.

**Anexo 09 – Dinâmica do Amigo Secreto** - Origami: construção de um origami, à escolha, com a ajuda de um tutorial para associar ao postal e oferecer ao amigo secreto.

**Puzzle.** Dinâmica final de aula. É distribuído por cada aluno uma peça do puzzle (imagem do manual alusiva à UL 2), com o objetivo de motivar os alunos à participação ativa, oportuna e ordeira.

## **Relatório de aula 4 – Lição n.º 16**

A aula foi projetada para ser concluída a dinâmica do ‘amigo-secreto’, para o grupo de aluno da Escola Salesianos de Lisboa. Desta, resultou a construção de um origami por aluno para juntar ao cartão/postal, elaborado na aula anterior. Cada aluno teve a oportunidade de escolher, de entre vários tutoriais, um que mais se identificasse, ou que fosse ao encontro do gosto pessoal.


A aula resultou bem, acompanhada por uma permanente agitação, exigindo da parte dos professores uma atenção redobrada para acompanhar cada aluno, nas suas dúvidas e indecisões. No final, agrupou-se os origamis aos postais/mensagens de cada aluno, e os mesmos foram entregues à professora dos Salesianos de Lisboa.

Uma vez mais, foi notório o processo lento dos alunos, que culminou numa forte adesão à atividade.

<b>NÍVEL:</b> 6º Ano	<b>UNIDADE LETIVA 2</b> – Jesus, um Homem para os outros	2º Período	<b>LIÇÃO Nº 17</b> (05/02/19) 12h25-13h15
----------------------	--	------------	---

**Sumário:** Os ensinamentos de Jesus sobre Deus – trabalho a pares.

**Aprendizagens essenciais:** Identificar como elemento fulcral da mensagem cristã o Deus misericordioso.

<b>METAS</b>	<b>OBJETIVOS</b>	<b>CONTEÚDOS</b>	<b>ESTRATÉGIAS</b>	<b>MATERIAIS</b>	 50m	<b>AVALIAÇÃO FORMATIVA</b>
E. Identificar o núcleo central do cristianismo e do catolicismo.  K. Reconhecer exemplos relevantes do património artístico criados com um fundamento religioso.	2. Identificar o Deus misericordioso, anunciado por Jesus, como núcleo central da mensagem cristã.	*Jesus lega-nos uma nova maneira de entender Deus, misericórdia pura: - A confiança no Deus bom, que não abandona a pessoa; - Contra a exclusão, a inclusão no amor de Deus:	Acolhimento e sumário  Como estar na aula: Tabela CLC  Diálogo introdutório: Jesus seria apenas um homem ou algo mais?  Dinâmica do post-it: chuva de ideias acerca de Jesus como ‘algo mais’ (An 10)  Atividade dos trechos evangélicos: alguns trechos do Evangelho para descobrir adjetivos ou características acerca do Deus de Jesus (An 11)  Partilha e verificação em Powerpoint (An 12)  Leitura sequencial: O Deus de Jesus (MA 57-59) Síntese  Entrega de prémios CLC (An 13) Entrega da peça do puzzle	Quadro  Tabela  Poster planeta Terra esférico Post-it’s  Ficha de atividade  PC e projetor  Manual  Prémio Puzzle	12h25 (5’) 12h30 (2’) 12h32 (15’)  12h47 (15’)  13h02 (5’)  13h07 (8’)	A tabela ajuda a ver sobretudo comportamentos e participação  <b>O Professor observa nos alunos:</b>  - O interesse / atenção  - A participação/ empenho  - O cumprimento das regras de sala de aula

**SÍNTESE:** O Deus de Jesus é um Deus de confiança, de bondade e de amor.

## **Breve descrição dos anexos referentes às estratégias da aula**

**Como estar na aula:** Tabela CLC (comportamento, livro e caderno). Será recordada aos alunos a tabela de comportamentos de modo a melhorar os comportamentos.

**Anexo 10 – Diálogo introdutório e dinâmica do post-it** – O diálogo procura recuperar os desafios suspensos da última aula, com duas perguntas: Jesus seria apenas um homem, ou algo mais? O que encontramos em Jesus? Reavivada a memória, é colocado no quadro um *poster* do planeta Terra esférico, como o local por onde Jesus andou. Entrega-se a cada aluno um *post-it* e convidamo-los a escrever uma resposta à pergunta: ‘Assumindo que Jesus seria algo mais do que um homem, o que seria?’. É dado um breve tempo de reflexão e de redação. Depois, um a um, vão colar o *post-it* no *poster*.

**Anexo 11 – Atividade dos trechos evangélicos** – Após a partilha da dinâmica do post-it, onde haverá da parte do professor orientações para que os alunos relacionem Jesus com Deus, poderão ser colocadas algumas perguntas de interpelação e de transição para a atividade a desenvolver – ‘Mas quem é este Deus de que Jesus fala?’ ‘Como é que Jesus fala de Deus?’. Para a atividade dos trechos bíblicos, a ser realizada a pares, será entregue uma ficha com alguns excertos do Evangelho, em que Jesus fala ou faz referência a Deus. O objetivo é descobrir adjetivos ou características acerca do Deus de Jesus.

**Anexo 12 – Powerpoint** – O Powerpoint servirá para, no fim do trabalho a pares, partilhar com os alunos as soluções da atividade dos trechos evangélicos.

**Anexo 13 – Prémio mensal CLC** – Será entregue um prémio de reconhecimento a cada aluno que ao longo do mês de janeiro correspondeu sempre positivamente ao funcionamento e empenho das aulas, tendo em conta a Tabela CLC.

**Puzzle – Puzzle.** Dinâmica final de aula. É distribuído por cada aluno uma peça do puzzle (imagem do manual alusiva à UL 2), com o objetivo de motivar os alunos à participação ativa, oportuna e ordeira.

## **Relatório de aula 5 – Lição n.º 17**

De volta aos conteúdos da UL, revisitámos a síntese da aula 2. Entregámos a cada aluno um *post-it* no qual procuraram responder à pergunta ‘Jesus, algo mais? O quê?’. Individualmente colocaram o *post-it* num *poster* do planeta terra esférico, recordando que Jesus, ao longo da sua vida, concretizou o seu projeto e esse deixou uma marca perpétua na história da humanidade. Os alunos revelaram uma boa dinâmica neste exercício.


Terminada a dinâmica dos *post-it* transitámos para a atividade dos textos bíblicos, realizada a pares. Entregámos uma ficha com alguns excertos do Evangelho, em que Jesus falava ou fazia referência a Deus. O objetivo consistiu em descobrir adjetivos ou características acerca do Deus de Jesus. Esta atividade procurou desenvolver a capacidade de análise à mensagem de Jesus, nos textos do Evangelho.

Avaliámos a aula valorizando a parte prática da lecionação, as estratégias como um ponto muito positivo. O comportamento dos alunos correspondeu, uma vez mais, à necessidade de adoção de outras estratégias, a fim de minimizar situações desconcertantes.

<b>NÍVEL:</b> 6º Ano	<b>UNIDADE LETIVA 2</b> – Jesus, um Homem para os outros	2º Período	<b>LICÃO N° 18</b> (12/02/19) 12h25-13h15
----------------------	--	------------	---

**Sumário:** O Deus de Jesus, um Deus de amor – trabalho de grupos.

**Aprendizagens essenciais:** Identificar como elemento fulcral da mensagem cristã o Deus misericordioso.

<b>METAS</b>	<b>OBJETIVOS</b>	<b>CONTEÚDOS</b>	<b>ESTRATÉGIAS</b>	<b>MATERIAIS</b>	 50m	<b>AVALIAÇÃO FORMATIVA</b>
E. Identificar o núcleo central do cristianismo e do catolicismo.  K. Reconhecer exemplos relevantes do património artístico criados com um fundamento religioso.	2. Identificar o Deus misericordioso, anunciado por Jesus, como núcleo central da mensagem cristã.	*Jesus lega-nos uma nova maneira de entender Deus, misericórdia pura: - A confiança no Deus bom, que não abandona a pessoa; - Contra a exclusão, a inclusão no amor de Deus; - A revolução do coração humano: viver centrados no amor ao próximo	Acolhimento e sumário  Como estar na aula: Tabela CLC  Leitura sequencial: Para Deus, todos somos importantes; Viver centrados no amor ao próximo (MA 58-60)  Trabalho de grupos: ‘Quem é o meu próximo?’ – analisar situações atuais segundo a conduta de Jesus (An 14)  Apresentação dos trabalhos e projeção Powerpoint (An 15)  Síntese  Entrega da peça do puzzle	Quadro  Tabela  Manual  Ficha de atividade  PC e projetor  Puzzle	12h25 (5’) 12h30 (2’) 12h32 (7’)  12h39 (30’)  13h09 (4’) 13h13 (2’)	A tabela ajuda a ver sobretudo comportamentos e participação  <b>O Professor observa nos alunos:</b> - O interesse / atenção  - A participação/ empenho  - O cumprimento das regras de sala de aula

**SÍNTESE:** Jesus ensina que devemos cuidar e amar a todos.

## **Breve descrição dos anexos referentes às estratégias da aula**

**Como estar na aula:** Tabela CLC (comportamento, livro e caderno). Será recordada aos alunos a tabela de comportamentos de modo a melhorar os comportamentos.

**Anexo 14 – Trabalho de grupos:** ‘Quem é o meu próximo?’ – Após a leitura do manual (Para Deus, todos somos importantes; Viver centrados no amor ao próximo), os alunos irão trabalhar em grupos de 3 elementos, procurando analisar uma imagem. A acompanhar a imagem existem três questões que devem ser respondidas pelo grupo. Este trabalho procura desenvolver a capacidade de análise visual, a aplicação de conhecimentos sobre os gestos de Jesus e a capacidade de atualização da mensagem.

**Anexo 15 – Apresentação dos trabalhos e Powerpoint** – Os alunos irão apresentar os trabalhos à turma consoante a reprodução de imagens no Powerpoint.

**Puzzle.** Dinâmica final de aula. É distribuído por cada aluno uma peça do puzzle (imagem do manual alusiva à UL 2), com o objetivo de motivar os alunos à participação ativa, oportuna e ordeira.

## **Relatório de aula 6 – Lição n.º 18**

Nesta aula decidimos adotar uma nova estratégia, dispendo a sala em formato U, com o objetivo de procurar um maior envolvimento de todos os alunos e uma maior interação e circulação do professor.

Dando seguimento ao estudo da UL optámos por ler as páginas do manual, onde evidenciava que para Deus todos somos importantes e, essa preocupação traduz-se na prática do amor, prática que nos foi dada como mandamento. Feita a leitura, os alunos agruparam-se em trios para realizar o trabalho ‘Quem é o meu próximo’. Cada trio recebeu uma situação diferente para analisar e realizar três tarefas. O núcleo do trabalho consistia na análise da imagem apresentada, com três questões, procurando manifestar: o conhecimento acerca dos gestos de Jesus, a capacidade de atualizar a mensagem e, a reflexão-ação do grupo. A realização


do trabalho aconteceu tranquila e empenhadamente. Existindo ritmos de trabalhos diferentes, e terminado o tempo previsto de realização, passámos à apresentação dos trabalhos à turma. Para orientar a apresentação dos trabalhos, utilizámos um *powerpoint* com todas as imagens dos diferentes trabalhos. Os alunos iam apresentando o seu trabalho consoante a imagem que aparecia no painel de projeção.

Conseguimos promover e dinamizar um bom trabalho de pequenos grupos, onde foi possível contemplar as trocas de ideias entre os elementos dos grupos, a escuta e o respeito pela opinião do outro. Orientámos para a consciencialização da responsabilidade humana perante as diversas situações sociais.

<b>NÍVEL:</b> 6º Ano	<b>UNIDADE LETIVA 2</b> – Jesus, um Homem para os outros	2º Período	<b>LICÃO Nº 19</b> (19/02/19) 12h25-13h15
----------------------	--	------------	---

**Sumário:** O Deus de Jesus, um Deus de perdão – atividade

**Aprendizagens essenciais:** Identificar como elemento fulcral da mensagem cristã o Deus misericordioso.

<b>METAS</b>	<b>OBJETIVOS</b>	<b>CONTEÚDOS</b>	<b>ESTRATÉGIAS</b>	<b>MATERIAIS</b>	 50m	<b>AVALIAÇÃO FORMATIVA</b>
E. Identificar o núcleo central do cristianismo e do catolicismo.  K. Reconhecer exemplos relevantes do património artístico criados com um fundamento religioso.	2. Identificar o Deus misericordioso, anunciado por Jesus, como núcleo central da mensagem cristã.	*Jesus lega-nos uma nova maneira de entender Deus, misericórdia pura: - A confiança no Deus bom, que não abandona a pessoa; - Contra a exclusão, a inclusão no amor de Deus; - A revolução do coração humano: viver centrados no amor ao próximo; - O perdão de Deus e a necessidade de arrependimento.	Acolhimento e sumário  Como estar na aula: Tabela CLC  Dinâmica Árbitro do Perdão: Acolher e perdoar; Powerpoint (An 16)  Leitura sequencial: Acolher e perdoar (MA 61-62)  Visualização do vídeo: Parábola do Filho pródigo (An 17)  Diálogo explicativo  Leitura sequencial: É mais importante ser do que ter (MA 64)  Atividade ‘Ser ou ter? Eis a questão!’: identificar valores morais e espirituais e valores materiais; Powerpoint (An 18)  Síntese Entrega da peça do puzzle	Quadro  Tabela  Cartões verdes, amarelos e vermelhos Manual  PC e projetor  Manual  Cartões PC e projetor  Puzzle	12h25 (5’) 12h30 (2’) 12h32 (12’)  12h44 (3’)  12h47 (8’)  12h55 (3’)  12h58 (12’)  13h10 (5’)	A tabela ajuda a ver sobretudo comportamentos e participação  <b>O Professor observa nos alunos:</b> - O interesse / atenção  - A participação/ empenho  - O cumprimento das regras de sala de aula

**SÍNTESE:** O Deus de Jesus acolhe, perdoa e ajuda a reiniciar a vida. É mais importante ser do que ter.

## **Breve descrição dos anexos referentes às estratégias da aula**

**Como estar na aula:** Tabela CLC (comportamento, livro e caderno). Será recordada aos alunos a tabela de comportamentos de modo a melhorar os comportamentos.

**Anexo 16 – Dinâmica ‘Árbitro do Perdão’** – Após o sumário é explicada a dinâmica ‘Árbitro do Perdão’ onde são apresentadas diversas situações/perguntas para as quais os alunos devem responder levantando um cartão, de um conjunto de três. Entrega-se a cada aluno com conjunto de 3 cartões (1 vermelho – ‘não’, 1 amarelo – ‘talvez’ e 1 verde – ‘sim’). De seguida, de um conjunto de perguntas, os alunos são convidados a levantar um dos cartões consoante a sua decisão face à pergunta/situação colocada. Esta dinâmica tem como objetivo introduzir o tema ‘Acolher e Perdoar’.

**Anexo 17 – Visualização do vídeo** – Apresenta-se a parábola do Filho pródigo, da qual explorar-se-á a atitude do Pai (acolher e perdoar) e a atitude do filho pródigo (ter e ser), transitando para o desenvolvimento dos conteúdos vindouros.

<https://www.youtube.com/watch?v=PP8XWqggmXw&t=124s>

**Anexo 18 – Atividade ‘Ser ou ter? Eis a questão!’** – Após a leitura do manual é entregue a cada aluno uma atividade que consiste em identificar valores morais e espirituais e valores materiais, pessoais e apresentados pelo professor.

**Puzzle.** Dinâmica final de aula. É distribuído por cada aluno uma peça do puzzle (imagem do manual alusiva à UL 2), com o objetivo de motivar os alunos à participação ativa, oportuna e ordeira.

## **Relatório de aula 7 – Lição n.º 19**

Pela segunda vez consecutiva mantivemos a disposição da sala em U. Introduzimos o tema ‘Acolher e Perdoar’ através de uma atividade em grande grupo. O ‘árbitro do perdão’ resultou de uma seleção de imagens variadas e perguntas sobre situações, algumas limite, a fim de


proporcionar um momento de partilha e de discussão. À pergunta ou imagem apresentada cada aluno foi convidado a elevar um dos três cartões, conforme a sua posição (verde – favorável; amarelo – reticente; vermelho – recusa). Não foi possível terminar a atividade devido à petulante agitação e não ter sido respeitada a participação e a opinião dos colegas. Sondada a posição e a sensibilidade da turma face a diversas perguntas e acontecimentos ligados ao tema do perdão, foram lidas as páginas do manual, verificando a ação de Jesus a situações semelhantes. Com o intuito de visualizar tal posição, projetámos a parábola do Filho Pródigo, permitindo suscitar um breve debate sobre a ordem dos valores materiais (Filho Pródigo) e a ‘nova’ ordem dos valores morais e espirituais (Pai). Este diálogo serviu de transição ao trabalho ‘Ser ou ter? Eis a questão!’, cujo objetivo consistiu em identificar valores morais e espirituais e valores materiais, pessoais e apresentados pelo professor, em *powerpoint*. Não foi possível terminar o trabalho, com o aproximar do toque final, tendo optado por desafiar os alunos a refletir e a elaborar o restante trabalho para ser partilhado na semana seguinte.

Na avaliação da aula, foi possível concluir que o perfil da turma continuava a convocar dinâmicas mais calmas.

<b>NÍVEL:</b> 6º Ano	<b>UNIDADE LETIVA 2</b> – Jesus, um Homem para os outros	2º Período	<b>LIÇÃO Nº 20</b> (26/02/19) 12h25-13h15
----------------------	--	------------	---

**Sumário:** A missão de Jesus, o anúncio do Reino de Deus

**Aprendizagens essenciais:** Interpretar, a partir das narrativas bíblicas, os dados histórico-sociais da morte e ressurreição de Jesus

<b>METAS</b>	<b>OBJETIVOS</b>	<b>CONTEÚDOS</b>	<b>ESTRATÉGIAS</b>	<b>MATERIAIS</b>	 50m	<b>AVALIAÇÃO FORMATIVA</b>
B. Construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da pessoa.	3. Compreender, pela interpretação de textos bíblicos, qual foi a missão de Jesus, o Filho de Deus.	*A interpelação aos poderosos; a paixão e a morte de Jesus.	<p>Acolhimento e sumário</p> <p>Como estar na aula: Tabela CLC</p> <p>Revisão e síntese da aula anterior: ‘Ser ou ter? Eis a questão!’ (An 19)</p> <p>Powerpoint</p> <p>Visualização do vídeo: O Evangelho do Reino (An 20)</p> <p>Leitura sequencial: A missão de Jesus – a contestação dos poderosos (MA 66)</p> <p>Powerpoint: Apresentação dos grupos religiosos (An 21)</p> <p>Ficha de trabalho: A missão de Jesus (An 22)</p> <p>Leitura (MA 66-71)</p> <p>Powerpoint: correção</p> <p>Síntese</p> <p>Entrega da peça do puzzle</p>	<p>Quadro</p> <p>Tabela</p> <p>PC e projetor</p> <p>Cartão de atividade</p> <p>PC, projetor e colunas</p> <p>Manual</p> <p>PC e projetor</p> <p>Ficha</p> <p>Manual</p> <p>PC e projetor</p> <p>Puzzle</p>	<p>12h25 (5’)</p> <p>12h30 (2’)</p> <p>12h32 (12’)</p> <p>12h44 (7’)</p> <p>12h51 (4’)</p> <p>12h55 (16’)</p> <p>13h11 (4’)</p>	<p>A tabela ajuda a ver sobretudo comportamentos e participação</p> <p><b>O Professor observa nos alunos:</b></p> <p>- O interesse / atenção</p> <p>- A participação/ empenho</p> <p>- O cumprimento das regras de sala de aula</p>

**SÍNTESE:** A missão de Jesus é falar do Reino de Deus, o reino da presença de Deus no coração de cada pessoa.

## **Breve descrição dos anexos referentes às estratégias da aula**

**Como estar na aula:** Tabela CLC (comportamento, livro e caderno). Será recordada aos alunos a tabela de comportamentos de modo a melhorar os comportamentos.

**Anexo 19 – Revisão e síntese da aula anterior** – É recuperada a atividade ‘Ser ou ter? Eis a questão!’ da aula anterior. Os alunos são convidados a partilharem o seu trabalho. De seguida, em *powerpoint*, mostram-se as soluções da ordenação das situações/ações respeitantes aos valores morais e espirituais (ser) e aos valores materiais (ter).

**Anexo 20 – Visualização do vídeo** – Para introduzir a narrativa bíblia da missão e do caminho de Jesus no meio de nós este vídeo do ‘The bible project’ apresenta o ‘Evangelho do Reino’ como missão confiada a Jesus e de Jesus para a humanidade.

<https://thebibleproject.com/all-videos/biblical-themes/>

**Anexo 21 –Powerpoint** – Durante a leitura do manual sobre os grupos religiosos da época de Jesus (MA 66) é apresentado, ao mesmo tempo, alguns *slides* com as figuras animadas desses grupos, a fim de traduzir visualmente esses grupos religiosos.

**Anexo 22 – Ficha de trabalho:** A missão de Jesus. Cada aluno recebe uma ficha de atividades com os momentos da vida de Jesus desde que pregou o Reino de Deus até que morreu na cruz. Estes momentos estão misturados (sem ordem). A atividade tem início quando o professor ou outro leitor começa a ler o texto. Os alunos têm que ordenar os momentos presentes na ficha de atividade concentrados na leitura do texto. No fim, mostra-se um Powerpoint com a solução dos momentos.

**Puzzle.** Dinâmica final de aula. É distribuído por cada aluno uma peça do puzzle (imagem do manual alusiva à UL 2), com o objetivo de motivar os alunos à participação ativa, oportuna e ordeira.

## **Relatório de aula 8 – Lição n.º 20**


A aula teve início com a recuperação da atividade ‘Ser ou ter? Eis a questão!’ da aula anterior. Os alunos foram convidados a partilhar o trabalho. De seguida, introduzimos o conteúdo planeado para a presente aula: sobre a missão de Jesus no anúncio do Reino de Deus. Adotámos, em primeiro lugar, uma estratégia mais calma – a leitura sequencial do manual com uma ficha para completar a sequência das imagens segundo a leitura dos textos. Foi entregue a cada aluno uma ficha de trabalho com os diversos momentos da vida de Jesus desde que pregou o Reino de Deus até que morreu na cruz. Durante a leitura dos textos do manual, os alunos ordenaram os momentos diversos, segundo a sua compreensão.

No final da aula reconhecemos a existência de uma maior tranquilidade através da estratégia de leitura sequencial acompanhada com a realização da ficha de trabalho. Referimos, ainda, ter sido uma aula dinâmica, participativa e serena, valorizando o bom diálogo de interpretação do vídeo e a síntese bem conseguida, por parte dos alunos.

<b>NÍVEL:</b> 6º Ano	<b>UNIDADE LETIVA 2</b> – Jesus, um Homem para os outros	2º Período	<b>LICÃO Nº 21</b> (12/03/19) 12h25-13h15
----------------------	--	------------	---

**Sumário:** A Páscoa de Jesus, A ressurreição, vitória da vida sobre a morte – Ficha de trabalho

**Aprendizagens essenciais:** Interpretar, a partir das narrativas bíblicas, os dados histórico-sociais da morte e ressurreição de Jesus

<b>METAS</b>	<b>OBJETIVOS</b>	<b>CONTEÚDOS</b>	<b>ESTRATÉGIAS</b>	<b>MATERIAIS</b>	 50m	<b>AVALIAÇÃO FORMATIVA</b>
B. Construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da pessoa.	4. Reconhecer a Ressurreição de Jesus como vitória da Vida sobre a morte.	*A ressurreição, Jesus é o Senhor, Jesus é o Filho de Deus. *Deus quer a vida e não a morte.	Acolhimento e sumário  Como estar na aula: Tabela CLC  Relato da História da morte e ressurreição de Jesus: Bíblia para crianças (An 23)  Visualização do vídeo: Porque Ele vive (An 24)  Leitura sequencial: A Ressurreição, vitória da vida sobre a morte (MA 72-75)  Ficha de trabalho: (An 25) Powerpoint: correção  Síntese  Entrega de prémios CLC (An 26) Entrega da peça do puzzle	Quadro  Tabela  Livro  PC, projetor e colunas  Manual  Ficha de trabalho PC e projetor    Prémio Puzzle	12h25 (5') 12h30 (2') 12h32 (15')  12h47 (3')  12h50 (2')  12h52 (15')  13h07 (3') 13h10 (5')	A tabela ajuda a ver sobretudo comportamentos e participação  <b>O Professor observa nos alunos:</b> - O interesse / atenção  - A participação/ empenho  - O cumprimento das regras de sala de aula

**SÍNTESE:** A Páscoa de Jesus é a festa da Ressurreição, da vida e da esperança dos cristãos.

## **Breve descrição dos anexos referentes às estratégias da aula**

**Como estar na aula:** Tabela CLC (comportamento, livro e caderno). Será recordada aos alunos a tabela de comportamentos de modo a melhorar os comportamentos.

**Anexo 23 – Relato da História da morte e ressurreição de Jesus** – Através da linguagem simples e acessível da ‘Bíblia para Crianças’ o professor pede a colaboração de alguns alunos para a leitura dos vários episódios da paixão, morte e ressurreição de Jesus, procurando depois esquematizar a constituição dos dias da Semana Santa e do Tríduo Pascal.

**Anexo 24 – Visualização do vídeo** – O vídeo ‘Ele vive’ pode ser uma ferramenta que ajuda a assimilar sucintamente os episódios anteriormente relatados.

<https://www.youtube.com/watch?v=ckcVrHH4bwg>

**Anexo 25 – Ficha de trabalho** – A ressurreição de Jesus. Após a leitura do manual (MA 72-75) os alunos são convidados a fazer esta ficha de trabalho. Foi elaborada para ser prática e objetiva, procurando desenvolver uma maior atenção e reconhecimento nos alunos acerca da importância da Páscoa de Cristo para os cristãos e para a história da humanidade.

**Anexo 26 – Prémio CLC:** Será entregue um prémio de reconhecimento a cada aluno que ao longo do mês de fevereiro correspondeu sempre positivamente ao funcionamento e empenho das aulas, tendo em conta a Tabela CLC.

**Puzzle.** Dinâmica final de aula. É distribuído por cada aluno uma peça do puzzle (imagem do manual alusiva à UL 2), com o objetivo de motivar os alunos à participação ativa, oportuna e ordeira.

### **Relatório de aula 9 – Lição n.º 21**

A dinâmica desta aula passou pelo estudo através da leitura da Paixão e morte de Jesus, a partir de uma ‘Bíblia para crianças’, uma vez que apresentava uma linguagem mais acessível e de simples compreensão. Essa mesma leitura foi feita por diversos alunos que, voluntariamente,

quiseram ler. A leitura durou mais tempo que o determinado, e decidimos suspender o vídeo imanado na planificação, mas esquematizar a constituição dos dias da Semana Santa e do Tríduo Pascal com a ajuda de uma imagem, em *powerpoint*. Terminada a primeira parte da aula, foi entregue a cada aluno uma ficha de trabalho que pretendia confirmar os conhecimentos adquiridos do estudo feito, sobre a Paixão e a morte de Jesus. A realização da ficha ultrapassou o programado, dificultando toda a sua verificação e correção através do *powerpoint*. Decidimos dar continuidade à correção da mesma na aula seguinte.

Na avaliação da aula, considerámos que a complexidade do tema da Ressurreição tornou-se acessível pelas estratégias implementadas; a ficha, por sua vez, ajudou a sintetizar e a consolidar as ideias. Sugerimos que se procurasse um pequeno vídeo só sobre a morte e ressurreição de Jesus, a fim de visualizar os textos sagrados. Referimos, por fim, que os objetivos foram conseguidos e a atitude e a atenção dos alunos foram as desejadas para a aula.

<b>NÍVEL:</b> 6º Ano	<b>UNIDADE LETIVA 2</b> – Jesus, um Homem para os outros	2º Período	<b>LICÇÃO Nº 22</b> (19/03/19) 12h25-13h15
----------------------	--	------------	--

**Sumário:** A Páscoa de Jesus, Dar a vida aos outros – atividade

**Aprendizagens essenciais:** Interpretar, a partir das narrativas bíblicas, os dados histórico-sociais da morte e ressurreição de Jesus; Assumir o valor da vida em situações do quotidiano

METAS	OBJETIVOS	CONTEÚDOS	ESTRATÉGIAS	MATERIAIS	50m	AVALIAÇÃO FORMATIVA
B. Construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da pessoa.	4. Reconhecer a Ressurreição de Jesus como vitória da Vida sobre a morte.	*A ressurreição, Jesus é o Senhor, Jesus é o Filho de Deus. *Deus quer a vida e não a morte.	Acolhimento e sumário Como estar na aula: Tabela CLC Ficha de trabalho: (An 26) Powerpoint: correção	Quadro Tabela Ficha de trabalho PC e projetor	12h25 (5') 12h30 (2') 12h32 (10')	A tabela ajuda a ver sobretudo comportamentos e participação <b>O Professor observa nos alunos:</b> - O interesse / atenção
M. Reconhecer a proposta do agir ético cristão em situações vitais do quotidiano	5. Mobilizar o valor da vida na orientação do comportamento em situações do quotidiano	<input type="checkbox"/> Que posso fazer para viver cada vez com mais qualidade e dar a vida aos outros?	Visualização do vídeo: crucifixo e morte de Jesus. Visualização do vídeo: Porque Ele vive (An 27) Síntese Visualização do vídeo: Segue-O, uma mensagem de Páscoa(An 28) Leitura sequencial: Dar a vida aos outros (MA 76-77) Atividade: Uma vida feliz (An 29) Síntese Entrega da peça do puzzle	PC, projetor e colunas Quadro PC, projetor e colunas Livro Cartões, carimbos Puzzle	12h42 (8') 12h50 (3') 12h53 (5') 12h58 (3') 13h01 (11')	- A participação/ empenho  - O cumprimento das regras de sala de aula

**SÍNTESE:** A Páscoa de Jesus dá-nos uma vida nova; convida-nos a olhar e a cuidar dos outros.

## **Breve descrição dos anexos referentes às estratégias da aula**

**Como estar na aula:** Tabela CLC (comportamento, livro e caderno). Será recordada aos alunos a tabela de comportamentos de modo a melhorar os comportamentos.

**Anexo 26 – Ficha de trabalho** – A ressurreição de Jesus. A fim de terminar a aula anterior, são devolvidas as fichas aos alunos, dando um tempo breve para a sua conclusão. Segue-se a correção por *Powerpoint*.

**Anexo 27 – Visualização do vídeo** – Passa-se, primeiro, o vídeo sobre a crucificação e morte de Jesus para que os alunos registem visualmente o acontecimento da paixão de Cristo. Para ajudar a sintetizar o conteúdo é passado o vídeo ‘Ele vive’ enquanto ferramenta que ajuda a assimilar os episódios anteriormente relatados, e a convidar/desafiar um novo rumo, uma nova opção de vida.

<https://www.youtube.com/watch?v=991SBNHP5wA>

<https://www.youtube.com/watch?v=ckcVrHH4bwg>

**Anexo 28 – Visualização do vídeo** – Segue-O, uma mensagem de Páscoa. De seguida, introduz-se este vídeo mostrando que a adesão e a pertença ao grupo de Jesus é um convite real: um convite de amor ao próximo, um convite de perdão e de mudança de vida.

<https://www.youtube.com/watch?v=I6bV6Day-lo>

**Anexo 29 – Atividade** – Uma vida feliz. Para sistematizar os conteúdos da temática «Dar a vida aos outros», são dados a cada aluno dois cartões, um azul e um amarelo. No cartão azul os alunos devem responder ‘Como posso ter uma vida feliz?’. No cartão amarelo os alunos devem responder ‘Como posso contribuir para a felicidade de alguém?’. Depois de respondidas as perguntas, é dada a oportunidade de os alunos carimbarem os cartões – existem 6 carimbos, cada um com um valor diferente: amor, tolerância, confiança, paz, liberdade, unidade. Os alunos devem corresponder o carimbo à resposta dada. No fim, são convidados a colarem os cartões no caderno diário.

**Puzzle.** Dinâmica final de aula. É distribuído por cada aluno uma peça do puzzle (imagem do manual alusiva à UL 2), com o objetivo de motivar os alunos à participação ativa, oportuna e ordeira.

### **Relatório de aula 10 – Lição n.º 22**


Começámos por terminar a ficha de trabalho sobre a Ressurreição de Jesus e a sua rápida verificação através de um *powerpoint*. De seguida e a fim de consolidar todo o estudo teórico foram visualizados dois vídeos breves, um sobre a paixão e morte de Jesus e, outro sobre a vida nova de Jesus. Comentados e debatidos entre o professor e os alunos, resultou numa síntese interessante e apelativa, validando a aprendizagem dos alunos: ‘A vida de Jesus traduziu um exemplar ensinamento para a história da humanidade: a felicidade de alguém é mais facilmente conseguida através da nossa ação, através da dádiva de nós mesmos. E assim ficamos nós felizes!’. Aproveitando a síntese pensada e organizada pela turma, foi mais fácil o desenvolvimento da restante aula. Foi lido o texto do manual que resumia o conteúdo ‘Dar a vida aos outros’. De seguida, visualizámos um outro vídeo que apelava o convite a seguir os ensinamentos de Jesus e o próprio Jesus. Conseguida a atenção dos alunos, foi explicado o trabalho por eles a desenvolver: ‘Uma vida feliz’. Com o objetivo de sistematizar os conteúdos da temática «Dar a vida aos outros», foram dados a cada aluno dois cartões, um azul e um amarelo. No cartão azul os alunos deviam responder ‘Como posso ter uma vida feliz?’. No cartão amarelo os alunos poderiam arriscar ‘Como posso contribuir para a felicidade de alguém?’. Depois de respondidas as perguntas, foi dada a oportunidade de os alunos carimbarem os cartões – optando por um dos seis carimbos – amor, tolerância, confiança, paz, liberdade, unidade .

Na avaliação da aula referimos as curtas e resumidas durações quer das leituras quer dos vídeos que ajudaram a conquistar os objetivos, e a elaborar as interessantes sínteses por parte

dos alunos. Referimos, por fim, que a dinâmica dos cartões e dos carimbos ajudou a promover a reflexão sobre a relação consigo e com os outros.

<b>NÍVEL:</b> 6º Ano	<b>UNIDADE LETIVA</b> 2 – Jesus, um Homem para os outros	2º Período	<b>LICÃO Nº 23</b> (26/03/19) 12h25-13h15
----------------------	--	------------	---

**Sumário:** Ficha de consolidação de conhecimentos

<b>METAS</b>	<b>OBJETIVOS</b>	<b>CONTEÚDOS</b>	<b>ESTRATÉGIAS</b>	<b>MATERIAIS</b>	 50m	<b>AVALIAÇÃO FORMATIVA</b>
B. Construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da pessoa.	4. Reconhecer a Ressurreição de Jesus como vitória da Vida sobre a morte.	*A ressurreição, Jesus é o Senhor, Jesus é o Filho de Deus. *Deus quer a vida e não a morte.	Acolhimento e sumário	Quadro	12h25 (5')	A tabela ajuda a ver sobretudo comportamentos e participação
M. Reconhecer a proposta do agir ético cristão em situações vitais do quotidiano	5. Mobilizar o valor da vida na orientação do comportamento em situações do quotidiano	*Que posso fazer para viver cada vez com mais qualidade e dar a vida aos outros?	Como estar na aula: Tabela CLC	Tabela	12h30 (2')	<b>O Professor observa nos alunos:</b> - O interesse / atenção
			Ficha de consolidação de conhecimentos (An 30)	Ficha	12h32 (40')	
			Síntese Entrega da peça do puzzle	Puzzle	13h12 (3')	- A participação/ empenho  - O cumprimento das regras de sala de aula

**SÍNTESE:** A vida de Jesus deixou marcas para sempre.

## **Breve descrição dos anexos referentes às estratégias da aula**

**Como estar na aula:** Tabela CLC (comportamento, livro e caderno). Será recordada aos alunos a tabela de comportamentos de modo a melhorar os comportamentos.

**Anexo 30 – Ficha de consolidação de conhecimentos** – Será aplicada uma ficha de consolidação de conhecimentos para aferir a compreensão da matéria lecionada neste segundo período. Antes, será feita uma revisão dos conteúdos, em turma, presentes na ficha.

**Puzzle.** Dinâmica final de aula. É distribuído por cada aluno uma peça do puzzle (imagem do manual alusiva à UL 2), com o objetivo de motivar os alunos à participação ativa, oportuna e ordeira.

### **Relatório de aula 11 – Lição n.º 23**

Nesta aula foi aplicada uma ficha de consolidação de conhecimentos individual. Antes, foram feitas revisões dos conteúdos da Unidade Letiva 2, que serviram também de apoio à ficha. Durante a realização da ficha foi necessário corrigir alguns comportamentos e atitudes por parte de determinados alunos, para não perturbar a concentração dos colegas.

<b>NÍVEL:</b> 6º Ano	<b>UNIDADE LETIVA 2</b> – Jesus, um Homem para os outros	2º Período	<b>LICÃO N° 24</b> (02/04/19) 12h25-13h15
----------------------	--	------------	---

**Sumário:** Correção da Ficha de consolidação de conhecimentos. Atividade de final de período – jogo da memória.

METAS	OBJETIVOS	CONTEÚDOS	ESTRATÉGIAS	MATERIAIS	🕒 50m	AVALIAÇÃO FORMATIVA
B. Construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da pessoa.	4. Reconhecer a Ressurreição de Jesus como vitória da Vida sobre a morte.	*A ressurreição, Jesus é o Senhor, Jesus é o Filho de Deus. *Deus quer a vida e não a morte.	Acolhimento e sumário  Como estar na aula: Tabela CLC  Correção da Ficha de consolidação de conhecimentos – Powerpoint (An 31)	Quadro  Tabela  Ficha PC, projetor	12h25 (5’)  12h30 (2’)  12h32 (10’)	A tabela ajuda a ver sobretudo comportamentos e participação  <b>O Professor observa nos alunos:</b> - O interesse / atenção  - A participação/ empenho
M. Reconhecer a proposta do agir ético cristão em situações vitais do quotidiano	5. Mobilizar o valor da vida na orientação do comportamento em situações do quotidiano	*Que posso fazer para viver cada vez com mais qualidade e dar a vida aos outros?	Jogo da memória (An 32)  Entrega do pequeno livro animado A história de Jesus Cristo (An 33)  Entrega da peça do puzzle	Cartões Ovos de chocolate  Livro  Puzzle	12h42 (25’)  13h07 (4’)  13h11 (4’)	

**SÍNTESE:** O conhecimento acerca de Jesus é uma constante aventura e descoberta e revela novidades e surpresas.

## **Breve descrição dos anexos referentes às estratégias da aula**

**Como estar na aula:** Tabela CLC (comportamento, livro e caderno). Será recordada aos alunos a tabela de comportamentos de modo a melhorar os comportamentos.

**Anexo 31 – Correção da ficha de consolidação de conhecimentos** – através de um Powerpoint proceder-se-á à correção da ficha de consolidação de conhecimentos.

**Anexo 32 – Jogo da memória** – Os alunos estão sentados em 2 semi-círculos – formam 2 grupos, para competirem. No quadro da sala de aula estão cartões colados com bostik, virados de costas. Joga-se o tradicional jogo da memória. Começa-se com um aluno de um grupo e vai-se alternando. O aluno tentará encontrar o texto correspondente à imagem, ou vice-versa. Se acertar ganha 1 ponto. Se não acertar não ganha pontos. Volta para o seu grupo e avança outro elemento do outro grupo. No fim, o grupo que tiver mais pontos recebe uma quantidade de ovinhos de chocolate. Se empatar são distribuídos pelos dois grupos.

**Anexo 33 – A história de Jesus Cristo** – Para concluir a UL 2, Jesus um homem para os outros, oferece-se a cada aluno um pequeno livro que conta a história de Jesus, da Sociedade Bíblica.

**Puzzle.** Dinâmica final de aula. É distribuído por cada aluno uma peça do puzzle (imagem do manual alusiva à UL 2), com o objetivo de motivar os alunos à participação ativa, oportuna e ordeira.

### **Relatório de aula 12 – Lição n.º 24**

Após as tradicionais práticas (acolhimento e sumário), a aula teve início com um frenesim por parte dos alunos para saber o resultado da ficha de consolidação de conhecimentos. Começámos por criar algum *suspense*, interagindo com os alunos, informámos que após a entrega da ficha iríamos fazer a correção da mesma suportada por um *powerpoint* e que depois teríamos uma atividade para assinalar o fim do período.

As fichas foram entregues e de imediato feita a correção. De seguida, os alunos foram encaminhados para uma outra sala, que fora preparada com as cadeiras em círculo, a fim de se realizar o jogo da memória em turma, sobre o tempo pascal (paixão, morte e ressurreição de Jesus). Os alunos foram sentados em dois semicírculos, formando dois grupos, para competirem entre si. No quadro da sala de aula estavam colados os cartões virados de costas. Terminado o jogo, fez-se um balanço do período e das aprendizagens adquiridas, culminando com a oferta de um pequeno livro sobre a história de Jesus, da Editora Sociedade Bíblica.

Na avaliação da aula referimos que nesta tínhamos conseguido concretizar o planificado, permitindo uma maior leveza e brincadeira dos conteúdos conclusivos da Unidade Letiva 2.

### 3.5. O levantamento da questão – a análise

Ao lecionar a UL2 ‘Jesus, um homem para os outros’, levantámos um conjunto de questões que nos ajudaram a traçar o objeto de estudo deste relatório. *Como motivar e cativar para a aprendizagem da UL2 Jesus, um homem para o outros?; Que estratégias utilizar para distinguir esta UL face à catequese cristã católica?; Falar de Jesus e do seu projeto. Por onde começar? Que linguagem adotar?; Como dar a conhecer Jesus como verdadeiro exemplo de humanidade e agente de transformação?; Podemos, ainda hoje, reavivar e experienciar aquilo que foi a Primavera da Galileia? Ou, será possível fazer uma abordagem à experiência primogénita, àquela que desencadeou o entusiasmo dos discípulos por Jesus ressuscitado?*

O caminho a percorrer passaria pela hermenêutica temporal - passado, presente e futuro. E para isso, o único aliado intemporal que nos facultaria todo o ensinamento, desafio e proposta, para a promoção de uma cultura de aprendizagem e de reflexão seria a Bíblia. Por isso, neste processo de ensino-aprendizagem e de formação do aluno questionámo-nos: *Será possível e pertinente, hoje, falar de Jesus aos alunos, como novidade e como projeto para a construção da sociedade? E, que textos bíblicos propor e adotar para melhor desenvolver o conhecimento e a aprendizagem sobre Jesus e a sua práxis, o seu legado?*

Cuidar de uma reformulação dos objetivos e dos conteúdos sobre o “Jesus, um Homem para os outros”, a fim de melhor garantir a preciosidade do seu ensino e aprendizagem na sociedade hoje, seria manter viva a memória de Jesus e da sua intervenção-ação no mundo. Como para cada momento da história, a palavra escrita precisa de se tornar viva, urge descobrir nas palavras da Bíblia a presença e a revelação da experiência atual do religioso. Narrativas como as da vida, morte e ressurreição de Jesus serão uma referência imprescindível, sem as quais não seria possível nem aconselhado conhecer ou instruir sobre o objeto proposto. Desta forma, procuraremos incidir os conteúdos, consoante as metas e os objetivos traçados no programa, sobre as ações de Jesus, a sua práxis, e sobre a sua palavra e a sua mensagem.

“E é com a missão de, na cultura atual, responder às ansiedades, às esperanças e às questões sobre a vitória quotidiana da vida sobre a morte que a espreita em várias formas, que permanece, e deverá permanecer, no espaço escolar, a referência à morte, à Ressurreição de Jesus e ao Reino por Ele anunciado e realizado.”<sup>45</sup>

Das narrativas bíblicas, baseadas nas antigas tradições, os Evangelhos assumem o papel principal, uma vez que apresentam a vida e o projeto-missão de Jesus. Os Atos dos Apóstolos dar-nos-ão “uma pequena amostra da impetuosidade com que a Igreja cresceu. Primeiro, os que chegaram à fé em Jesus Cristo eram poucos. Mas ao longo do tempo o seu número cresceu – até hoje.”<sup>46</sup>

Procuraremos, nas próximas páginas, encontrar sentido para (re)descobrir a sede de conhecimento acerca de Jesus no mundo da Escola e, o papel estimulante que a disciplina de EMRC tem para oferecer para a formação humana e cultural e religiosa dos alunos.

Regressaremos ao ponto de partida, à novidade e à adesão a Jesus no século zero e um, para formularmos, hoje, novas partidas. Recuperando os indicadores do passado – os apóstolos Pedro e Paulo – iremos procurar desenvolver um caminho que se quer não mediático ou populista mas atraente, ponderado e proveitoso. As exigências essas hoje são diferentes. O poeta identitário da cultura portuguesa, Luís Vaz de Camões, na sua lírica épica d’*Os Lusíadas*, enunciou um clássico que na contemporaneidade é interpretado. “Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades” e nisto a questão do ser também, “muda-se o ser, muda-se a confiança”. Verificamos que “todo o mundo é composto de mudança” e por isso surge uma nova lei geral, “tomando sempre novas qualidades”. Será desta nova lei geral, destas novas qualidades que hoje desempenhamos e que iniciamos e aprendemos na Escola que iremos ensaiar a proposta de Jesus. Essa proposta é um clássico, e um clássico, declamou T. S. Eliot na sua obra *What is a classic?*, sendo antigo é contemporâneo.

---

<sup>45</sup> Cf. X. PIKAZA, *Manual de cristologia*, Secretariado Trinitário, Salamanca, 1997, 421-422.

<sup>46</sup> YOUCAT, *Bíblia. Para os jovens da Igreja Católica*, Paulus, Lisboa, 2017, 327.

## CAPÍTULO 2

### NO REGRESSO À PRIMAVERA DA GALILEIA

“Há uma primavera em cada vida [...]” entoou Florbela Espanca no *Amar*. A Galileia também teve a sua, repleta de “misteriosa maravilha”<sup>47</sup> e de seu nome Jesus.

#### 1. JESUS: DA GALILEIA PARA O MUNDO JUDAICO

A figura de Jesus, o Galileu, constitui, sem dúvida, um momento decisivo da história da Galileia e da nossa. A intervenção e missão de Jesus de Nazaré foi um acontecimento histórico, que se tornou um autêntico processo evolutivo<sup>48</sup>, marcando e selando a história da humanidade.

##### 1.1. O contexto histórico: político, social e religioso

Contactar e conhecer o mundo e o ambiente social e cultural de qualquer personalidade é uma condição essencial para que possamos compreender melhor a sua identidade e a sua mensagem. Embora isto seja verdade para qualquer figura, mais o é “quando falamos de Jesus, já que a sua mensagem se impõe a partir do seu mundo e se contrapõe ao sistema em que Ele mesmo viveu<sup>49</sup>.”

Primeiro, o ambiente cultural que encontramos no tempo de Jesus resulta das primeiras globalizações que o mundo enfrentou. A conquista dos romanos, em 86 a.C., à cultura helenista, que desde o ano 336 a.C. tinha conquistado e governado um grande império desde o Egito até à Índia impondo em todo o território as suas marcas identitárias, hábitos, costumes, pensamento, língua e crença, valeu-lhes o domínio, por Pompeu, sobre a Síria e a Palestina, em 63 a.C., tornando-se esta última na província romana da Judeia. A presença romana permitiu um estilo de vida pacífico e estável, romanizando a cultura então vigente<sup>50</sup>. Apesar de alguns admirarem

---

<sup>47</sup> S. M. B. ANDRESEN, *Antologia. Primavera*, Círculo de Poesia Moraes Editores, 1975, 19.

<sup>48</sup> Cf. S. VIDAL, *Jesús el Galileo*, Editorial Sal Terrae, Santander, 2006, 9.

<sup>49</sup> J. LOURENÇO, *O Mundo judaico em que Jesus viveu*, Universidade Católica Editora, Lisboa, 2005, contracapa.

<sup>50</sup> Cf. C. SAULNIER, B. ROLLAND, *A Palestina no tempo de Jesus*, Coleção Cadernos Bíblicos/27, Paulus, São Paulo, 1983, 14-15; 60-61.

as vantagens do domínio romano, como a paz e a estabilidade, a presença dos gentios, os não-judeus, desagradava à maioria da população, provocando um ambiente político tenso<sup>51</sup>. Durante a existência (ou, a vida) de Jesus, o poder do imperador romano na Palestina encontrava-se representado pelo Rei Herodes, depois dele, pelos seus filhos e, por fim, pelo governador romano na Judeia, Pôncio Pilatos<sup>52</sup>.

Nazaré, a terra onde Jesus cresceu e viveu, era uma pequena povoação nas montanhas da Baixa Galileia. Pequena e desconhecida<sup>53</sup>. Foi aí que Jesus deu início ao seu itinerário público. Tendo sido um judeu da Galileia, viveu numa humilde casa e captou até os mais ínfimos pormenores da vida de cada dia.

«Viver em Nazaré era viver no campo. Jesus cresceu no meio da natureza, de olhos muito abertos ao mundo que o rodeava. A abundância de imagens e observações tomadas da natureza denunciavam um homem que sabia captar a criação e usufruir dela.[...] Vemo-lo a desfrutar do sol e da chuva, e a dar graças a Deus, que “faz sair o sol sobre bons e maus, e envia a chuva sobre justos e pecadores”. Olhava para as nuvens carregadas a anunciarem tempestade e sentia no seu corpo o suave vento do Sul, que indicava a chegada do calor<sup>54</sup>.»

A economia da Palestina caracterizava-se pela agricultura, pela criação de gado, pelo artesanato e pelo comércio<sup>55</sup>. Enquanto que na Galileia predominava a agricultura e, junto ao lago, a pesca, na Judeia prevaleciam o comércio e o artesanato, principalmente em Jerusalém.

Também eram nas aldeias da Galileia, que vivia a população mais pobre e deserdada<sup>56</sup>. Existia uma grande diferença entre as várias classes sociais. A classe alta era constituída pelos grandes latifundiários e proprietários; na classe média integravam os artesãos e os comerciantes; e da classe baixa faziam parte, essencialmente, os agricultores e os jornaleiros<sup>57</sup>, contratados e dependentes dos trabalhos a curto prazo ou mesmo diários<sup>58</sup>.

---

<sup>51</sup> Cf. J. GNILKA, *Jesus de Nazaré*, Editorial Presença, Lisboa, 1999, 38.

<sup>52</sup> Cf. J. GNILKA, *Jesús de Nazaret - Mensaje e história*, Editorial Herder, Barcelona, 1993, 54.

<sup>53</sup> Cf. J. A. PAGOLA, *Jesus, uma abordagem histórica*, Gráfica de Coimbra 2, Coimbra, 2008, 39-40.

<sup>54</sup> J. A. PAGOLA, *Jesus, uma abordagem histórica*, 42.

<sup>55</sup> Cf. C. SAULNIER, B. ROLLAND, *A Palestina no tempo de Jesus*, 83.

<sup>56</sup> Cf. J. A. PAGOLA, *Jesus, uma abordagem histórica*, 87.

<sup>57</sup> Cf. J. GNILKA, *Jesus de Nazaré*, 70.

<sup>58</sup> Cf. C. SAULNIER, B. ROLLAND, *A Palestina no tempo de Jesus*, 85.

A comunicação linguística agrupava-se em sectores. Existiam quatro línguas principais: o aramaico, o hebraico, o grego e o latim. O aramaico era falado pela maioria da população, era a língua vulgar do povo, por isso, a língua dominante da Palestina. O hebraico era a língua antiga dos judeus e das Escrituras, usada nas orações e nas cerimónias religiosas. O grego tornara-se comum desde a conquista da Palestina por Alexandre Magno e também utilizado nas trocas comerciais. O latim era língua estrangeira, era menos relevante, sendo provavelmente falado apenas pelos soldados romanos entre si<sup>59</sup>. Segundo os textos neotestamentários, Jesus terá falado aramaico (cf. Mc 5,41), hebraico (cf. Lc 4, 15) e grego (cf. Jo 7, 35).

A vida quotidiana dos palestinianos estava dependente e sempre condicionada pelo ritmo sazonal, vivido e celebrado de uma forma mais intensiva. Podemos referir que as festas litúrgicas eram expressão dessa intensidade vivenciada e delas assinalou-se o calendário litúrgico e celebrativo<sup>60</sup>. As principais celebrações festivas do preceito religioso seriam a Páscoa (Festa dos Ázimos), o Pentecostes (Festa das Colheitas) e o Tabernáculo (Festa das Tendas). O Templo apresentava-se, assim, como o centro da vida de Israel. Todo o judeu cumpria as principais práticas religiosas, como determinava a Lei: a oração diária, primada pelo *Shema Israel*; o jejum; o dízimo; e o sábado, o dia de repouso semanal. No entanto, a religião judaica era vivida de uma forma heterogénea, com grandes divisões sociais, espirituais e políticas que produziam muitas contracorrentes e visões diferentes, tornando-se num fenómeno complexo<sup>61</sup>. Esta repartição distribuía-se, essencialmente, em quatro grupos religiosos: os essénios, os fariseus, os zelotas e os saduceus. Os essénios seguiam uma disciplina espiritual mais severa com ideais e estilo de vida ascético de amor fraterno e de adesão rigorosa à Lei<sup>62</sup>. Os fariseus formavam o grupo mais numeroso. Davam grande importância à pureza e à obediência à Lei em cada aspecto da vida, que seria fundamental para manter a identidade de

---

<sup>59</sup> Cf. A. PUIG, *Jesus. Uma biografia*, Paulus, 2010, 71-73.

<sup>60</sup> Cf. J. LOURENÇO, *O Mundo judaico em que Jesus viveu*, 119-120. Cf. C. SAULNIER, B. ROLLAND, *A Palestina no tempo de Jesus*, 43-44.

<sup>61</sup> Cf. J. GNILKA, *Jesús de Nazaret - Mensaje e história*, 65.

<sup>62</sup> Cf. J. GNILKA, *Jesús de Nazaret - Mensaje e história*, 72.

Israel<sup>63</sup>. Os zelotas eram um grupo guerrilheiro. Lutavam pela vinda do Reino, procurando santificar Israel do domínio estrangeiro<sup>64</sup>. Os saduceus eram o grupo mais influente entre os poderosos e muito conservador. Possuíam o controlo sobre o Templo, escolhiam o Sumo-sacerdote e apenas aceitavam a doutrina da *Torah*<sup>65</sup>.

Foi sobre esta realidade diversificada de posições políticas, sociais e religiosas que Jesus nasceu, viveu e desempenhou a sua práxis missionária, o seu ministério. E são nestas circunstâncias que, com maior verdade, compreendemos Jesus, o ‘Nazareno’ aceite por muitos e rejeitado por outros.

## **1.2. Uma leitura da história, a partir do fim**

Parece-nos ser interessante e até merecido conhecer a história de Jesus a partir do seu fim. Quaisquer que sejam as condições e as situações do viver humano, o seu termo é comum e universal: a morte. Jesus morreu! Mas a leitura da história de Jesus não terminou com a morte corporal, com a morte factual. Ousamos afirmar que com o fim da história corpórea de Jesus teve início um novo paradigma do sentido da vida e da existência humanas, por esse motivo, a morte Jesus foi transformadora para a humanidade. Não significa isto que tenha sido uma transformação universalmente reconhecida, no entanto, as marcas da morte de Jesus alteraram o curso da História.

Se a morte de Jesus suscitou neo-arquétipos e refez outros, significa que a sua vida manifestou-se de forma impactante. Vamos, por isso, recriar uma primeira ‘volta à Galileia’ e procurar reler e religar a história de Jesus e do seu projeto de vida, a partir do fim – que é um novo início – do seu supremo ato de amor, na dádiva de si mesmo – a sua paixão e a sua morte de cruz.

---

<sup>63</sup> Cf. J. GNILKA, *Jesús de Nazaret - Mensaje e história*, 77.

<sup>64</sup> Cf. J. GNILKA, *Jesús de Nazaret - Mensaje e história*, 80.

<sup>65</sup> Cf. J. GNILKA, *Jesús de Nazaret - Mensaje e história*, 82.

“Antes da festa da Páscoa, Jesus, sabendo bem que tinha chegado a sua hora da passagem deste mundo para o Pai, Ele, que amara os seus que estavam no mundo, levou o seu amor por eles até ao extremo. [...] Jesus saiu com os discípulos para o outro lado da torrente de Cédron, onde havia um horto, e ali entrou com os seus discípulos. Judas, então, guiando o destacamento romano e os guardas ao serviço dos sumos sacerdotes e dos fariseus, munidos de lanternas, archotes e armas, entrou lá. Disse-lhes Jesus: ‘A quem buscais?’ Responderam-lhe: ‘A Jesus, o Nazareno’. [...] Então, o destacamento, o comandante e os guardas das autoridades judaicas prenderam Jesus e manietaram-no [...]. Levaram-no ao Sumo Sacerdote Caifás [...] e, seguidamente, à sede do governador romano, Pôncio Pilatos. [Após o interrogatório, Pilatos apresentou Jesus aos judeus.] Assim que viram Jesus, os sumos sacerdotes e os seus servidores gritaram: ‘Crucifica-o! Crucifica-o!’ Replicaram-lhe, ainda: ‘Nós temos uma Lei e, segundo essa Lei, deve morrer, porque disse ser Filho de Deus.’ [...] Então, entregou-o para ser crucificado. E eles tomaram conta de Jesus.” (Jo 13, 1.18, 1.3-5.18, 12.18, 24.18, 28.19 )

Na obra *O Jesus Histórico – Um Manual*, de G. Theissen e A. Merz, são discutidos diversos prismas face às questões históricas da Paixão de Jesus, procurando reconstruir todo esse processo por meio da análise crítica aos factos narrados. Neste âmbito, “à parte do facto raramente posto em dúvida de que Jesus foi crucificado sob Pôncio Pilatos, não há opiniões claras sobre quem deu o impulso para a sua condenação e sobre as razões da sua execução”<sup>66</sup>. Romanos ou Sinédrio. Atuou o primeiro como ‘órgão executivo’ do segundo? Questões políticas, por um lado, ou razões pragmáticas ou convicções teológicas, por outro?<sup>67</sup> As várias investigações legais atribuem a principal responsabilidade da execução de Jesus aos romanos, ainda assim ao Sinédrio concedem-lhe o fator determinante<sup>68</sup>, uma vez que essa instância judaica narrada no evangelho segundo João (Jo 19, 11), é mais incriminada do que o poder romano de Pôncio Pilatos.<sup>69</sup>

Jesus, levando a cruz às costas, saiu para o chamado Lugar da Caveira, que em hebraico se diz *Gólgota*, onde o crucificaram, e com Ele outros dois, um de cada lado, ficando Jesus no meio. Pilatos redigiu um leltreiro [em hebraico, em grego e em latim] e mandou pô-lo sobre a cruz. Dizia: ‘Jesus Nazareno, Rei dos Judeus’ [...] Depois de terem crucificado Jesus [...] e sabendo [Jesus] que tudo se consumara, para se cumprir totalmente a Escritura, disse: ‘Tenho sede!’

<sup>66</sup> G. THEISSEN, A. MERZ, *O Jesus Histórico – Um Manual*, Edições Loyola, São Paulo, 2002, 469.

<sup>67</sup> Cf. G. THEISSEN, A. MERZ, *O Jesus Histórico – Um Manual*, 469-470.

<sup>68</sup> Cf. G. THEISSEN, A. MERZ, *O Jesus Histórico – Um Manual*, 475.

<sup>69</sup> Cf. G. THEISSEN, A. MERZ, *O Jesus Histórico – Um Manual*, 476.

Havia ali uma vasilha cheia de vinagre. Então, ensopando no vinagre uma esponja fixada num ramo de hissopo, chegaram-lha à boca. Quando tomou o vinagre, Jesus disse: ‘Tudo está consumado.’ E, inclinando a cabeça, entregou o espírito [morreu]. (Jo 13, 6-7.19, 16.19, 17-19.19, 28-30)

Na época de Jesus, a sentença capital – a *ius gladii* – estava reservada ao poder romano.

“A crucificação era uma forma romana de execução destinada especialmente para escravos e rebeldes. Tinha um carácter humilhante e não podia (oficialmente) ser aplicada aos cidadãos romanos.”<sup>70</sup> Deferir a Jesus esse modo de execução poderá ter convergido à leitura cristã do justo sofredor. “A crucificação é interpretada como hora de glorificação e exaltação.”<sup>71</sup> Jesus havia antecipado a leitura da sua soberania no reino que não deste mundo e por isso a sua morte é, em João, a expressão máxima do seu amor, deliberadamente aceite e necessária<sup>72</sup>.

Depois disto, José de Arimateia, que era discípulo de Jesus, mas secretamente por medo das autoridades judaicas, pediu a Pilatos que lhe deixasse levar o corpo de Jesus. E Pilatos permitiu-lho. Veio, pois, e retirou o corpo. Nicodemos apareceu também trazendo uma mistura de mirra e aloés. Tomaram então o corpo de Jesus e envolveram-no em panos de linho com os perfumes, segundo o costume dos judeus. No sítio em que Ele tinha sido crucificado havia um horto e, no horto, um túmulo novo, onde ainda ninguém tinha sido sepultado. Como para os judeus era dia da Preparação da Páscoa e o túmulo estava perto, foi ali que puseram Jesus.” (Jo 19 38-42)

Sublinharíamos e assumiríamos, na apresentação deste Relatório, os seguintes dados históricos: Jesus foi condenado à morte, por uma acusação prévia por parte das autoridades judaicas e, executado numa cruz, através da sentença ditada pelo governador romano.

“Jesus foi ‘condenado à morte durante o reinado de Tibério, pelo governador Pôncio Pilatos’. É essa a informação de Tácito, o célebre historiador romano (Anais 15, 44, 3). A mesma coisa afirma Flávio Josefo, o qual acrescenta outros dados de grande interesse: ‘Jesus atraiu a muitos judeus e a muitos de origem grega. E, quando Pilatos, devido a uma acusação vinda dos principais de entre nós, o condenou à cruz, os que antes o tinham amado não desistiram de o

---

<sup>70</sup> G. THEISSEN, A. MERZ, *O Jesus Histórico – Um Manual*, 483.

<sup>71</sup> G. THEISSEN, A. MERZ, *O Jesus Histórico – Um Manual*, 479.

<sup>72</sup> Cf. G. THEISSEN, A. MERZ, *O Jesus Histórico – Um Manual*, 478-480.

fazer' (Antiguidades judaicas 18, 3, 3). Estes dados são coincidentes com o que sabemos pelas fontes cristãs.<sup>73</sup>

Mas qual a razão de fundo desta acusação e sentença? Como anteriormente referido, os contextos políticos e religiosos da sociedade de Jesus eram caracterizados pela estabilidade política, embora dominada por poder estrangeiro, e uma rigorosa conduta de cumprimento à Lei de Moisés, respetivamente. É verdade que Jesus discordava da prática e do formalismo religioso do judaísmo da sua época, uma vez que esta vestia comportamentos desvirtuados face à ética humana<sup>74</sup>. Mais, estávamos no mês de *Nisan* do calendário judaico/hebreu (março/abril). Queria isto dizer que estava próxima a festa da Páscoa, a *Pessah*, e face ao clima festivo e com a cidade repleta de judeus provenientes de todo o Império, qualquer tentativa de rebelião que ameaçasse a ordem pública seria de imediato autuada pelo 'governo' imperial<sup>75</sup>. Por que falamos disto? Porque parece ter sido o estratagema que as autoridades judaicas elaboraram ao entregarem Jesus ao perfeito romano, como perturbador indesejado, o factor de distúrbio político<sup>76</sup>. A atuação contra Jesus era desejada há muito, determinada pela sua vida pública, pela sua atuação e pela sua mensagem que denunciava radicalmente o sistema vigente, suscitando a ira das autoridades religiosas. Ora, só havia uma solução para erradicar quer as suas obras quer o próprio Jesus – a morte. A partir daí, as autoridades conspiraram para aniquilar Jesus. O incidente do templo (Jo 2, 13-25), onde Jesus expulsou os comerciantes, cambistas e vendedores, do átrio do templo, foi o sinal que as alçadas religiosas há tanto aguardavam e desejavam. Com essa crítica, Jesus entrou em conflito direto com o centro religioso do judaísmo do seu tempo, porque, “naquela época, o judaísmo era muito mais uma religião do templo do que da Torá.”<sup>77</sup> Armaram uma cilada e prenderam Jesus. Foi primeiro apresentado ao Sumo Sacerdote Caifás que, juntamente com o seu conselho, decidiram entregar Jesus a Pôncio Pilatos, que era o perfeito romano, governador da província da Judeia, a fim de o mandar

---

<sup>73</sup> J. A. PAGOLA, *Jesus, uma abordagem histórica*, 387-388.

<sup>74</sup> Cf. J. RATZINGER, *Jesus de Nazaré*, A Esfera dos Livros, Lisboa, 2007, 108.

<sup>75</sup> Cf. J. A. PAGOLA, *Jesus, uma abordagem histórica*, 397.

<sup>76</sup> Cf. G. THEISSEN, A. MERZ, *O Jesus Histórico – Um Manual*, 491.

<sup>77</sup> G. THEISSEN, A. MERZ, *O Jesus Histórico – Um Manual*, 494.

executar. Daqui para a frente sucede-se a Paixão de Jesus, ou a *Paixão de Cristo* – o percurso, também espiritual, de Jesus desde que foi entregue às autoridades até à sua morte na cruz.

“A crucifixão pública de Jesus perante aquelas multidões oriundas de todos os cantos, era o suplício perfeito para aterrar todos os que pudessem estar a maquirar qualquer tentativa de rebelião contra Roma.”<sup>78</sup>

A solução eficaz encontrada na crucifixão pública de Jesus serviria, pensavam as autoridades religiosas, para intimidar e banir com o movimento de seguidores e simpatizantes que se tinha originado em torno da pessoa de Jesus.

A razão de fundo?! A vida, o ministério e o projeto de Jesus, na defesa do reino de Deus, como veremos posteriormente, colocava em causa, ao mesmo tempo, a provocação de Roma e o sistema do templo<sup>79</sup>.

### **1.3. O grande sinal - a metamorfose morte-vida**

Primeiro acusado, depois preso, a seguir condenado, crucificado e morto, o grande sinal de Jesus foi incrivelmente testemunhado ao terceiro dia da sua morte – a ressurreição ou a vitória sobre a morte. Deste modo, a superação da morte transformou a cruz como o símbolo da não-última palavra sobre Jesus<sup>80</sup>.

“No primeiro dia da semana, Maria Madalena foi ao túmulo logo de manhã, ainda escuro, e viu retirada a pedra que o tapava. Correndo, foi ter com Simão Pedro e com o outro discípulo, o que Jesus amava, e disse-lhes: ‘O Senhor foi levado do túmulo e não sabemos onde o puseram.’ Pedro saiu com o outro discípulo e foram ao túmulo. Corriam os dois juntos, mas o outro discípulo correu mais do que Pedro e chegou primeiro ao túmulo. Inclinou-se para observar e reparou que os panos de linho estavam espalmados no chão, mas não entrou. Entretanto, chegou também Simão Pedro, que o seguira. Entrou no túmulo e ficou admirado ao ver os panos de linho, espalmados no chão, ao passo que o lenço que tivera em volta da cabeça não estava espalmado no chão juntamente com os panos de linho, mas de outro modo, enrolado noutra

---

<sup>78</sup> J. A. PAGOLA, *Jesus, uma abordagem histórica*, 404.

<sup>79</sup> Cf. J. A. PAGOLA, *Jesus, uma abordagem histórica*, 405. Note-se que na época de Jesus o judaísmo era muito mais uma religião do templo do que da Torá – só com a destruição do templo é que a Torá conquista o centro da fé judaica.

<sup>80</sup> Cf. J. SOBRINO, *Jesucristo liberador*, Editorial Trotta, Madrid, 2010, 343.

posição. Então, entrou também o outro discípulo, o que tinha chegado primeiro ao túmulo. Viu e começou a crer, pois ainda não tinham entendido a Escritura, segundo a qual Jesus devia ressuscitar dos mortos. A seguir, os discípulos regressaram a casa.” (Jo 20, 1-10)

Embora ninguém o tivesse compreendido, Jesus tinha vencido a morte e ressuscitado dos mortos. A ressurreição teria sido um final feliz? “(...) de facto, não pode ser entendida simplesmente como um final feliz, mas como uma consumação intrínseca da vida de Jesus. Não é apenas a exaltação de Jesus, mas é também a confirmação da verdade de sua vida”<sup>81</sup>, a verdade da vida nova no Reino dos céus, professada pelos antigos profetas e por Jesus. Ou, como referiu o então Papa Bento XVI, é

“algo mais, [...] uma realidade diversa. É – se nos for permitido por uma vez usar a linguagem da teoria da evolução – a maior ‘mutação’, em absoluto, o salto mais decisivo para uma dimensão totalmente nova, como nunca antes se tinha verificado na longa história da vida e dos seus avanços: um salto para uma ordem completamente nova, que tem a ver conosco e diz respeito a toda a história”<sup>82</sup>.

Por este motivo, Jesus concebia a sua morte como concebera sempre a sua vida: como um serviço ao reino de Deus a favor de todos<sup>83</sup>. E também por isso, “a comunidade do cristianismo primitivo logo narrou a história da morte de Jesus com os motivos da *passio iusti*”<sup>84</sup>, que não atuou pela morte, mas pela superação da morte – o novo sacrifício – em que Deus deu vida para criá-la de novo a partir da morte<sup>85</sup>.

Seguimos as leituras de W. Marxsen, R. Bultman e K. Barth no que se referem à posição da ciência histórica ao acontecimento pascal de Jesus. Esta, concluem, carece de capacidade para abarcar e lidar com o evento da ressurreição (Barth), que não estagnou no tempo, mas que originou uma interpretação condicionada pelo tempo que não pode ser historizada (Marxsen)<sup>86</sup>,

---

<sup>81</sup> J. SOBRINO, *Jesucristo liberador*, 343.

<sup>82</sup> BENTO XVI, «Homilia da Vigília Pascal», 15 de abril de 2006, acessado a 02 de fevereiro de 2020, [http://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/homilies/2006/documents/hf\\_ben-xvi\\_hom\\_20060415\\_veglia-pasquale.html](http://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/homilies/2006/documents/hf_ben-xvi_hom_20060415_veglia-pasquale.html).

<sup>83</sup> J. A. PAGOLA, *Jesus, uma abordagem histórica*, 365.

<sup>84</sup> G. THEISSEN, A. MERZ, *O Jesus Histórico – Um Manual*, 494.

<sup>85</sup> Cf. G. THEISSEN, A. MERZ, *O Jesus Histórico – Um Manual*, 495.

<sup>86</sup> Cf. G. THEISSEN, A. MERZ, *O Jesus Histórico – Um Manual*, 532.

pelas experiências vividas pela primitiva comunidade cristã, apropriando, deste modo, continuamente o querigma de Jesus, tornando manifesta a interpretação existencial do homem (Bultman)<sup>87</sup>.

#### **1.4. A vida e a profecia**

Uma segunda ‘volta’ à Galileia acontece na constatação daquilo que, efetivamente, foi a vida de Jesus e o que a partir dela se reavivou e se concretizou – a humanidade como um todo, independentemente da condição humana, social, cultural, política e económica.

O conhecimento acerca da vida de Jesus resulta das fontes e dos escritos judaicos e cristãos e históricos que os seus autores firmaram: historiadores e evangelistas. Embora os principais testemunhos acerca de Jesus advenham dos quatro Evangelhos, as narrativas neotestamentárias, e de tradições orais mais antigas, há ainda testemunhos relevantes e imparciais, declarações oculares e não-cristãs, em diversas obras, como a do historiador judaico-romano Flávio Josefo (37-100 d.C.), a do historiador romano Tácito (110 d.C.), e a do filósofo sírio Mara Bar-Serapião (73 d.C.)<sup>88</sup>. No que diz respeito às narrativas dos Evangelhos, estes fruem de uma finalidade específica, a de transmissão de novas e boas notícias da verdade da vida de Jesus, experienciadas por aqueles que de mais de perto confraternizaram com o próprio, “[a transmissão dos factos históricos] os factos e as palavras de Jesus são coloridos pela experiência das comunidades da primeira geração cristã, que vai dos anos 30 a 70”<sup>89</sup>, o período da urgência do anúncio do Reino. Importa lembrar que ‘os Quatro Evangelhos representam o último estágio da tradição acerca das obras e das palavras de Jesus’<sup>90</sup>.

---

<sup>87</sup> Cf. G. THEISSEN, A. MERZ, *O Jesus Histórico – Um Manual*, 533.

<sup>88</sup> Cf. J. P. MEIER, *Un judío marginal. Nueva visión del Jesús histórico. I. Las raíces del problema y persona*, Verbo Divino, Estella 1998, 79.

<sup>89</sup> Bíblia Sagrada, *Evangelhos e Atos*, Difusora Bíblica, Lisboa/Fátima, 2015, 1559.

<sup>90</sup> Bíblia Sagrada, *Evangelhos e Atos*, 1559.

### 1.4.1. A vida

O princípio da vida de Jesus deu-se na cidade de Nazaré da Galileia, e lá passou a maior parte da sua vida, daí ter conquistado o epíteto de ‘Nazareno’. Nazaré seria a terra dos seus pais Maria e José, da linhagem do rei David. No entanto, e a título da tradição da Igreja, o berço da vida de Jesus terá sido em Belém da Judeia, uma vez que o seu nascimento coincidira com a época do recenseamento. Note-se, aqui, a dinâmica histórico-teológica, aceitando-se o seguinte:

“Embora não possamos excluir absolutamente o nascimento de Jesus em Belém, devemos aceitar o facto de que a ideia dominante nos Evangelhos e nos Actos é que Jesus vem de Nazaré e só de Nazaré. A referência ao nascimento de Jesus em Belém é, mais do que um facto histórico, um *teologúmeno*, ou seja, uma afirmação teológica indirecta da filiação davídico-messiânica de Jesus baseada em Miq 5, 1, apresentada em forma de narração aparentemente histórica.”<sup>91</sup>

#### a) O nascimento

O projeto da vida de Jesus terá sido revelado desde o seu nascimento. Maria de Nazaré foi visitada pelo Anjo de Deus, Gabriel, a quem anunciou a ‘boa-notícia’ de Deus. Maria teria sido a escolhida para ser, por ação do Espírito de Deus, mãe de Jesus, o Filho de Deus (cf. Lc 1, 26-35). A partir desse anúncio Deus far-se-ia comunicar a várias outras pessoas, entre elas José, noivo de Maria, no período da concepção de Jesus, e aos pastores, no momento do nascimento. Começaria, assim, uma nova era, a da “irrupção nova e definitiva de Deus na História humana”<sup>92</sup>, o Deus presente e próximo.

---

<sup>91</sup> J. ESCOBAR, As origens de Jesus: infância e vida oculta, in *Un judío marginal*, 10.

<sup>92</sup> J. ESCOBAR, As origens de Jesus: infância e vida oculta, in *Un judío marginal*, 12. “[...] A afirmação teológica que encontramos em Mateus e Lucas é possivelmente o resultado da projeção da fé pascal na própria origem da vida de Jesus, ou seja, a convicção de que o mesmo Espírito que ressuscitou Jesus dos mortos estava também agindo na concepção de Jesus. [...] Como diz J. P. Meier: ‘A investigação histórico-crítica carece simplesmente das fontes e meios necessários para chegar a uma conclusão definitiva sobre a historicidade da concepção virginal como é narrada em Mateus e Lucas. [...] A origem e compreensão da tradição da concepção virginal continua a ser um mistério. Só a podemos interpretar de maneira pertinente se a aceitarmos como afirmação teológica.’”

Calcula-se que Jesus terá nascido nos últimos anos do reinado de Herodes, o Grande (37 - 4 a.C.)<sup>93</sup>. Herodes Magno morreu quatro anos antes do início da nossa era, por isso temos na sua morte a data-limite para o nascimento de Jesus. Por erro de cálculo o monge Dionísio, o Exíguo, situou o nascimento de Jesus quatro anos depois à morte de Herodes, ao contrário ao texto dos Evangelhos (Lc 1, 5; 2,1s.; Mt 2, 1ss.19ss.). Também, muito provavelmente, Jesus poderá ter nascido no mês judaico de *Nisan*, em março/abril do nosso calendário, pela época do nascimento dos cordeiros, quando os pastores guardavam e vigiavam os seus rebanhos durante a noite (cf. Lc 2, 8). Em todo o caso, “as datas da vida de Jesus só podem ser definidas sempre aproximadamente, pois ele não se inclui entre os governantes segundo cujos períodos no cargo se calculava o tempo na Antiguidade”.<sup>94</sup>

#### **b) A infância e os anos de silêncio**

Desde a infância de Jesus até ao início do seu ministério público, pouco se sabe. O chamado silêncio canónico dos Evangelhos, que narram (Mt e Lc) os momentos do nascimento em Belém<sup>95</sup>, da circuncisão, da apresentação do Menino no Templo em Jerusalém, da fuga para o Egito por causa da intenção aniquiladora do rei Herodes e do diálogo de Jesus com os doutores da Lei no templo, inviabiliza o estudo histórico-crítico desta etapa de vida de Jesus. Em todo o caso, face aos hábitos e costumes da cultura judaica da Palestina, e particularmente da Galileia, Jesus fora instruído no culto do judaísmo, primeiramente em ambiente doméstico, e depois em regime institucional, na sinagoga<sup>96</sup>. Outra variante da formação implicava o ofício, que por norma, seria geracional. Considera-se que Jesus aprendera com o seu pai José a arte do *tektion*, podendo prestar diversos ofícios artesanais, mas possivelmente, neste caso, a

---

<sup>93</sup> Cf. G. THEISSEN, A. MERZ, *O Jesus Histórico – Um Manual*, 175.

<sup>94</sup> Cf. G. THEISSEN, A. MERZ, *O Jesus Histórico – Um Manual*, 172.

<sup>95</sup> Segundo G. Theissen e A. Merz Jesus nasceu em Nazaré. “A transferência do lugar de nascimento para Belém é um resultado de fantasia e imaginação religiosas”, portanto, da tradição davidica. (Cf. G. THEISSEN, A. MERZ, *O Jesus Histórico – Um Manual*, 186).

<sup>96</sup> Cf. G. THEISSEN, A. MERZ, *O Jesus Histórico – Um Manual*, 382.

carpintaria. Sabe-se, contudo, que “Jesus crescia em sabedoria, em estatura e em graça diante de Deus e dos homens” (Lc 2, 52).

### **c) A manifestação pública**

A vida pública de Jesus terá acontecido por volta dos seus 30-33 anos, com o episódio do Baptismo. Quando esta é analisada retrata-se a sua mensagem, as suas palavras, as suas ações, e conclui-se existir uma descontinuidade entre as ações e as palavras de Jesus com a prática e a tradição do judaísmo da sua época – critério de descontinuidade. Ora vejamos:

“Impelido pelo Espírito, Jesus voltou para a Galileia e a sua fama propagou-se por toda a região. Ensinava nas sinagogas e todos o elogiavam. Veio a Nazaré, onde tinha sido criado. Segundo o seu costume, entrou em dia de sábado na sinagoga e levantou-se para ler. Entregaram-lhe o livro do profeta Isaías e, desenrolando-o, deparou com a passagem em que está escrito: *‘O Espírito do Senhor está sobre mim, porque me ungiu para anunciar a Boa-Nova aos pobres; enviou-me a proclamar a libertação aos cativos e, aos cegos, a recuperação da vista; a mandar em liberdade os oprimidos, a proclamar um ano favorável da parte do Senhor.’* Depois, enrolou o livro, entregou-o ao responsável e sentou-se. Todos os que estavam na sinagoga tinham os olhos fixos nele. Começou, então, a dizer-lhes: ‘Cumpru-se hoje esta passagem da Escritura, que acabais de ouvir.’ Todos davam testemunho em seu favor e se admiravam com as palavras repletas de graça que saíam da sua boca. Diziam: ‘Não é este o filho de José?’ Disse-lhes, então: ‘Certamente, ides citar-me o provérbio: ‘Médico, cura-te a ti mesmo.’ Tudo o que ouvimos dizer que fizeste em Cafarnaúm, fá-lo também aqui na tua terra.’ Acrescentou, depois: ‘Em verdade vos digo: Nenhum profeta é bem recebido na sua pátria. [...] Ao ouvirem estas palavras, todos, na sinagoga, se encheram de fervor. E, erguendo-se, lançaram-no fora da cidade e levaram-no ao cimo do monte sobre o qual a cidade estava edificada, a fim de o precipitarem dali abaixo. Mas, passando pelo meio deles, Jesus seguiu o seu caminho.” (Lc 4, 14-24.28-30)

O caminho de Jesus caracteriza-se pelo modo extraordinário como marcou alguns com a sua personalidade. Junto dele sentiam-se tocados pelo poder de Deus e por isso o apelidaram o ‘Cristo’, ou o ‘Ungido’ de Deus, uma vez que segundo a tradição judaica, o poder de Deus poderia ser exercido ou diretamente por Deus ou por meio do seu ungiu, ou seja, do messias. Na realidade, os antigos de Israel haviam profetizado acerca da vinda do Messias, no entanto,

a imagem de Jesus como o Messias, servo sofredor, não terá sido bem acolhida para os que esperavam o Ungido restaurador do povo de Israel.

Assim como apresentadas em Lc 4, 14-30, as ações de Jesus, também noutros episódios evangélicos, têm um tom fortemente polémico. Jesus parece ter agido para provocar, ou pelo menos o terão entendido alguns dos seus contemporâneos. Outros o terão apresentado como um pregador ambulante que proclamava a compreensão, o amor e a tolerância.

Voltamos à primavera da Galileia quando voltamos a (re)ler toda a vida de Jesus - a pregação, as parábolas, os milagres, os encontros, os seguidores, as comunidades, os entusiasmos e as deserções. É voltar aos passos e aos caminhos, ao itinerário de Jesus de Nazaré.

Por palavras e por obras. Assim se resumia o itinerário da vida de Jesus. Terá iniciado um projeto diferente ao de João Baptista, até então projeto de preparação para o tempo novo, para renovar Israel. Jesus terá começado a ver tudo desde uma perspetiva nova. Tinha terminado o tempo de preparação no deserto. Começava a irrupção definitiva de Deus. Estavam a começar uns tempos que não faziam parte da velha era da preparação, mas de uma nova era, a da revelação de Deus, presente e próximo da humanidade. A era da salvação de Deus. Com Jesus, tudo se unificava na misericórdia de Deus.

Tamanha tarefa, ação e missão, fora partilhada com um grupo de doze que mais afincadamente conviveram, testemunharam, aprenderam e imitaram o itinerário de vida de Jesus. É o conhecido grupo dos Doze (cf. Lc 6, 13). Embora este grupo de doze tivesse uma operação mais próxima com Jesus, resultante do fundamento profético do estabelecimento de um novo Israel, de um novo povo de Deus<sup>97</sup>, muitos outros acorriam a Jesus, ora para o admirar, ora para o seguir (Lc 6, 17-19), alargando o grupo de discípulos e dando depois origem às comunidades primitivas judaico-cristãs. De certa forma, todos estes homens e mulheres experienciaram o encontro pessoal com Jesus Cristo, interpelados a segui-lo e a participar da

---

<sup>97</sup> Cf. J. GNILKA, *Jesús de Nazaret - Mensaje e história*, 203-205.

sua missão. Noutras palavras podemos afirmar que a multidão que seguia Jesus sentia-se amada pelo próprio. Jesus falava-lhes a partir da vida, comunicava-lhes aquilo que vivia.

“Todos poderiam captar a sua mensagem: as mulheres que punham fermento na massa e os homens que acabavam de chegar de semear o trigo [Lc 13, 18-21]. Bastava viver intensamente a vida de cada dia, e escutar de coração simples as audazes conclusões que Jesus extraía dela, para se poder acolher a um Deus que é Pai.”<sup>98</sup>

Entendemos que todas as situações serviam a Jesus para anunciar a sua mensagem com palavras simples e claras, frescas e penetrantes, vivas e com sentido. Jesus não falava senão a partir da vida, comunicava aquilo que vivia. “Para estar em sintonia com ele e captar a experiência que ele tinha de Deus era preciso amar a vida e imergir nela, abrir-se ao mundo e escutar a criação”<sup>99</sup>. Jesus transportava em si um carisma influente que convergia em ajuntamentos de seguidores. Estes, por sua vez, passariam a partilhar “o papel marginal estigmatizado do pregador peregrino Jesus de Nazaré, como a sua autoridade carismática no presente e no futuro”<sup>100</sup>. Traduziu-se, desse modo, o movimento de Jesus que ultrapassou as barreiras do círculo estrito de seguidores e conquistou grupos maiores da população<sup>101</sup>.

“Com uma criatividade inesgotável, inventava imagens, concebia belas metáforas, sugeria comparações e, sobretudo, contava com mestria parábolas que cativavam aquela gente. Penetrar no fascinante mundo destas narrativas será o melhor caminho para perceber a sua experiência do reino de Deus.”<sup>102</sup>

Se as palavras de Jesus foram atrativas e influentes, também polémicas e atrevidas para o tempo vivido, a sua vida tornou-se modelo e exemplo pelas suas obras. Pela sua linguagem o povo escutava uma Boa Notícia e pelas suas obras partilhavam e vivenciavam essa Boa Nova! Com esses dois instrumentos procurava sintonizar a gente com experiências que aqueles camponeses e pescadores conheciam da sua própria vida e ajudá-los a olhar para a vida de outro

---

<sup>98</sup> J. A. PAGOLA, *Jesus, uma abordagem histórica*, 41.

<sup>99</sup> J. A. PAGOLA, *Jesus, uma abordagem histórica*, 42.

<sup>100</sup> G. THEISSEN, A. MERZ, *O Jesus Histórico – Um Manual*, 240.

<sup>101</sup> Cf. G. THEISSEN, A. MERZ, *O Jesus Histórico – Um Manual*, 240.

<sup>102</sup> J. A. PAGOLA, *Jesus, uma abordagem histórica*, 115.

modo, a abrir-se à bondade de Deus. Tentava aproximar o reino de Deus de cada aldeia, de cada família, de cada pessoa. Como? A partir da sua vida itinerante pelas povoações da Galileia e arredores, restaurando e oferecendo uma vida mais digna a todos os que encontrava pelo caminho, pois

“[...] era aqui que Jesus encontrava, como em nenhum outro lado, o Israel mais doente e mais maltratado pelos poderosos. Era aqui que Israel sofria mais fortemente os efeitos da opressão. [...] A implantação do Reino de Deus tinha de começar ali, onde o povo estava mais humilhado. A semente do reino só poderia encontrar boa terra entre os pobres da Galileia.”<sup>103</sup>

Tudo começava a ser diferente com Jesus. O reino de Deus ia despertando precisamente onde aconteciam as coisas menos boas aos pobres. Servia de convite a passar de um mundo velho, convencional e sem horizontes, para um ‘país novo’ e cheio de vida que Jesus estava a experimentar e a que ele chamava reino de Deus<sup>104</sup>.

Joachim Jeremias, teólogo alemão luterano, confessou que Jesus era descrito pelos racionalistas como o predicador moral; pelos humanistas como a quinta essência do humanismo; pelos ascetas como o amigo dos pobres e o reformador social; e pelos pseudocientistas como uma nova figura<sup>105</sup>. Por uns ou por outros, a vida de Jesus fora transformadora de mentalidades e de práticas: curar os doentes que ninguém curava; aliviar a dor dos abandonados; tocar os leprosos que ninguém queria tocar; abençoar e abraçar as crianças e os mais simples; acolher e aproximar os cobradores de impostos, as prostitutas, os endemoninhados e os samaritanos<sup>106</sup>.

Quis-se que a PES representasse e cumprisse essa preocupação e missão de ser instrumento transformador de mentalidades e de práticas na vida dos alunos. Aproximando a turma da realidade histórica e também carismática de Jesus, durante a lecionação da UL *Jesus, um homem para os outros*, acreditava-se que despertaria na comunidade o interesse e a procura

---

<sup>103</sup> J. A. PAGOLA, *Jesus, uma abordagem histórica*, 87.

<sup>104</sup> Cf. J. A. PAGOLA, *Jesus, uma abordagem histórica*, 119.

<sup>105</sup> Cf. J. JEREMIAS, “El problema del Jesús histórico”, *Abba*, Salamanca, 1981, 201, in R. AGUIRRE, *Del Movimiento de Jesus a la Iglesia cristiana*, ED. Desclee de Brouwer, Bilbao, 1987, 20.

<sup>106</sup> Cf. J. GNILKA, *Jesús de Nazaret - Mensaje e historia*, 145.

de sinais ou significados do movimento de Jesus na história; que desafiaria o grupo a reler a evolução e as vicissitudes da história iluminada pelo projeto de Jesus.

Tendo nascido, vivido e morrido como judeu<sup>107</sup>, Jesus conhecia bem as diversas realidades e dimensões da sociedade palestinese. Ao adotar para o início do seu legado a passagem do profeta Isaías (Is 61, 1-2)<sup>108</sup>, desencadeou um verdadeiro atentado à ordem e à estrutura social, exigindo a reposição da justiça<sup>109</sup>. Daqui resultou o anúncio do reino de Deus.

Ele vivia repassado pelo amor e pela misericórdia: o sofrimento das pessoas causava-lhe dor, fazia-o seu e convertia-o em princípio interno do seu agir, curando, abençoando e perdoadando<sup>110</sup>. “O amor a Deus tornava impossível viver encerrado dentro de si, indiferente ao sofrimento dos outros. Somente no amor ao próximo era possível descobrir verdadeiramente o amor a Deus”<sup>111</sup>. Encontra-se, aqui, a chave de leitura da práxis de Jesus, o mandamento novo do amor: “Por isto é que todos conhecerão que sois meus discípulos: se vos amardes uns aos outros” (Jo 13, 35).

“Em suma, Jesus tem os pés nesta terra e não pede àqueles que O seguem que façam o contrário. A crítica que recebe é precisamente a de ser demasiado ‘terreno’. [...] Assim sendo, Jesus é um homem profundamente vital, [com uma energia vital], um homem que valoriza a vida em todas as suas dimensões, alguém que se aproxima das pessoas e das coisas com carinho e humanidade, com simpatia e até mesmo humor.”<sup>112</sup>

Uma vida de encontros variados e de relações sociais. A vida de Jesus foi impactante e influente, fruto do seu carisma e da sua autoridade, manifestado na relação com a sua família, com os seus discípulos e seguidores, com a multidão e com os seus adversários.

---

<sup>107</sup> Curiosamente o próprio nome Jesus advém da tradição e costume da defesa da identidade da cultura judaica, que depois do exílio egípcio, atribuía-se o nome dos antigos heróis do passado legendário, em confronto com os gentios que dominavam as suas terras. Cf. J. ESCOBAR, «As origens de Jesus: infância e vida oculta», 12.

<sup>108</sup> “O Espírito do Senhor está sobre mim, porque me ungiu para anunciar a Boa-Nova aos pobres; enviou-me a proclamar a libertação aos cativos e, aos cegos, a recuperação da vista; a mandar em liberdade os oprimidos, a proclamar um ano favorável da parte do Senhor” (Is 61, 1-2).

<sup>109</sup> Cf. J. A. PAGOLA, *Jesus, uma abordagem histórica*, 109.

<sup>110</sup> Cf. J. A. PAGOLA, *Jesus, uma abordagem histórica*, 202, 272.

<sup>111</sup> J. A. PAGOLA, *Jesus, uma abordagem histórica*, 265.

<sup>112</sup> A. PUIG, *Jesus. Uma biografia*, 333.

#### 1.4.2. A profecia - as bem-aventuranças (Mt 5, 1-12)

Afirmar que as bem-aventuranças refletem o projeto de vida de Jesus, o seu estilo de vida, é confirmar que a sua vinda foi um autêntico serviço ao anúncio e à proclamação do Reino de Deus. Na verdade, Jesus consagrou-se totalmente a esta realidade que se foi apoderando do seu coração cada vez com mais força. Foi a paixão da sua vida, a causa à qual se entregou de corpo e alma - o anúncio da ‘Boa Notícia de Deus’<sup>113</sup> – e, por isso, o resumo da sua pregação<sup>114</sup>.

A admiração da multidão por Jesus assentava em duas principais razões: o conteúdo dos seus ensinamentos e das suas palavras; e a autoridade com que o fazia. Ao contrário dos doutores da Lei, Jesus falava da Lei e dos profetas com uma autoridade própria, que não podia vir senão de Deus<sup>115</sup>.

O combate e a erradicação à exclusão é notório na vida de Jesus. A todos anunciava a boa nova de Deus, reconhecendo que nem todos a podiam receber da mesma maneira. Todos poderiam entrar no seu reino, mas nem todos da mesma maneira, pois a misericórdia de Deus exigia, antes de mais, que se fizesse justiça aos mais pobres e humilhados. Desta certeza, Jesus iniciou o discurso inaugural da nova Lei do Reino, em cima de um monte, com o ensinamento das Bem-aventuranças. Também no Antigo Testamento, no cimo do monte Sinai, Moisés teria recebido as tábuas da Lei para orientar a vida do povo de Israel, o povo escolhido por Deus; mas esta é atualizada e cumprida por Jesus, que pelas Bem-aventuranças dá a conhecer e oferece esse projeto para toda a humanidade.

“Ao ver a multidão, Jesus subiu a um monte. Depois de se ter sentado, os discípulos aproximaram-se dele. Então tomou a palavra e começou a ensiná-los, dizendo:

«Felizes os pobres em espírito, porque deles é o Reino do Céu.

Felizes os que choram, porque serão consolados.

Felizes os mansos, porque possuirão a terra.

Felizes os que têm fome e sede de justiça, porque serão saciados.

Felizes os misericordiosos, porque alcançarão misericórdia.

---

<sup>113</sup> Cf. J. A. PAGOLA, *Jesus, uma abordagem histórica*, 59.

<sup>114</sup> Cf. G. THEISSEN, A. MERZ, *O Jesus Histórico – Um Manual*, 264.

<sup>115</sup> Cf. Bíblia Sagrada, Mt 7, 28-29, nota de rodapé 28-29, 1577.

Felizes os puros de coração, porque verão a Deus.

Felizes os pacificadores, porque serão chamados filhos de Deus.

Felizes os que sofrem perseguição por causa da justiça, porque deles é o Reino do Céu.

Felizes sereis, quando vos insultarem e perseguirem e, mentindo, disserem todo o género de calúnias contra vós, por minha causa. Exultai e alegrai-vos, porque grande será a vossa recompensa no Céu; pois também assim perseguiram os profetas que vos precederam.» (Mt 5, 1-12)

Para Jesus, o tempo atual já não seria o da preparação, como o era a missão de João Baptista, mas o da reprodução do acontecimento salvador definitivo: o reino de Deus.<sup>116</sup> Tornava-se, assim, claro o núcleo da missão de Jesus, na terra habitada por Israel<sup>117</sup>. Nas bem-aventuranças, também conhecidas como ‘caminho/projeto de felicidade’, encontramos o estilo de vida de Jesus e, conseqüentemente, a marca identitária dos seus seguidores. A conduta por Jesus estabelecida consistia no acontecimento dinâmico do Reino de Deus<sup>118</sup>, no movimento contrário ao que o do sistema social defendia e edificava.

“[...] os que não interessavam a ninguém eram do interesse de Deus; os que pareciam estar a mais nos impérios edificados pelos homens, tinham um lugar privilegiado no seu coração; os que não tinham patrão para os defender, tinham a Deus como Pai.”<sup>119</sup>

A palavra de Jesus não significava, para já, o fim da fome e da miséria daquelas pessoas, mas uma dignidade indestrutível para todas as vítimas de abuso e de atropelos. Jesus começava a ensinar uma nova lei que seria muito mais do que normas: ser pobre, ser manso, ser misericordioso... e revelava o caminho da felicidade, que seria o seu próprio<sup>120</sup>. Jesus ensinava as bem-aventuranças denunciando a condição ancorada no sujeito, no entanto, o motivo da bem-aventurança seria a nova condição que os bem-aventurados receberiam como dom de Deus, a dignidade, a felicidade e a alegria.

---

<sup>116</sup> Cf. S. VIDAL, *Jesús el Galileo*, 83.

<sup>117</sup> Cf. S. VIDAL, *Jesús el Galileo*, 87.

<sup>118</sup> Cf. S. VIDAL, *Jesús el Galileo*, 238.

<sup>119</sup> J. A. PAGOLA, *Jesus, uma abordagem histórica*, 191.

<sup>120</sup> Cf. Papa Francisco, *Audiência Geral*, Sala Paulo VI, acedido a 29 de janeiro de 2020, [http://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiencias/2020/documents/papa-francesco\\_20200129\\_udienza-generale.html](http://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiencias/2020/documents/papa-francesco_20200129_udienza-generale.html)

Provavelmente o estudo analítico e crítico das Bem-aventuranças nas aulas de EMRC poderiam resultar no conhecimento aprofundado sobre Jesus e sobre o programa da sua vida, conseqüentemente, sobre o desígnio da vida cristã.

## **2. JESUS: AOS OLHOS DAS ORIGENS CRISTÃS – DO MUNDO JUDAICO PARA O MUNDO**

Testemunhar o Reino de Deus foi a postulação de Jesus aos Apóstolos. Esta ação-missão deveria ter início em Jerusalém, por toda a Judeia e Samaria e até aos confins do mundo (Act 1, 8), isto é, para toda a humanidade. Toda a confiança estava com o Espírito Santo de Deus que é o verdadeiro iniciador e condutor da missão dos Apóstolos, como já o tinha sido do ministério de Jesus, mas desta vez para com os judeus e os pagãos.

A terceira ‘volta à Galileia’ resulta em recuperarmos e recordarmos o que os Apóstolos e os discípulos de Jesus tinham vivido com ele, reviver novamente aquilo que tinham experimentado junto de Jesus pelos caminhos da Galileia, só que desta vez iluminados pela sua ressurreição.

“Produziu-se então um fenómeno singular. [...] Impelidos pela fé no Jesus ressuscitado, começaram a lembrar as suas palavras, mas não como se elas fossem o testamento de um mestre morto, que já pertencia ao passado, mas como palavras de alguém que estava ‘vivo’ e continuava a falar com a força do seu Espírito. Foi assim que nasceu um género literário único: os ‘evangelhos’. Os crentes escutavam as palavras recolhidas nos evangelhos como palavras que eram ‘espírito e vida’, ‘palavras de vida eterna’ que transmitiam a alegria e a paz do ressuscitado.”<sup>121</sup>

A alegria do testemunho de Jesus ressuscitado ganharia vida no dia de Pentecostes (Act 2), quando, após o primeiro discurso do Apóstolo Pedro à multidão (Act 2, 14-36), esta, rendida e maravilhada, originaria a primeira comunidade cristã de Jerusalém, a comunidade modelo que seria assídua ao ensino dos Apóstolos, à união fraterna, à fracção do pão e às orações (Act 2, 42).

---

<sup>121</sup> J. A. PAGOLA, *Jesus, uma abordagem histórica*, 452.

“Todos os crentes viviam unidos e possuíam tudo em comum. Vendiam terras e outros bens e distribuíram o dinheiro por todos, de acordo com as necessidades de cada um. Como se tivessem uma só alma, frequentavam diariamente o templo, partiam o pão em suas casas e tomavam o alimento com alegria e simplicidade de coração. Louvavam a Deus e tinham a simpatia de todo o povo. E o Senhor aumentava, todos os dias, o número dos que tinham entrado no caminho da salvação.” (Act 2, 44-47)

Aos olhos das origens cristãs Jesus conquistou a autenticidade histórico-teológica que pelo livro dos Actos dos Apóstolos é relatado, através do testemunho daqueles com que mais proximamente conviveram com Jesus, a ‘boa notícia’<sup>122</sup>.

## 2.1. O homem da Galileia e o Cristo Jesus

A romper os primórdios da cristandade, os cristãos avocaram a Jesus ‘Messias’, o ‘Cristo’ – o Ungido. Isto quereria indicar que a própria presença de Jesus, o Nazareno, na história, retrataria uma verdadeira humanidade e uma verdadeira divindade. A autoridade com que Jesus proclamava e agia manifestava a sua profunda dimensão humanista – a constante preocupação pela ordem e pela justiça sociais, por exemplo – denunciando e debatendo-se sobre as causas iníquas e corporizando a conduta digna do humano. A divindade de Jesus foi reconhecida, segundo os seus discípulos, pelo acontecimento da sua morte e ressurreição. Antes, fora anunciada pela pregação escatológica do próprio Jesus – o anúncio do reino de Deus. Desse modo, toda a história da vida de Jesus, homem e ressuscitado, convertera-se no fundamento da fé cristã<sup>123</sup>.

Ao ressuscitar Jesus, Deus validava indestrutivelmente e confirmava a sua vida terrena e a sua mensagem e levava a uma plenitude maior o que tinha começado na Galileia. “A sua pessoa encerrava um mistério que a gente da Galileia não podia captar na sua totalidade.”<sup>124</sup> Nas suas palavras escutavam a Palavra de Deus e nos seus gestos podiam captar o seu amor salvador.

---

<sup>122</sup> Cf. J. A. PAGOLA, *Jesus, uma abordagem histórica*, 6.

<sup>123</sup> Cf. G. THEISSEN, A. MERZ, *O Jesus Histórico – Um Manual*, 540.

<sup>124</sup> J. A. PAGOLA, *Jesus, uma abordagem histórica*, 453.

“Agora, depois da ressurreição, já era possível aprofundar mais o seu mistério, não fugir, como os discípulos, perante a sua crucifixão, nem assustar-se, como as mulheres, perante o ‘sepulcro vazio’. Agora já era possível seguir a Jesus sabendo que era o Messias e Filho de Deus que caminhava à sua frente.”<sup>125</sup>

O Jesus que tinham visto a curar, a acolher, a perdoar, a abraçar e a abençoar era a grande dádiva que Deus tinha feito ao mundo para que todos encontrassem nele a salvação. Por isso, a sua atuação não terminou com a sua morte, pelo contrário, iniciou uma outra dimensão.

“Homens da Judeia e todos vós que residis em Jerusalém, ficai sabendo isto e prestai atenção às minhas palavras. [...] Homens de Israel, escutai estas palavras: Jesus de Nazaré, Homem acreditado por Deus junto de vós, com milagres, prodígios e sinais que Deus realizou no meio de vós por seu intermédio, como vós próprios sabeis, este, depois de entregue, conforme o desígnio imutável e a previsão de Deus, vós o matastes, cravando-o na cruz pela mão de gente perversa. Mas Deus ressuscitou-o, libertando-o dos grilhões da morte [...] Foi este Jesus que Deus ressuscitou, e disto nós somos testemunhas. Tendo sido elevado pelo poder de Deus, recebeu do Pai o Espírito Santo prometido e derramou-o como vedes e ouvis. [...] Saiba toda a casa de Israel, com absoluta certeza, que Deus estabeleceu como Senhor e Messias a esse Jesus por vós crucificado.” (Act 2, 22-36)

Incessantemente os seguidores de Jesus, os apóstolos e os discípulos, iniciaram a pregação pelas ruas de Jerusalém, estendendo-se, depois, a toda a Judeia, Samaria e Galileia. Tinham como notícia a reação de Deus em Jesus, pela sua ação ressuscitadora. Seguidamente, a proclamação da Boa-notícia começou a suscitar discípulos e discípulas que aprendessem a viver a experiência de Jesus e se comprometessem, através do gesto do baptismo, a segui-lo fielmente (cf. Mc 16, 15)<sup>126</sup>. Portanto, a ação-missão de evangelizar passara a dirigir-se a todos os que experienciavam o encontro com Jesus ressuscitado. Nisto, a sua própria experiência impelia-os ao anúncio.

“Pelos métodos históricos, não é possível penetrar no conteúdo da sua experiência. Contudo, é claro que a fé daqueles seguidores não se apoiava no vazio: foram objeto de um processo que não só lhes reabilitara a fé que tinham em Jesus, mas que os abria a uma experiência nova e

---

<sup>125</sup> J. A. PAGOLA, *Jesus, uma abordagem histórica*, 456.

<sup>126</sup> Cf. J. A. PAGOLA, *Jesus, uma abordagem histórica*, 444.

inesperada da sua presença entre eles. Tinham experimentado em Jesus a irrupção da força e do amor salvador de Deus.”<sup>127</sup>

Para esta nova comunidade, que estaria a dar os primeiros passos, já tão enraizados e firmes, Jesus era verdadeiro homem. “Nele avultou o que realmente era ser humano: solidário, compassivo, libertador, servidor dos últimos, procurador do reino de Deus e da sua justiça”<sup>128</sup>. Ao mesmo tempo, Jesus era verdadeiro Deus. Deus havia-se feito presente, pela encarnação, em Jesus. “O Deus das vítimas e dos crucificados, o Deus Amor, o Deus que só queria a felicidade plena dos seus filhos e filhas”<sup>129</sup>. É disto que os primeiros seguidores deram testemunho, do projeto transformador e salvador de Jesus, que dava sentido e alegria à vida. Tamanha alegria e significado não poderiam ficar cingidos apenas a um grupo. O encontro com o ressuscitado exigia que fosse comunicado e contagiado a outros. Portanto, a única fronteira da boa-notícia de Jesus convergia na universalidade.

### **2.1.1. A visão-compreensão de Pedro em At 10, 34-43**

Um dos primeiros atores ou agentes de evangelização foi o apóstolo Pedro. Simão Pedro havia sido pescador no mar da Galileia, aquando do chamamento de Jesus. Foi o primeiro a ser chamado e a seguir Jesus, aceitando, desde o início, o seu projeto regenerador, embora sem compreendê-lo na totalidade. Torna-se, por isso, deveras motivante e cativante analisarmos, mesmo que em proposta, a sua compreensão, a sua vivência e a sua ação-missão-testemunho acerca do projeto do ressuscitado. Para Pedro, Jerusalém tornou-se uma cidade ambígua, uma vez que foi lá que se afastou e negou a sua convivência com Jesus, por medo da perseguição, e foi lá que inaugurou, sem medos, o autêntico e vigoroso anúncio sobre Jesus. Com Pedro acontece o ponto de partida da missão universal dos Apóstolos.

“Então, Pedro tomou a palavra e disse: ‘Reconheço, na verdade, que Deus não faz acepção de pessoas, mas que, em qualquer povo, quem o teme e põe em prática a justiça, lhe é agradável.

---

<sup>127</sup> J. A. PAGOLA, *Jesus, uma abordagem histórica*, 436.

<sup>128</sup> J. A. PAGOLA, *Jesus, uma abordagem histórica*, 478.

<sup>129</sup> J. A. PAGOLA, *Jesus, uma abordagem histórica*, 479.

Enviou a sua palavra aos filhos de Israel, anunciando-lhes a Boa-Nova da paz, por Jesus Cristo, Ele que é o Senhor de todos. Sabeis o que ocorreu em toda a Judeia, a começar pela Galileia, depois do baptismo que João pregou: como Deus ungiu com o Espírito Santo e com o poder a Jesus de Nazaré, o qual andou de lugar em lugar, fazendo o bem e curando todos os que eram oprimidos pelo diabo, porque Deus estava com Ele. E nós somos testemunhas do que Ele fez no país dos judeus e em Jerusalém. A Ele, que mataram, suspendendo-o de um madeiro, Deus ressuscitou-o, ao terceiro dia, e permitiu-lhe manifestar-se, não a todo o povo, mas às testemunhas anteriormente designadas por Deus, a nós que comemos e bebemos com Ele, depois da sua ressurreição dos mortos. E mandou-nos pregar ao povo e confirmar que Ele é que foi constituído, por Deus, juiz dos vivos e dos mortos. É dele que todos os profetas dão testemunho: quem acredita nele recebe, pelo seu nome, a remissão dos pecados.” (At 10, 34-43)

Enquanto seguidor e amigo de Jesus em vida, Pedro confessou-se pleno de amor ao seu Mestre e Messias. Depois da morte e ressurreição de Jesus, Lucas em At 10, 34-43 apresenta o terceiro discurso de Pedro, que resulta na sua profissão de fé. À luz da ressurreição era possível formular profundamente, a memória que Jesus deixara entre os seus seguidores: Jesus de Nazaré fora um homem que, ungido ‘com o Espírito Santo e com o poder’, ‘andou de lugar em lugar, fazendo o bem e curando todos os que eram oprimidos pelo mal, pela divisão, porque Deus estava com Ele’ (Cf. At 10, 38). Tal memória resultou na proposta cristã que ainda hoje vigora – a defesa e a promoção da dignidade humana. Essa proposta está implícita quer nos objetivos quer na finalidade da disciplina de EMRC e é ostentada para a toda a humanidade, com particular enfoque e cuidado aos desejos e interesses de grupos em situação de marginalidade, vítimas, muitas vezes, das mudanças sociais aceleradas<sup>130</sup>; um projeto ‘ortoprático’<sup>131</sup>, com uma atitude crítica na interpretação da Lei e uma ação transformadora e radical da realidade. Uma vez que a fé produz comportamentos sociais<sup>132</sup>, quer-se a doutrina cristã comportamentos regeneradores da justiça social e emancipadores. Autentica-se, assim, o projeto messiânico de Jesus, ‘o Filho do Homem’ (Lc 9, 22) ou ‘o Messias de Deus’ (Lc 9, 20) como é testemunhado pelo seu primeiro seguidor.

---

<sup>130</sup> Cf. R. AGUIRRE, *Del Movimiento de Jesus a la Iglesia cristiana*, 35.

<sup>131</sup> Cf. R. AGUIRRE, *Del Movimiento de Jesus a la Iglesia cristiana*, 43.

<sup>132</sup> Cf. R. AGUIRRE, *Del Movimiento de Jesus a la Iglesia cristiana*, 42.

### 2.1.2. Os novos mundos do Querigma

A alegria e a paz são duas sementes que estão presentes em todo o itinerário da vida de Jesus e que, naturalmente, brotam também na vida dos seus seguidores. Aquela alegria, que a todos devia contagiar, e aquela paz, que os anjos tinham cantado em Belém, era a mesma que os discípulos experimentaram quando se encontraram com o ressuscitado.

A ressurreição de Jesus foi uma explosão de vida e de esperança que dificilmente poderemos perceber nós, hoje, desde o nosso mundo atual. Não há dúvida de que se terão perdido para sempre muitos pormenores daquilo que aconteceu. Mas há uma coisa que não se pode negar:

“na primeira metade do século I, irrompeu no mundo mediterrâneo, de forma inesperada e com uma força incrível, um movimento de seguidores de Jesus que rapidamente se estendeu por todo o Império. Cristo converteu-se, para muitos, no caminho para chegar ao mistério de Deus, para descobrir a verdade da vida e para olhar para o futuro com uma esperança nova.”<sup>133</sup>

O denominado movimento de Jesus<sup>134</sup>, constituído por um grupo intrajudeu de renovação, pregoados após a ressurreição de judiocrístãos, romperam com a doutrina do judaísmo, propagaram o seu carisma característico de desafio à (des)ordem social vigente, ou ainda considerado de inversão da ordem social, em que os últimos serão os primeiros (Mt 20, 16) e repensando as hierarquias e anunciaram aquilo em que acreditavam, a obra de Deus como ato de transformação do mundo, de construção do futuro<sup>135</sup>, de renovação ou de salvação<sup>136</sup>. Este novo querigma conferiu uma nova identidade à história humana, presenteada com uma nova experiência, a da conversão<sup>137</sup>, restituindo à pessoa a liberdade de se encontrar e de se projetar.

---

<sup>133</sup> J. A. PAGOLA, *Jesus, uma abordagem histórica*, 467.

<sup>134</sup> Cf. R. AGUIRRE, *Del Movimiento de Jesus a la Iglesia cristiana*, 34.

<sup>135</sup> Cf. R. AGUIRRE, *Del Movimiento de Jesus a la Iglesia cristiana*, 36.

<sup>136</sup> Cf. R. AGUIRRE, *Del Movimiento de Jesus a la Iglesia cristiana*, 37.

<sup>137</sup> Cf. R. AGUIRRE, *Del Movimiento de Jesus a la Iglesia cristiana*, 39.

Impulsionador e protagonista do anúncio de Jesus aos mundos novos que não judaicos foi Paulo de Tarso, autointitulado ‘o Apóstolo’ (cf. Gl 1, 1). Primeiramente judeu da diáspora e cidadão romano, participou na emergência do Principado ou Império Romano, bem como de todas as transformações que o Mundo Antigo conheceu nessa época<sup>138</sup>, consideravelmente o nascimento do Cristianismo.

“As epístolas paulinas relacionam-se com o «nascimento» do cristianismo enquanto movimento sócio-cultural e religioso. Como fontes históricas, as cartas de Paulo são autênticos documentos, com destinatários reais, nos quais se reflectem as vicissitudes do surgimento dos grupos e instituições que deram corpo ao cristianismo nos primeiros séculos da sua existência. Note-se aliás que Paulo de Tarso foi um dos protagonistas de todo esse processo, que podemos classificar como o da geração formativa do movimento cristão. Como conclui T. L. Donaldson, Paulo e os seus escritos representam uma «janela de inestimável valor para o cristianismo emergente».”<sup>139</sup>

Note-se, ainda, que Paulo fora um homem de boa formação retórica e cultural, tinha praticado a sua militância judaica numa intensa agressividade contra a novidade cristã, havendo respirado ameaças e mortes (cf. At 9, 1).

A aurora do cristianismo aconteceu nos tempos a seguir e muito próximos da morte e ressurreição de Jesus. Embora pudesse não existir logo uma doutrina fundamentada que identificasse os neo-religiosos, o grupo dos cristãos<sup>140</sup> – essa nasceria por volta dos anos 40 ou 42 d.C., pela fórmula ‘Cristo morreu pelos nossos pecados, segundo as Escrituras’<sup>141</sup> – perfilhavam “elementos de identidade mais ou menos profundos na sua maneira de interpretar a tradição judaica”<sup>142</sup>. O Jesus da primeira comunidade foi sendo interpretado, e pelo impacto da ressurreição, passou a ser rapidamente denominado como messiânico: Jesus, o Messias ou

---

<sup>138</sup> Cf. J. A. RAMOS, M. C. S. PIMENTEL, M.C. FIALHO, N. S. RODRIGUES (coords.), “Paulo de Tarso: Grego e Romano, Judeu e Cristão”, in J. A. RAMOS, M. C. S. PIMENTEL, M.C. FIALHO, N. S. RODRIGUES (coords.), Paulo de Tarso: Grego e Romano, Judeu e Cristão, Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra, Coimbra, 2012, 7.

<sup>139</sup> J. A. RAMOS, M. C. S. PIMENTEL, M.C. FIALHO, N. S. RODRIGUES (coords.), *Paulo de Tarso: Grego e Romano, Judeu e Cristão*, 7-8.

<sup>140</sup> Cf. J. A. M. RAMOS, “Paulo de Tarso: a conversão como acto hermenêutico”, in J. A. RAMOS, M. C. S. PIMENTEL, M.C. FIALHO, N. S. RODRIGUES (coords.), Paulo de Tarso: Grego e Romano, Judeu e Cristão, Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra, Coimbra, 2012, 55.

<sup>141</sup> Cf. J. A. PAGOLA, *Jesus, uma abordagem histórica*, 457.

<sup>142</sup> J. A. M. RAMOS, “Paulo de Tarso: a conversão como acto hermenêutico”, 55.

Cristo, como tentativa de expressão do seu mistério<sup>143</sup>. Daí o nome de ‘cristãos’ com que começaram a ser designados em Antioquia os seguidores de Jesus (cf. At 11, 26).

A novidade do cristianismo, considerada como uma heresia perigosa e deslizante<sup>144</sup>, escolheu como seu embaixador entre a humanidade – judeus, gregos e gentios – Paulo de Tarso, figura primeiramente anti-cristã, o fariseu tornou-se num dos mais fervorosos apóstolos de Jesus Cristo. A história da sua conversão, assumindo como nova fé aquela que, antes, ele procurou erradicar totalmente, fortaleceu o entendimento da sua ação autêntica, entusiasta, eficaz e mais tolerante da sua obra apostólica, preenchendo de forma brilhante as primeiras décadas do cristianismo e em perfeita linha de convergência com a ação de Jesus<sup>145</sup>.

#### **a) O despertar a caminho de Damasco em At 9, 1-18**

“Da impressionante e inesperada conversão do prosélito rabi Saulo, saído do Templo de Jerusalém, rumo a Damasco, com a incumbência de, em nome da Lei, perseguir os que seguiam a Cristo como o novo e verdadeiro Templo, para chegar a Damasco frágil, silencioso e abatido, após a grande e misteriosa revelação no seu trajecto [...]”<sup>146</sup>

Paulo passaria a ser designado de apóstolo dos gentios, o modelo ou super-modelo do discipulado de Jesus, a referência dos apóstolos para os mundos novos<sup>147</sup>.

O episódio da conversão de Paulo conquistou no livro dos Atos dos Apóstolos três versões,

“o que atesta bem a importância que, para os cristãos do tempo, assumiu este episódio e a conversão do grande perseguidor, transformado em grande evangelizador no seio de uma Igreja para a qual ele mesmo é elemento determinante na afirmação da vocação universal desta, transbordante do espaço original do Judaísmo.”<sup>148</sup>

---

<sup>143</sup> Cf. J. A. PAGOLA, *Jesus, uma abordagem histórica*, 468.

<sup>144</sup> Cf. J. A. M. RAMOS, “Paulo de Tarso: a conversão como acto hermenêutico”, 63.

<sup>145</sup> Cf. J. A. M. RAMOS, “Paulo de Tarso: a conversão como acto hermenêutico”, 55-57.

<sup>146</sup> M. C. FIALHO, “Paulo no caminho de Damasco”, in J. A. RAMOS, M. C. S. PIMENTEL, M.C. FIALHO, N. S. RODRIGUES (coords.), *Paulo de Tarso: Grego e Romano, Judeu e Cristão*, Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra, Coimbra, 2012, 44.

<sup>147</sup> Cf. J. A. M. RAMOS, “Paulo de Tarso: a conversão como acto hermenêutico”, 57.

<sup>148</sup> M. C. FIALHO, “Paulo no caminho de Damasco”, 44.

Centramo-nos na versão de At 9, 1-15 espelhando pela história do apóstolo Paulo, a conversão de qualquer cristão, num impulso de mudança de vida e numa adesão genuína, despojada, segura e confiante ao projeto de vida de Jesus. Paulo ilustra a vocação cristã<sup>149</sup>.

“Saulo, entretanto, respirando sempre ameaças e mortes contra os discípulos do Senhor, foi ter com o Sumo Sacerdote e pediu-lhe cartas para as sinagogas de Damasco, a fim de que, se encontrasse homens e mulheres que fossem desta Via, os trouxesse algemados para Jerusalém.”  
(At 9, 1-2)

Antes da sua conversão, Paulo tinha assumido um único compromisso, um único objetivo: exterminar o grupo dos que se diziam seguidores de Jesus, portanto, as comunidades dos cristãos. A narrativa bíblica de At apresenta-nos, neste paradigma, Paulo como o perseguidor que devastava a Igreja (At 8, 3). O acento deste motivo: impedir a disseminação do novo projeto que havia sido estimulado, a Igreja. Ao mesmo tempo, aniquilava essa evangelização para fora de Jerusalém.

Estava a caminho e já próximo de Damasco, quando se viu subitamente envolvido por uma intensa luz vinda do Céu. Caindo por terra, ouviu uma voz que lhe dizia: ‘Saulo, Saulo, porque me persegues?’ Ele perguntou: ‘Quem és Tu, Senhor?’ Respondeu: ‘Eu sou Jesus, a quem tu persegues. Ergue-te, entra na cidade e dir-te-ão o que tens a fazer.’ [...] Saulo ergueu-se do chão, mas, embora tivesse os olhos abertos, não via nada. Foi necessário levá-lo pela mão e, assim, entrou em Damasco, onde passou três dias sem ver, sem comer e sem beber. (At 9, 3-9)

Ser luz do mundo (Cf. Mt 5, 14). A revelação de Jesus aconteceu com toda a sua autoridade, e Paulo reconheceu-a ‘Quem és Tu, Senhor?’. A força exterminadora que tinha movido Paulo a extirpar as comunidades de Jesus foi vencida pela força restauradora de Jesus. Desta maneira, Paulo comungou da experiência da ressurreição de Jesus, no seu processo de conversão, ‘onde passou três dias sem ver, sem comer e sem beber’. Revelado o desígnio que pela luz intensa irrompeu o coração de Paulo, pereceu a conduta do então Saulo e ergueu-se para o mundo o mensageiro da Luz de Jesus (Sl 36, 10).

---

<sup>149</sup> Cf. D. MARGUERAT, *L'aube du christianisme*, Labor et Fides, Genève, 2008, 498.

Havia em Damasco um discípulo chamado Ananias. [...] [Ananias havia sido convocado para acompanhar Saulo] Ananias respondeu: ‘Senhor, tenho ouvido muita gente falar desse homem e a contar tudo o mal que ele tem feito aos teus santos, em Jerusalém. E agora está aqui com plenos poderes dos sumos sacerdotes, para prender todos quantos invocam o teu nome.’ Mas o Senhor disse-lhe: ‘Vai, pois esse homem é instrumento da minha escolha, para levar o meu nome perante os pagãos, os reis e os filhos de Israel.’ (At 9, 10-15)

Nesta versão, é nítida a estigmatização de Paulo como o eleito. Nele a luz divina o envolveu, ainda que a voz a todos os seus companheiros houvesse chegado. E o seu carácter extraordinário traduziu-se nas consequências da luz intensa que dele irradiou, vinda do céu – enquanto caiu, prostrado, por terra, sinal de despojamento, e se ergueu, de olhos abertos, mas cego. Esta cegueira é a mesma daqueles a quem iria levar a luz da palavra revelada, a luz de Deus<sup>150</sup>. A luz que brilhou em Paulo foi a luz da verdade de que se tornou portador, da esperança para além do visível e palpável, da palavra que difundiu por toda a parte. Confirma-se, deste modo, o estatuto de escolhido para a revelação e para a missão de Paulo.<sup>151</sup>

#### **b) A visão-compreensão de Paulo - At 17, 16-34**

A Paulo coube o desafio e a missão de evangelizar os povos estrangeiros, os gentios.

A cena de referência dos registos dos apóstolos encontra-se no episódio de At 17, 16-34, o discurso de Paulo no Areópago de Atenas, a pregação aos gentios pelo apóstolo dos gentios. Nesse, Paulo pregou um sermão monoteísta aos religiosos gregos, veneradores de múltiplos ídolos, culminando com a chave de ouro cristã<sup>152</sup>. A partir de uma linguagem assertiva e desafiante, Paulo ofereceu a novidade da mensagem cristã à cultura helenista, pelos meios dessa mesma cultura. Por isso, o discurso do Areópago converteu-se no símbolo da teologia cristã nas ‘novas’ terras da cultura grega<sup>153</sup>.

---

<sup>150</sup> Cf. M. C. FIALHO, “Paulo no caminho de Damasco”, 49.

<sup>151</sup> Cf. M. C. FIALHO, “Paulo no caminho de Damasco”, 46.

<sup>152</sup> Cf. R.A. MONASTERIO, A. R. CARMONA, *La investigación de los evangelios sinópticos y Hecho de los Apóstoles en el signo XX*, Navarra, Editorial Verbo Divino, 1996, 298.

<sup>153</sup> Cf. R.A. MONASTERIO, A. R. CARMONA, *La investigación de los evangelios sinópticos y Hecho de los Apóstoles en el signo XX*, 353.

“Enquanto Paulo os esperava em Atenas [os discípulos], o espírito fremia-lhe de indignação, ao ver a cidade repleta de ídolos. Discutia na sinagoga com os judeus e prosélitos e, na praça pública, todos os dias, com os que lá apareciam. Até alguns filósofos epicuristas e estóicos trocavam impressões com ele. Uns diziam: ‘Que quererá dizer este papagaio?’ Outros: ‘Parece que é um pregoeiro de deuses estrangeiros.’ Isto, porque Paulo anunciava a Boa-Nova de Jesus e a ressurreição. Levaram-no com eles ao Areópago e disseram-lhe: ‘Podemos saber que nova doutrina é essa que ensinas? O que nos dizes é muito estranho e gostaríamos de saber o que isso quer dizer.’ Na verdade, tanto os atenienses como os estrangeiros residentes em Atenas não passavam o tempo noutra coisa, senão a dizer ou a escutar as últimas novidades. De pé, no meio do Areópago, Paulo disse, então: ‘Atenienses, vejo que sois, em tudo, os mais religiosos dos homens. Percorrendo a vossa cidade e examinando os vossos monumentos sagrados, até encontrei um altar com esta inscrição: ‘Ao Deus desconhecido.’ Pois bem! Aquele que venerais sem o conhecer é esse que eu vos anuncio. O Deus que criou o mundo e tudo quanto nele se encontra, Ele, que é o Senhor do Céu e da Terra, não habita em santuários construídos pela mão do homem, nem é servido por mãos humanas, como se precisasse de alguma coisa, Ele, que a todos dá a vida, a respiração e tudo mais. Fez, a partir de um só homem, todo o género humano, para habitar em toda a face da Terra; e fixou a sequência dos tempos e os limites para a sua habitação, a fim de que os homens procurem a Deus e se esforcem por encontrá-lo, mesmo tateando, embora não se encontre longe de cada um de nós. É nele, realmente, que vivemos, nos movemos e existimos, como também o disseram alguns dos vossos poetas: ‘Pois nós somos também da sua estirpe.’ Se nós somos da raça de Deus, não devemos pensar que a Divindade é semelhante ao ouro, à prata ou à pedra, trabalhados pela arte e engenho do homem. Sem ter em conta estes tempos de ignorância, Deus faz saber, agora, a todos os homens e em toda a parte, que todos têm de se arrepender, pois fixou um dia em que julgará o universo com justiça, por intermédio de um Homem, que designou, oferecendo a todos um motivo de crédito, com o facto de o ter ressuscitado de entre os mortos.’ Ao ouvirem falar da ressurreição dos mortos, uns começaram a troçar, enquanto outros disseram: ‘Ouvir-te-emos falar sobre isso ainda outra vez.’ Foi assim que Paulo saiu do meio deles. Alguns dos homens, no entanto, concordaram com ele e abraçaram a fé [...]. (At 17, 16-34)

O desembarque de Paulo em Atenas registou o primeiro grande encontro entre o Apóstolo e a intelectualidade pagã. Sem existir, propriamente, uma comunidade organizada de judeus, Paulo encarou a *polis* sem apoiantes.

“[...] sentiu instintivamente a cidade cosmopolita e a efervescência das suas ruas, frequentou escolas filosóficas de estóicos e epicuristas, participou em debates públicos, passeou pelas ruas cheias de gente e de estudantes apressados vindos de várias regiões do império, assistiu a rituais

e a cerimónias religiosas marcadas pelo politeísmo e observou não sem irritação o esplendor das estátuas consagradas aos deuses pagãos e a grandeza dos monumentos.”<sup>154</sup>

Da inquietação de Paulo terá emergido o discurso no Areópago. A visão de Paulo compreendia-se universal. Embora, a sua pregação tenha sido convicta e assertiva, e o objeto desta assimilado e convergente com o pensamento ateniense referente à crítica da piedade religiosa – “a mesma aliás que os Atenienses já veneravam, de forma inconsciente, ao dedicarem um altar ‘Ao deus desconhecido’”<sup>155</sup>, a sua atividade missionária e prosélita pouco despertou na cidade orgulhosa das suas raízes. O discurso monoteísta de Paulo apenas a alguns converteu. Esses “concordaram com ele e abraçaram a fé” (At 17, 34). “Apesar de tudo, o discurso do Areópago, deixará marcas indeléveis [...], pois o cristianismo floresceu desde os seus primórdios em Atenas, um cristianismo à medida da cidade, feito de intelectuais e apologistas [...].”<sup>156</sup> Paulo, o Apóstolo dos gentios, erradicou com as “barreiras e conflitos entre Jerusalém e Atenas”<sup>157</sup> e abriu as portas ao anúncio evangelizador da não existência de judeu ou grego (Cf. Gl 3, 28). O projeto cristão, assente na base do universalismo de Deus e da salvação, tinha como grande objetivo desarraigar a segregação de judeus e gregos, submetendo uma nova organização das estruturas sociais existentes<sup>158</sup>. A partir desse momento, Atenas intersectou um novo paradigma, o da revelação de Deus, à idolatria, filosofia e sabedoria humanas<sup>159</sup>.

---

<sup>154</sup> A. PENA, “De Tarso na Cilícia à Roma Imperial. A educação de Saulo”, in J. A. RAMOS, M. C. S. PIMENTEL, M.C. FIALHO, N. S. RODRIGUES (coords.), Paulo de Tarso: Grego e Romano, Judeu e Cristão, Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra, Coimbra, 2012, 37.

<sup>155</sup> D. F. LEÃO, “Paulo de Tarso e a Justiça dos Homens. Helenismo e Impiedade Religiosa nos Actos dos Apóstolos”, in J. A. RAMOS, M. C. S. PIMENTEL, M.C. FIALHO, N. S. RODRIGUES (coords.), Paulo de Tarso: Grego e Romano, Judeu e Cristão, Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra, Coimbra, 2012, 112-113.

<sup>156</sup> A. PENA, “De Tarso na Cilícia à Roma Imperial. A educação de Saulo”, 38.

<sup>157</sup> I. P. LAMELAS, “Que tem Atenas a ver com Jerusalém?”, in *Itinerarium*, LVI, 196(2010) 98.

<sup>158</sup> Cf. R. AGUIRRE, *Del Movimiento de Jesus a la Iglesia Cristiana*, 116.

<sup>159</sup> Cf. J. T. MENDONÇA, “Quando o Novo Testamento cita os poetas (Act 17, 28): Um mapa para o presente”, in *Communio* 4(31A) 392.

### c) Da incompreensão e do escândalo à novidade da fé – 1 Cor 1, 17-28

Judeia, Samaria, Galileia, Grécia, Roma. Em qualquer sítio e em qualquer momento, a novidade da fé cristã difundiu-se como “escândalo para os judeus e loucura para os gentios” (1 Cor 1, 23).

“O verdadeiro escândalo ou crise para os intelectuais gregos não é motivado por uma linguagem obscura ou estranha, mas pela recusa do facto novo e diferente, a ressurreição. Para a antropologia grega, a realidade material e física do Homem, o corpo, não tem nenhuma relação com o mundo divino, e a dissolução do composto humano é irreversível.”<sup>160</sup>

A mensagem da ressurreição, que afirmou que o Cristo ressuscitado seria o mesmo que morreu na cruz e foi sepultado, manifestou o valor redentor do amor insondável de Deus. Esta força salvadora converteu a experiência humana do sofrimento na prática mais sólida e real de viver e exprimir o amor. “Por isso, os primeiros cristãos viram em Jesus crucificado a expressão mais realista e extrema do amor incondicional de Deus para com a humanidade, o sinal misterioso e insondável do seu perdão, compaixão e ternura redentora.”<sup>161</sup>

No episódio que Paulo narra à comunidade de Coríntio, em 1Cor 1, 17-28), catequiza à conversão, face às frações existentes na comunidade<sup>162</sup>. A novidade mais erudita da ressurreição torna-se um convite universal, tanto a judeus como gregos – a nova e inaudita proposta do pensamento e da vida cristãs.

“Na verdade, Cristo não me enviou a batizar, mas a pregar o Evangelho, e sem recorrer à sabedoria da linguagem, para não esvaziar da sua eficácia a cruz de Cristo. A linguagem da cruz é certamente loucura para os que se perdem mas, para os que se salvam, para nós, é força de Deus. [...] Enquanto os judeus pedem sinais e os gregos andam em busca da sabedoria, nós pregamos um Messias crucificado, escândalo para os judeus e loucura para os gentios. Mas, para os que são chamados, tanto judeus como gregos, Cristo é o poder e a sabedoria de Deus. Portanto, o que é tido como loucura de Deus, é mais sábio que os homens, e o que é tido como fraqueza de Deus, é mais forte que os homens. [...] O que o mundo considera vil e desprezível

---

<sup>160</sup> R. FABRIS, *Os Atos dos Apóstolos*, Loyola, São Paulo, 1991, 335.

<sup>161</sup> J. A. PAGOLA, *Jesus, uma abordagem histórica*, 461.

<sup>162</sup> Cf. R. AGUIRRE, *El Movimiento de Jesus a la Iglesia Cristiana*, 142.

é que Deus escolheu; escolheu os que nada são, para reduzir a nada aqueles que são alguma coisa.” (1 Cor 1, 17-28)

Na cruz de Jesus, convergia a imagem da ‘loucura’ humana. Nessa mesma cruz encontrava-se a ‘sabedoria’ suprema de Deus à procura de um caminho para salvar o mundo. Na figura de Jesus crucificado, debilitado e impotente aos olhos humanos, encerrava-se a ‘força’ salvadora de Deus. Na cruz, tinham-se cumprido os desígnios de Deus; havido sido manifestado o seu amor extremo pela humanidade pela sua loucura incrível do símbolo do crucificado. Assim, afirmavam os cristãos que Cristo tinha morrido pelos nossos pecados ‘segundo as Escrituras’<sup>163</sup>.

A vida dos apóstolos de Jesus havia sido transformada aquando do encontro com Jesus vivo. T tamanha transformação intensificou-se no momento do encontro com Jesus vivo e ressuscitado. Essa transformação de vida merecia e exigia o seu testemunho. Por isso, começando em Pedro, passando pelos doze e seguindo até Paulo, incontáveis foram os testemunhos vivos da experiência do projeto de Jesus. A grandeza do amor de Deus, que tendo poder para aniquilar o mal, sem destruir os maus e fazer justiça, era pelos apóstolos disseminada e confirmada pelo anúncio da Boa-Nova de Jesus. Os ensinamentos dos apóstolos, resultantes do anúncio e da pregação vitais que se faziam presentes e operantes na realidade anunciada da salvação, compreendia a vida toda de Jesus e o plano de Deus em Jesus: a sua morte, ressurreição e glorificação; o pensamento e a conversão; o dom do Espírito Santo<sup>164</sup>. Os novos mundos do querigma tiveram a sua origem na escuta da palavra e o seu crescimento e amadurecimento dependeram do aprofundamento e da interiorização dessa palavra, como transmissão fiel do que ensinou Jesus<sup>165</sup>. A práxis e missão dos apóstolos transitou, então, na instrução dos ensinamentos de Jesus, pela adesão à fé selada pelo batismo.

---

<sup>163</sup> Cf. J. A. PAGOLA, *Jesus, uma abordagem histórica*, 459.

<sup>164</sup> Cf. G. FERRARO, *L’evangelizzazione nella chiesa primitiva*, Piemme, Casale Monferrato, 1994, 98-99.

<sup>165</sup> Cf. R. FABRIS, *Os Atos dos Apóstolos*, Loyola, 76.

A passagem da mensagem e do projeto de Jesus do mundo judaico para o mundo ‘novo’ resistiu pela resiliência dos seus fiéis transmissores, os discípulos de Jesus. Não foi concebido para simplesmente consultar ou recordar, mas para transformar e renovar a vida da humanidade. Para o mundo contemporâneo, esse mesmo projeto continua a procurar revigorar vidas. Os novos espaços de discursos e de debates, os novos areópagos, parecem apresentar uma idêntica sequência aos areópagos que Paulo participou. Então o discurso cristão está “decididamente contracorrente ao que é habitual, àquilo que se faz na sociedade e, embora esta mensagem de Jesus nos fascine, na realidade o mundo conduz-nos para outro estilo de vida”.<sup>166</sup> A disciplina de EMRC, na realidade escolar, procura participar neste compromisso de (trans)formar o pensamento para uma dimensão mais alargada, conseqüentemente mais humilde, mais fraterna, mais feliz, até mais erudita. Será neste programa que procuraremos (re)acender o projeto da vida de Jesus.

---

<sup>166</sup> FRANCISCUS, *Gaudete et exsultate*, in AAS 110 (2018), 65-66.

## CAPÍTULO 3

### O PROJETO DE JESUS E OS NOVOS AREÓPAGOS – O CONTRIBUTO DA EMRC

“Num mundo profundamente dividido, ameaçado por conflitos violentos multiformes, a escola pode formar pacificadores e promover uma cultura de diálogo aberta à autocrítica. Deste modo, a escola pode contrastar situações de grande desigualdade, exigir que os direitos humanos sejam respeitados em todos os lugares e, sobretudo, educar a compreender o que somos: uma única família humana!”<sup>167</sup>

A escola, estando capacitada e abraçando a missão de, entre os quatros pilares da educação<sup>168</sup>, ensinar a aprender a viver juntos, esboça uma pequena sociedade e, nela, devem ser encontrados os modelos e os ensinamentos para ‘vivermos juntos’, para vivermos em paz. A sociabilidade humana assim o exige e, por isso, acreditamos que a disciplina de EMRC ao trabalhar o projeto de Jesus nas escolas, estará, sustentada por uma leitura religiosa, cultural e axiológica, a despertar a consciência da necessidade de cuidarmos a criação, de cuidarmos a Casa comum, restabelecendo a harmonia da ecologia integral. Pelas narrativas bíblicas, e aqui, essencialmente, as neotestamentárias, procura-se redescobrir não apenas as suas mesmas virtudes mas também as inquietações que a busca de sentido da vida e da existência, humanamente só não é capaz.

Nas escolas, ao interrogarmos sobre quem é Jesus – e “decorridos vinte séculos, qualquer pessoa que se aproxime interessada ou honestamente da figura de Jesus, fica confrontada com esta pergunta: ‘Quem é Jesus?’”<sup>169</sup> – elaboramos um itinerário desde a sua identidade ao seu projeto, de se oferecer e comunicar ao mundo com um objetivo – o de revelar a Boa Notícia de Deus, que é amor (1 Jo 4, 16).

Resta, pois, à EMRC perscrutar, despertar e cuidar dessa mesma aproximação, que se quer interessada e honesta por parte dos alunos, para que de forma desinteressada e com

---

<sup>167</sup> F. FOLLO, «Discurso na Intervenção da Santa Sé na 36ª Sessão da Conferência Geral da UNESCO», acedido a 15 de março de 2020, [http://www.vatican.va/roman\\_curia/secretariat\\_state/2011/documents/rc\\_seg-st\\_20111029\\_follo-unesco\\_po.html](http://www.vatican.va/roman_curia/secretariat_state/2011/documents/rc_seg-st_20111029_follo-unesco_po.html).

<sup>168</sup> Cf. J. DELORS, *UNESCO. Educação - Um tesouro a descobrir. 7ª ed. Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI*. Brasília, Cortez: 2012.

<sup>169</sup> J. A. PAGOLA, *Jesus, uma abordagem histórica*, 481.

humildade e amor possa servir naquilo que abarca as suas competências<sup>170</sup>. Por meio de um processo de antecipação-reflexão-ação capacitar-se-ia os alunos para uma avaliação do seu (nosso) estilo de vida, convidando a um discernimento de um novo estilo de vida e, finalmente, à prática desse novo estilo de vida.

## 1.OS NOVOS AREÓPAGOS

Afirmou o Papa Bento XVI na sua encíclica *Caritas in veritate* que “o primeiro capital a preservar e a valorizar [no mundo inteiro] é o homem, a pessoa, na sua integridade”<sup>171</sup>. E é este o maior tesouro dos novos areópagos, e já o era dos antigos. Entendamos areópagos como *sociedade* de indivíduos ativos que procuram desenvolver e cuidar dos aspetos e dimensões da vida humana – a política, a economia, a cultura, a religião, a saúde, as artes, as humanidades, as organizações e as parcerias internacionais. Muito provavelmente, encontramos como o maior areópago contemporâneo a comunicação social e os debates públicos, nas suas mais variadas expressões – televisão, internet, redes sociais.

O Areópago, a colina do Areópago ou a colina de Ares, em Atenas, era onde se encontrava o tribunal máximo da cidade e onde se reuniam os grandes detentores da sabedoria, anunciando e partilhando novos pensamentos e reflexões e, assuntos diários.

“Em Atenas, o Apóstolo deparou-se com uma sociedade pré-cristã, da qual faziam parte pessoas com bastante cultura. Quase 2000 anos depois, neste tempo chamado de pós-modernidade, encontramos uma sociedade em grande parte pós-cristã e que é considerada a geração mais bem (in)formada de sempre. Paradoxalmente, apesar de estarmos numa posição oposta (pré/pós), acabamos por nos sentir muito próximos da situação de Paulo.”<sup>172</sup>

A proximidade referida poderá ter que ver com o lugar central que o ser humano hoje ocupa<sup>173</sup>, apresentando uma corrente mais egocêntrica, assemelhada à dos estóicos, valorizando

---

<sup>170</sup> Cf. PAULUS PP. VI, *Discurso na sede da ONU* (04 outubro 1965), [http://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/speeches/1965/documents/hf\\_p-vi\\_spe\\_19651004\\_united-nations.html](http://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/speeches/1965/documents/hf_p-vi_spe_19651004_united-nations.html).

<sup>171</sup> BENEDICTUS XVI, *Caritas in veritate*, in ASS 101 (2009), 641-709, 25.

<sup>172</sup> L. AZEVEDO, *Discípulos missionários do “Deus desconhecido”*. Um estudo exegético-pastoral de At 17, 16-34, UCP, Braga, 2015, 61.

<sup>173</sup> Cf. R. FISICHELLA, *A Nova Evangelização: Um desafio para sair da indiferença*, Paulus, Lisboa, 2012, 38.

e autenticando aquilo que é a experiência pessoal<sup>174</sup>. Os deuses, esses hoje são outros. Presta-se culto e serve-se ao lucro, ao dinheiro, à acumulação de bens materiais, ou seja, aos valores dos bens materiais<sup>175</sup>. Por isso, ao confrontar a história da humanidade, “em particular pelo que se refere à época atual, demonstra quanto é relevante o dever de patentear mais plenamente o alcance dos valores espirituais, dos bens da existência humana, na construção e edificação da paz”<sup>176</sup>. Já o apelava o Papa Paulo VI no discurso proferido na sede das Nações Unidas: “O edifício da civilização moderna deve construir-se sobre princípios espirituais, os únicos capazes não apenas de o sustentar, mas também de o iluminar e de o animar”<sup>177</sup>.

Hoje, vivemos um tempo idêntico ao da períclope de Paulo em Atenas, a de um desconhecimento de Deus, ou indiferença, numa busca de sentido com o transcendente no alargamento do quotidiano, do secular, do profano<sup>178</sup>.

Procuraremos, nas páginas que se seguem, fundamentar o nosso estudo a partir dos discursos dos últimos Papas nos grandes fóruns internacional, como assembleia eminente, e deste modo também novos arcópagos, como é o caso das Nações Unidas, e pelas suas encíclicas e exortações apostólicas.

### **1.1. Evolução, progresso e transformação - noções, sentidos e objetivos**

Em 1965 o Papa Paulo VI discursava para os representantes das nações na sede da Organização das Nações Unidas (ONU) apelando a que a história futura do mundo fosse norteadada num único rumo: “nunca mais a guerra, nunca mais a guerra. É a paz, a paz que deve guiar o destino dos povos e de toda a humanidade.”<sup>179</sup> O ensino da transmissão da paz aos homens frisa a missão

---

<sup>174</sup> Cf. T. MESSIAS, *Espiritualidade cristã e identidade crente nas culturas juvenis*, in *Communio* XXIX 1(2012) 115.

<sup>175</sup> Cf. C. S. CARVALHO (coord.), *Estou contigo! Manual do aluno – EMRC – 6.º ano do ensino básico*, Gráfica Almondina, Torres Novas, 2016, 64.

<sup>176</sup> Cf. IOANNIS PAULI PP. II, *Discurso na Assembleia Geral das Nações Unidas* (02 outubro 1979), 16, in [http://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/1979/october/documents/hf\\_jp-ii\\_spe\\_19791002\\_general-assembly-onu.html](http://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/1979/october/documents/hf_jp-ii_spe_19791002_general-assembly-onu.html).

<sup>177</sup> PAULUS PP. VI, *Discurso na sede da ONU* (4 outubro 1965), 7.

<sup>178</sup> Cf. T. MESSIAS, *Espiritualidade cristã e identidade crente nas culturas juvenis*, 117.

<sup>179</sup> PAULUS PP. VI, *Discurso na sede da ONU* (04 outubro 1965), 5.

dos grandes representantes das nações, os que estão ao serviço da humanidade. Continuava o Sumo Pontífice: “devemos habituar-nos a pensar o homem de uma maneira nova”. Face à tamanha e graciosa evolução da tecnologia, a sociedade XX e XXI ficou arquitetada pelo próprio progresso da espécie humana, não obstante de renovar uma necessária consciência moral, a fim de interiorizar a universalidade da questão social, respondendo com amor ao apelo do próximo, seu irmão<sup>180</sup>.

À data da carta encíclica *Populorum Progressio* (1967), o Papa Paulo VI referia as aspirações da humanidade face aos problemas do mundo. Eram elas: a erradicação da pobreza, a segurança e dignidade de subsistência, as condições de saúde, o trabalho digno e o emprego estável e sólido, o crescimento económico, o exercício responsável de cidadania e, uma educação de base e de qualidade<sup>181</sup>. Tais vontades são hoje, passado meio século, reconhecidas, repetidas e apeladas, pela agenda global da ONU – 2015-2030, os Objetivos de Desenvolvimento Sustentáveis (ODS), que fazem jus às palavras desse Papa: “Não é lícito aumentar a riqueza dos ricos e o poder dos fortes, confirmando a miséria dos pobres e tornando maior a escravidão dos oprimidos. São necessários programas para ‘encorajar, estimular, coordenar, suprir e integrar’ a ação dos indivíduos e dos organismos intermediários”<sup>182</sup>.

Notemos que o progresso do mundo é acompanhado por problemas humanos-base denunciados desde há muito. Nisto, acresce uma ‘última’ e colossal preocupação: a adesão a “messianismos fascinantes”, os populismos e os mediatismos, fabricantes de ilusões e de propagandas de “agitações revolucionárias”, emancipando as perigosas “ideologias totalitárias”<sup>183</sup>. Assim, é fundamental a comunhão universal e solidária da humanidade, porque todos somos chamados a este “pleno desenvolvimento”. Não há escapatória, “a humanidade avança no caminho da história”,

---

<sup>180</sup> Cf. PAULUS VI, *Populorum progressio*, in AAS 59 (1967), 257- 299.

<sup>181</sup> Cf. PAULUS VI, *Populorum progressio*.

<sup>182</sup> PAULUS VI, *Populorum progressio*, 33.

<sup>183</sup> Cf. PAULUS VI, *Populorum progressio*, 11.

“Herdeiros das gerações passadas e beneficiários do trabalho dos nossos contemporâneos, temos obrigações para com todos, e não podemos desinteressar-nos dos que virão depois de nós aumentar o círculo da família humana. A solidariedade universal é para nós não só um fato e um benefício, mas também um dever.”<sup>184</sup>

Para o Papa João Paulo II, o valor a perpetuar traduz-se num reavivar da encíclica *Populorum Progressio* e o qual, afirmamos nós, poder ser, ou melhor, dever ser o trabalho e a missão da disciplina de EMRC na formação dos alunos, futuros cidadão – a promoção do *bem comum* para a construção da justiça, da paz e da sustentabilidade no mundo.

“[...] num mundo diverso, dominado pela solicitude do *bem comum* de toda a humanidade, ou seja pela preocupação com o ‘desenvolvimento espiritual e humano de todos’, e não com a busca do proveito particular, a paz seria *possível*, como fruto de uma ‘justiça mais perfeita entre os homens’.”<sup>185</sup>

Diferente do segundo milénio, no terceiro milénio – o nosso presente – ultrapassou-se um dos epidémicos problemas, o das colonizações – referido mutuamente na *Populorum Progressio* e na *Sollicitudo Rei Socialis* –, possibilitando a cada povo o uso da liberdade e do desenvolvimento. No entanto, o mundo ‘continua doente’<sup>186</sup> e o subdesenvolvimento dos nossos dias acontece por outras formas de pobreza, talvez a maior a pobreza humana, não tanto económica, política ou cultural, mas a moral, na falta de fraternidade entre os homens e entre os povos e nações. Situações lesivas como a guerra, a crise migratória de refugiados, as pessoas em situação de sem-abrigos, as desigualdades sociais, mas também, o consumismo desenfreado e desigual, o luxo e o dinheiro, a economia desequilibrada e as ideologias diversas, a satisfação e a felicidade efémeras e egocêntricas, alimentam no nosso mundo hoje a nova pandemia do subdesenvolvimento.

“o nosso mundo está cada vez mais urbanizado e a cidade tornou-se o lugar de vida da maioria dos nossos contemporâneos. Transformou-se de forma contraditória num lugar em que se

---

<sup>184</sup> PAULUS VI, *Populorum progressio*, 17.

<sup>185</sup> IOANNES PAULUS II, *Sollicitudo rei socialis*, in AAS 80 (1988), 513-586, 10.

<sup>186</sup> Cf. IOANNES PAULUS II, *Sollicitudo rei socialis*, 66.

exprimem e são vividas a cultura mais requintada e a maior violência, o lugar da riqueza e da pobreza estridente.”<sup>187</sup>

Urge a luta pela conquista e manutenção do desenvolvimento dos povos, da promoção e da defesa da dignidade humana, que foi e deverá continuar a ser “um imperativo para todos e cada um dos homens e das mulheres e também para as sociedades e as nações”<sup>188</sup>, e que está selada na carta da *Declaração Universal dos Direitos do Homem*, de mil novecentos e quarenta e oito:

“[...] os povos das Nações Unidas proclamam, de novo, a sua fé nos direitos fundamentais do homem, na dignidade e no valor da pessoa humana, na igualdade de direitos dos homens e das mulheres e se declararam resolvidos a favorecer o progresso social e a instaurar melhores condições de vida dentro de uma liberdade mais ampla [...]”<sup>189</sup>

A recomendação do Papa João Paulo II na sua encíclica *Sollicitudo Rei Socialis* passa pela prática da solidariedade que ajuda-nos a ver o ‘outro’<sup>190</sup> como um *eu*, como um *nós*; ajuda-nos a construir a comunhão.

Note-se que “[...] enquanto a história procede, surgem novas situações e tenta-se relacioná-las com novos direitos [...]”<sup>191</sup>, no entanto, os valores do respeito, da justiça, da solidariedade e da defesa da dignidade humana, essas máximas “não pode[m] de modo algum variar segundo as diversas compreensões presentes no mundo’ (De doctrina christiana, III, 14)”<sup>192</sup>. Deste pensamento, o Papa Bento XVI, no discurso proferido em 2011 aos novos embaixadores da Santa Sé<sup>193</sup> reafirmou que continuam a atingir, a técnica e as populações inúmeras tragédias e que, por isso, a ecologia humana converte-se numa necessidade imperativa. Necessidade essa que encontra na ‘solidariedade mundial’ a arma para “enfrentar e

---

<sup>187</sup> IOANNES PAULUS II, *Familiaris Consortio*, in AAS 74 (1982), 81-191.

<sup>188</sup> IOANNES PAULUS II, *Sollicitudo rei socialis*, 32.

<sup>189</sup> DUDH, preâmbulo, [23 março, 17:32] in <https://dre.pt/declaracao-universal-dos-direitos-humanos>.

<sup>190</sup> Cf. IOANNES PAULUS II, *Sollicitudo rei socialis*, 39.

<sup>191</sup> BENEDICTUS PP. XVI, *Encontro com os membros da Assembleia Geral das Nações Unidas* [24 março 2020, 11:43] in [http://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2008/april/documents/hf\\_ben-xvi\\_spe\\_20080418\\_un-visit.html](http://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2008/april/documents/hf_ben-xvi_spe_20080418_un-visit.html).

<sup>192</sup> BENEDICTUS PP. XVI, *Encontro com os membros da Assembleia Geral das Nações Unidas*.

<sup>193</sup> BENEDICTUS PP. XVI, *Discurso do Papa Bento XVI a seis novos embaixadores acreditados junto da Santa Sé* [24 março 2020, 12:09] in [http://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2011/june/documents/hf\\_ben-xvi\\_spe\\_20110609\\_ambassadors.html](http://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2011/june/documents/hf_ben-xvi_spe_20110609_ambassadors.html).

resolver os enormes e dramáticos problemas da justiça no mundo, da liberdade dos povos, da paz da humanidade.”<sup>194</sup> Reacionou o Papa Francisco a hodierna presença da era do conhecimento e da informação<sup>195</sup>, provocando novas formas de um poder de desenvolvimento ambíguo. Por um lado, promove o acesso a tamanhas fontes de saber e de técnicas, por outro, acentua e alimenta o fosso das desigualdades no mundo.

Sendo esta uma realidade que não se pode esconder nem ignorar, as sucessivas crises – a da ideologia, a da interpretação da natureza, a da razão científica, a do conhecimento humano na sua relação com a verdade, a do antropocentrismo, a da linguagem argumentativa<sup>196</sup> – sustentam a crise da ética e dos valores morais. “O mundo está dilacerado pelas guerras e a violência, ou ferido por um generalizado individualismo que divide os seres humanos e põe-nos uns contra os outros visando o próprio bem-estar”<sup>197</sup>. A edificação e a construção da paz, acreditada no ensino, obedece ao funcionamento, à estabilidade, à harmonia e à cooperação dos três níveis de formação e de estrutura do ser humano – família-escola-sociedade. A “cultura do encontro”, torna-se, então, capaz de construir um mundo mais justo e fraterno, um mundo melhor<sup>198</sup>. A disciplina de EMRC ao proporcionar e ao estimular aos alunos uma leitura de cultura religiosa e teológica da história da humanidade e da vida, atenta aos sinais dos tempos, sustentada por uma visão cristã, compromete-se, na linha do Concílio Vaticano II, a difundir e a ministrar o desenvolvimento global do homem e da humanidade, a fim de que os bens criados devam chegar equitativamente a todos, segundo o valor da justiça, secundada pela caridade<sup>199</sup>.

---

<sup>194</sup> IOANNES PAULUS II, *Familiaris Consortio*, in AAS 74 (1982), 81-191,48.

<sup>195</sup> Cf. FRANCISCUS, *Evangelii gaudium*, in AAS 105 (2013) 1019-1137.

<sup>196</sup> Cf. J. T. MENDONÇA, «A nova década: “O futuro da ética: dos entraves à esperança?”», acedido a 06 de abril de 2020, <https://expresso.pt/podcasts/a-revista-do-expresso/2020-01-18-A-nova-decada-O-futuro-da-etica-dos-entraves-a-esperanca--por-Jose-Tolentino-Mendonca>.

<sup>197</sup> FRANCISCUS, *Evangelii gaudium*, in AAS 105 (2013) 1019-1137, 99.

<sup>198</sup> Cf. FRANCISCUS PP., *Discurso do Papa Francisco aos participantes no Fórum Internacional sobre migrações e paz*, [24 março 2020, 18:53] in [http://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2017/february/documents/papa-francesco\\_20170221\\_forum-migrazioni-pace.html](http://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2017/february/documents/papa-francesco_20170221_forum-migrazioni-pace.html).

<sup>199</sup> Cf. CONCÍLIO ECUMÉNICO VATICANO II, Constituição pastoral sobre a Igreja no mundo contemporâneo *Gaudium et spes*, (Braga: Editorial A.O. 1992), 69.

A contemporaneidade parece ter chegado à consciência e à conclusão moral de que o ser humano representa para o mundo tanto a construção e a conquista como a destruição e a calamidade. Às chagas causadas no mundo pelo comportamento irresponsável do ser humano, exorta-se o convite a uma conversão ecológica sustentada no compromisso para o cuidado da casa comum. Deste modo, o Papa Francisco convida toda a humanidade a pensar de novo na nossa comum origem, na nossa história, no nosso mundo e no futuro dele. O apelo a um novo paradigma de justiça convoca à restituição do bem comum<sup>200</sup>, imbuída numa ecologia integral<sup>201</sup>.

Os areópagos da atualidade têm como grande e comum objetivo a edificação da família humana. De modo que o mundo contemporâneo não continue a “experimentar uma crescente, consistente e contínua fragmentação social que põe em perigo ‘todo o fundamento da vida social’ e assim ‘acabar por colocar-nos uns contra os outros na defesa dos próprios interesses’ (Laudato Si’, 229)”<sup>202</sup>, a casa comum de todos os homens deve continuar a erguer-se sobre uma reta compreensão da fraternidade universal, pela construção do desenvolvimento pleno da vida humana. Aos novos areópagos o projeto de Jesus é capaz de alumiar as necessidades intrínsecas a esse mesmo desenvolvimento humano, congregado e emancipado pelo despertar da dimensão espiritual de cada pessoa, iluminando dessa forma o mistério do homem e cooperando na solução das principais questões do tempo hodierno<sup>203</sup>.

## 1.2. Que conhecimentos sobre Jesus?

No capítulo 2 deste Relatório, procurou-se desenvolver uma aproximação histórica de Jesus, que para além de se considerar útil é, ao mesmo tempo, fundamental para a compreensão da sua pessoa, do seu projeto de vida e até da cultura humana – da nossa cultura.

---

<sup>200</sup> Cf. FRANCISCUS, *Laudato Si'*, AAS 107 (2015), 847-945, 156.

<sup>201</sup> Cf. FRANCISCUS, *Laudato Si'*, 15.

<sup>202</sup> FRANCISCUS PP., Visita à Organização das Nações Unidas, [25 março 2020, 10:50], [http://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/september/documents/papa-francesco\\_20150925\\_onu-visita.html](http://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/september/documents/papa-francesco_20150925_onu-visita.html).

<sup>203</sup> Cf. *Gaudium et spes*, 10.

No ponto um da carta encíclica *Evangelii gaudium*, o Papa Francisco recorda e aviva que o maior conhecimento sobre Jesus é agraciado pelos Evangelhos<sup>204</sup>. Os padres conciliares afirmaram que ao predispor-nos ao conhecimento de Jesus, despertar-nos-ia para a descoberta do mistério do homem, ao mesmo tempo que manifestar-se-ia o mistério divino<sup>205</sup>. Neste sentido, é imprescindível a presença da hermenêutica histórica da cristologia, para que não percamos a noção essencial do nosso ser, que é passado, que é presente e que é futuro – a temporalidade, a história<sup>206</sup>.

Nos já destacados textos evangélicos a diversidade revela-se unidade. Os traços singulares e originais descritivos de cada evangelista, de cada homem, portanto, não destoam aquela que é a única essência de Jesus, o Cristo:

«A descrição sucinta da diversidade e da mobilidade impressionante da cristologia neotestamentária revela muito claramente que a confissão de fé em Jesus Cristo só pode conservar a sua identidade e a sua verdade em mudança constante. É precisamente o centro mais íntimo da fé cristã, a afirmação firme do significado da figura e mensagem de Jesus Cristo que transcendem o tempo e o espaço, que impulsiona uma interpretação sempre nova em diferentes horizontes de compreensão. Esta diversidade da cristologia atual de modo algum destrói a unidade da fé em Cristo»<sup>207</sup>.

Nos textos neotestamentários está presente a história incarnada de forma narrada. E acreditamos ser nesta hermenêutica e orientação histórico-narrativa que a disciplina de EMRC viabiliza a sua missão de transmitir e explorar o conhecimento sobre Jesus. Torna-se evidente que no trabalho e na exploração do projeto de Jesus, a leitura histórico-narrativa deva ser acompanhada por uma hermenêutica da confissão apostólica pós-pascal, ou seja, a ressurreição de Jesus. Procura-se, deste modo, dar a compreender o evento histórico-salvífico de Jesus, o Cristo, onde a figura e a mensagem de Jesus transcendem o tempo e o espaço, impelindo o

---

<sup>204</sup> FRANCISCUS, *Evangelii gaudium*, 1.

<sup>205</sup> Cf. *Gaudium et spes*, 22.

<sup>206</sup> Cf. W. KASPER, *Fe e Historia*, Sígueme, Salamanca, 1974, 19-20.

<sup>207</sup> W. KASPER – A. SCHILSON, *Cristologia: abordagens contemporâneas*, Loyola, São Paulo, 1990, 11.

Homem para uma interpretação sempre nova e atualizada em direção a diferentes horizontes de compreensão<sup>208</sup>, ao mesmo tempo que reorienta o homem para a sua essência.

Sobre Jesus existe, na verdade, um conhecimento universal. “Como é que o rejeitado dá origem a um movimento que teve êxito e um êxito potencialmente universal, alternativa ao judaísmo e ao paganismo?”<sup>209</sup> O seu comportamento e a capacidade de encarnação em qualquer povo ou cultura, que centram a sua intervenção e a sua mensagem revelam o paradigma e o itinerário de Jesus, já que “o seu terminal é sempre o humano e o divino de Cristo e Cristo como o verdadeiro acesso ao mistério de Deus e do mundo”<sup>210</sup>.

O conhecimento sobre Jesus é uma narrativa sempre presente, independentemente do tempo e do espaço, o que no nosso entender, há a necessidade de inculturar esse ensinamento no diferentes períodos e épocas da história – *querigma* cristão, como referenciámos no estudo do capítulo precedente sobre *os novos mundos do querigma* (São Paulo no Areópago de Atenas), um anúncio que não se isola numa determinada cultura ou metodologia.

O conhecimento sobre Jesus é ainda um conhecimento sobre o humanismo do ser humano. A humanidade de Jesus uma vez autêntica, certifica a humanidade do homem, revelando que “o ser humano está feito de tal maneira que não se realiza, não se desenvolve, nem pode encontrar a sua plenitude «a não ser no sincero dom de si mesmo» aos outros”<sup>211</sup> – imagem e semelhança de Deus.

### 1.3. A (re)descoberta da essência da mensagem de Jesus da Galileia

Na teologia de W. Kasper, a essência de Jesus não consiste em existir como *hypóstasis* – subsistir em si mesmo – que para os gregos era a suma perfeição, mas a Sua essência é existir

---

<sup>208</sup> Cf. W. KASPER – A. SCHILSON, *Cristologia: abordagens contemporâneas*, 11.

<sup>209</sup> B. DOMINGUES, «O Cristianismo», acessido a 12 de novembro de 2020, <https://digitalisdsp.uc.pt/bitstream/10316.2/11964/3/03%20-%20Frei%20Bento%20Domingues.pdf>.

<sup>210</sup> B. DOMINGUES, «O Cristianismo».

<sup>211</sup> FRANCISCUS PP., Carta Encíclica *Fratelli Tutti*, 87, acessido a 14 de novembro de 2020, [http://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco\\_20201003\\_enciclica-fratelli-tutti.html](http://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20201003_enciclica-fratelli-tutti.html).

para os outros; a Sua essência é auto-entrega, auto-doação<sup>212</sup>. A mensagem revela a essência do ser, é o conteúdo de uma revelação, um ensinamento, por isso, podemos concluir que a essência da mensagem de Jesus revela a sua própria essência. Deste modo, a essência da mensagem de Jesus demanda a entrega, a doação para os outros. Neste pensamento, “Jesus Cristo aparece como Aquele que ‘satisfaz plena e abundantemente os desejos profundos do Homem, inclusive os que superam os limites das forças humanas’”<sup>213</sup>. A essência da mensagem de Jesus traduz a proposta de sentido do Homem, representando, ao mesmo tempo, a subversão às interrogações inerentes a essa expressão. Já na Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*, sobre a Igreja no mundo atual, do Concílio Vaticano II, havia sido afirmado, no ponto vinte e dois, que: “na realidade, o mistério do homem só no mistério do Verbo encarnado se esclarece verdadeiramente. [...] Cristo, na própria revelação do mistério do Pai e do seu amor, revela o homem a si mesmo [...].”<sup>214</sup> A re(d)escoberta da essência da mensagem de Jesus acontece no encontro com o próprio Jesus, no conhecimento e na prática da sua mensagem, que conduz a proposta do sentido do Homem. Como sustentou o Papa Bento XVI na *Caritas in veritate*, a verdade do testemunho da vida terrena e da morte e ressurreição de Jesus, manifestada pela *caritas* – o amor – “é a força propulsora principal para o verdadeiro desenvolvimento de cada pessoa e da humanidade inteira”.<sup>215</sup>

Destinatária da essência da mensagem de Jesus, a Igreja labora a fim de orientar, mediar e aproximar a humanidade para o seu próprio fim, a conquista da felicidade, experienciada no mundo através das atividades humanas, “sempre relativa, que é possível neste mundo, em conformidade com a sua dignidade de pessoas”.<sup>216</sup> Perita em humanidade<sup>217</sup>, a Igreja sempre

---

<sup>212</sup> Cf. W. KASPER, *Jesús, el Cristo*, 268

<sup>213</sup> CTI, «Teología-Cristología-Antropología (1981)», in ROMERO, E. (org.), *Comisión Teológica Internacional: Documentos 1969-2014*, BAC, Madrid, 2017, 142-164, 151.

<sup>214</sup> Cf. *Gaudium et spes*.

<sup>215</sup> BENEDICTUS XVI, *Caritas in veritate*, 1.

<sup>216</sup> IOANNES PAULUS II, *Sollicitudo rei socialis*, 41.

<sup>217</sup> IOANNES PAULUS II, *Sollicitudo rei socialis*, 41.

encontrou nos pobres a opção primordial da sua missão – a motivação teológica – e, por isso, é que se coloca a questão dos pobres como a opção preferencial no coração de Deus.

“No coração de Deus, ocupam lugar preferencial os pobres e esta preferência divina tem consequências na vida de fé de todos os cristãos e do conjunto da Igreja. Inspirada por tal preferência, a Igreja fez uma opção pelos pobres, entendida como uma “forma especial de primado da prática da caridade cristã, testemunhada por toda a tradição da Igreja” [João Paulo II]; uma opção que “está implícita na fé cristológica naquele Deus que se fez pobre por nós, para enriquecer-nos com sua pobreza” [Bento XVI]. Neste contexto, exprime e justifica seu desejo de “uma Igreja pobre para os pobres”».<sup>218</sup>

Com o objetivo de tornar o mundo mais conforme à sublime dignidade do homem, é necessário veicular a fraternidade universal, tornando-a mais intrínseca, e dar resposta às urgentes exigências do nosso mundo regulado pelo respeito<sup>219</sup>, como insta a essência da mensagem de Jesus.

## **2. A PROPOSTA DO PROJETO DE JESUS AOS NOVOS AREÓPAGOS**

Na exortação do capítulo 1 deste Relatório, colocávamos duas questões centrais: ‘Será possível e pertinente, hoje, falar de Jesus aos alunos, como novidade e como projeto para a construção da sociedade? E que textos bíblicos propor e adotar para melhor desenvolver o conhecimento e a aprendizagem sobre Jesus e a sua práxis, o seu legado?’

Há certos traços que são fundamentais e que não podem faltar numa verdadeira apresentação e conhecimento de Jesus. Já partilhámos que a essência da mensagem de Jesus é o testemunho de um Deus fraco, de um Deus frágil, vulnerável<sup>220</sup> que se manifesta “no vagido de uma criança que nasce na manjedoura de Belém ou no grito do crucificado no alto da cruz. O grito da criança ou do crucificado representam-nos um Deus diferente.”<sup>221</sup> Essa essência que

---

<sup>218</sup> F. PAULINO, in *Uma Igreja pobre e para os pobres*. Abordagem teológico-pastoral, 47-48.

<sup>219</sup> Cf. *Gaudium et spes*, 91.

<sup>220</sup> D. BONHOEFFER, *Resistencia y Sumisión*, Madrid, Ediciones Ariel, 1969, 209.

<sup>221</sup> J. T. MENDONÇA, «Deus é um problema também para os crentes», acedido a 19 de novembro de 2020, <https://www.publico.pt/2018/04/15/sociedade/entrevista/deus-e-um-problema-tambem-para-os-crentes-1810259>.

está ligada à história e à geografia<sup>222</sup> e que apela ao clamor dos pobres, aos seus sentimentos e à sua vida, aos seus sofrimentos e às suas aspirações, na defesa e na promoção do seu valor humano, fomenta a proposta de um projeto integral – *intra et extra persona* – de aproximação, de compaixão, de acolhimento, de corporizar “o projeto integrador e inclusivo de Jesus, derrubar fronteiras e construir pontes, eliminar a discriminação.”<sup>223</sup> A novidade e a proposta do projeto de Jesus é uma proposta clássica, sustentada por textos clássicos, respondendo a realidades clássicas. Ao fim de contas, a própria incumbência dos novos areópagos consiste numa missão clássica em acolher as alegrias, as tristezas e os problemas do mundo contemporâneo a fim de alcançar uma resposta que conduza à conquista da cultura do respeito<sup>224</sup>, da cultura humanista. Requer, assim, um projeto clássico, um projeto (re)novado. Nesta projeção, reconhecemos a EMRC como uma disciplina clássica, que procura acompanhar os sinais dos tempos, as tristezas e as alegrias, os acontecimentos e as situações do mundo, no tempo e na história, tomando, através da UL2 *Jesus um homem para os outros*, o fio condutor e apostando no horizonte do projeto de Jesus (cf. Fil 1, 21), vendo neste a abertura para o Deus de Jesus, o Deus de todos e para a humanidade de todos.

## **2.1. Os desafios do projeto de Jesus. A pertinência e a desacomodação na prática das bem-aventuranças (Mt 5, 1-12)**

Abraçar os desafios do projeto de Jesus. Esta é a planificação que na disciplina de EMRC é esboçada. Encontramos na narrativa das Bem-aventuranças (Mt 5, 1-12) o conteúdo necessário que descreve as aprendizagens essenciais do aluno no processo ensino-aprendizagem sobre

---

<sup>222</sup> Cf. B. DOMINGUES, «O Cristianismo».

<sup>223</sup> J. A. PAGOLA, *Jesus, uma abordagem histórica*, 486.

<sup>224</sup> Cf. FRANCISCUS PP., Grão Imame de Al-Azhar Ahmad Al-Tayyeb, «Sobre a fraternidade humana em prol da paz mundial e da convivência comum», acedido a 20 de novembro de 2020, [http://www.vatican.va/content/francesco/pt/travels/2019/outside/documents/papa-francesco\\_20190204\\_documento-fratellanza-umana.html](http://www.vatican.va/content/francesco/pt/travels/2019/outside/documents/papa-francesco_20190204_documento-fratellanza-umana.html).

Jesus e sobre o seu projeto e itinerário de vida, uma vez que estas “delineiam o rosto do próprio Jesus, o seu estilo de vida”<sup>225</sup>.

Pelas Bem-aventuranças Jesus procura conduzir a humanidade a um caminho de felicidade, que é o seu próprio, com regras a respeitar, oferecendo uma nova condição de vida, repleta de pura alegria<sup>226</sup>. Em toda a sua vida, desde o nascimento na gruta de Belém até à morte na cruz e à ressurreição, Jesus encarnou as Bem-aventuranças. Todas as promessas do Reino de Deus se cumpriram n’Ele. Este discurso acompanhado pela coerência da sua prática envolve uma primordial atenção e esperança aos repudiados do seu tempo: “os doentes, os pobres, os coxos, os pecadores, os publicanos, os possessos”<sup>227</sup>, e dá a conhecer quem é este Deus de Jesus. “As bem-aventuranças são assim uma tradução, um equivalente da mensagem central do reino e uma grande lição da mais espiritual teologia, em perfeita consonância com o Deus da lei e da aliança que Israel conheceu.”<sup>228</sup> A tradução das bem-aventuranças na vida ativa das pessoas expressam as boas obras, as obras da caridade, as obras de misericórdia temporais e espirituais<sup>229</sup>, isto é, a qualidade natural de ser discípulo de Jesus, que acarreta a perseguição identitária em nome de Jesus<sup>230</sup>. Assim, a felicidade é inseparável das disposições espirituais, do espírito humano.

“Em Mateus, Jesus coloca-nos no monte a ver todo o mundo de possibilidades para aí construir um caminho verdadeiramente feliz.”<sup>231</sup> Hoje, continuamos a subir ao monte para observar todo um mundo de possibilidades e de algumas oportunidades. As ofertas, essas são

---

<sup>225</sup> FRANCISCUS, «Catequeses sobre as Bem-aventuranças – 1», acessido a 23 de novembro de 2020, [http://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2020/documents/papa-francesco\\_20200129\\_udienza-generale.html](http://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2020/documents/papa-francesco_20200129_udienza-generale.html).

<sup>226</sup> Cf. FRANCISCUS, «Catequeses sobre as Bem-aventuranças – 1».

<sup>227</sup> J. C. CARVALHO, «As Bem-aventuranças e a lei na mensagem de Jesus», acessido a 24 de novembro de 2020, <https://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/19080/1/%5BCr%C3%B3nicas,%20Notas%20e%20Coment%C3%A1rios%5D%20As%20Bem-Aventuran%C3%A7as%20e%20a%20lei%20na%20mensagem%20de%20Jesus.PDF>.

<sup>228</sup> J. C. CARVALHO, «As Bem-aventuranças e a lei na mensagem de Jesus».

<sup>229</sup> Cf. J. C. CARVALHO, «As Bem-aventuranças e a lei na mensagem de Jesus».

<sup>230</sup> Cf. I. HIPÓLITO, «Para um interpretação da ‘sequência’ da Bem-aventuranças (Mt 5, 3-16): o intertexto bíblico (II)», acessido a 25 de novembro de 2020, <https://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/13172/1/hip%C3%B3lito.pdf>.

<sup>231</sup> J. C. CARVALHO, «As Bem-aventuranças e a lei na mensagem de Jesus».

diversificadas e contestáveis. O caminho de uma verdadeira felicidade acontecerá na descoberta, na construção e no sentido pleno do ser, para o próprio e para os outros. À luz da narrativa das Bem-aventuranças que sustenta o programa da vida de Jesus e conseqüentemente o programa da existência cristã, podemos desenhar a partir de cada uma delas o rosto do próprio Jesus. Mais, o programa das Bem-aventuranças comportam a novidade de Jesus, de um tempo, de uma época nova – o tempo pascal, inaugurado no oitavo dia. Por este motivo, deliberamos ser o texto bíblico que melhor orientaria o conhecimento sobre Jesus nas aulas de EMRC, objeto do sinal de uma época nova da história que se abre.

## **2.2. O ensinamento do projeto de Jesus nas aulas de EMRC, pela *UL2 Jesus, um Homem para os outros* - a proposta**

Numa das homilias proferidas pelo Papa Francisco sobre as bem-aventuranças, apresentava-as como o GPS da vida, “o guia da rota, do itinerário, a bússola da vida cristã.”<sup>232</sup> É verdade que vivemos num mundo no qual a experiência religiosa não é partilhada por todos. Mas tal realidade em nada impede de reconhecer: “outros bebem doutras fontes. Para nós, este manancial de dignidade humana e fraternidade está no Evangelho de Jesus Cristo.”<sup>233</sup>

A proposta que agora apresentamos complementa o tema ‘A Missão de Jesus’, do manual do aluno. Constitui um recurso suplementar para a consolidação de conhecimentos e de aprendizagem. Procura respeitar a meta programática B. Construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história, pelo objetivo 3. Compreender, pela interpretação de textos bíblicos, qual foi a missão de Jesus, o Filho de Deus e a meta programática M. Reconhecer a proposta do agir ético cristão em situações vitais do quotidiano, através do objetivo 5. Mobilizar o valor da vida na orientação do comportamento em situações do quotidiano.

---

<sup>232</sup> EDUCRIS, «Papa Francisco: As “Bem-aventuranças” são o GPS da vida Cristã», acedido a 30 de novembro de 2020, <http://www.educris.com/v2/artigos/6059-papa-francisco-as-bem-aventurancas-sao-o-gps-da-vida-crista>

<sup>233</sup> FRANCISCUS PP., Carta Encíclica *Fratelli Tutti*, 277.

O recurso por nós idealizado, após o estudo deste Relatório Final, consiste na observação, no estudo e na análise do percurso e do projeto da vida de Jesus – um projeto de felicidade – a partir de episódios bíblicos e da sua interpretação pelas Bem-aventuranças e da vivência quotidiana desse mesmo programa. Implica, antes, a apresentação, a contextualização e o estudo desta narrativa e o conhecimento das Bem-aventuranças. O recurso pedagógico será composto por dois momentos, corporizado em percursos mapeados (ver anexo 1). No primeiro, sugere-se o percurso do programa de Jesus com episódios bíblicos, previamente selecionados, que permitissem identificar a praticidade de cada bem-aventurança. Posteriormente, num segundo momento, desafia-se o aluno a nomear situações do quotidiano que permitissem reconhecer as bem-aventuranças e que pudessem ser valorizadas e incorporadas na vivência do estilo de vida das bem-aventuranças.

Para o primeiro momento, seria possível explorar o itinerário das bem-aventuranças nas seguintes narrativas bíblicas, selecionadas, organizadas e abordadas pelo professor:

<b>Bem-aventurança</b>	<b>Testemunho/Episódio bíblico</b>
<b>Felizes os pobres em espírito</b>	<i>Magnificat</i> (Lc 1, 46-56) Fariseu e publicano (Lc 18, 9-14)
<b>Felizes os que choram</b>	Pecadora arrependida (Lc 7, 36-50) Filha de Jairo (Lc 8, 40-42.49-56) Viúva de Naim (Lc 7,11-17)
<b>Felizes os mansos</b>	Exortação aos simples e humildes (Lc 10, 21-22)
<b>Felizes os que têm fome e sede de justiça</b>	Cego de Jericó/Bartimeu (Mc 10, 46-52) Rico e Lázaro (Lc 16, 19-31) Servo mau (Mt 18, 21-35)
<b>Felizes os misericordiosos</b>	Pai Bom/Dois filhos (Lc 15, 11-32) Bom Samaritano (Lc 10, 29-37)

<b>Felizes os puros de coração</b>	Cego de nascença (Jo 9, 1-41)
<b>Felizes os pacificadores</b>	Tributo a César (Mt 22, 15-21) O mandamento novo (Jo 13, 33-35) A paz de Jesus (Jo 14, 27-31) O mandamento do amor (Jo 15, 9-17)
<b>Felizes os que sofrem e são perseguidos</b>	Amor aos inimigos (Mt 5, 43-48) Casa sobre a rocha (Mt 6, 24-26) Jesus no tribunal (Mc 14-53-65) O Conselho judaico decide a morte de Jesus (Jo 11, 45-57) Perseguição aos discípulos (Lc 21, 12-19) Ódio do mundo aos discípulos (Jo 15, 18-25) Execução de Tiago e prisão de Pedro (At 12, 1-19)

A proposta de Jesus é uma proposta verdadeira. Jesus não teve medo de perguntar aos seus discípulos se verdadeiramente queriam segui-Lo ou se preferiam ir por outros caminhos (cf. Jo 6, 67). E Simão, denominado Pedro, teve a coragem de responder: “A quem iremos nós, Senhor? Tu tens palavras de vida eterna” (Jo 6, 68)<sup>234</sup>.

O significado e a fecundidade da vida dos apóstolos e dos discípulos de Jesus resultou da sua vivência do programa de Jesus e este primeiro momento do recurso proposto procura valorizar e qualificar as bem-aventuranças como o património da vida de Jesus, o património da vida dos discípulos e o património da vida do cristão.

<sup>234</sup> Cf. FRANCISCUS PP., «Mensagem para a XXIX Jornada Mundial da Juventude», 1, acessido a 03 de dezembro de 2020, [http://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/youth/documents/papa-francesco\\_20140121\\_messaggio-giovani\\_2014.html](http://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/youth/documents/papa-francesco_20140121_messaggio-giovani_2014.html).

O segundo momento do recurso procura orientar as decisões e as ações do aluno fundamentadas na prática das Bem-aventuranças, conferindo-as como o incontornável património da vida da humanidade.

Acreditamos que, deste modo, estaríamos a contribuir para (re)acender e (re)descobrir a Primavera da Galileia num mundo que apresenta sinais de fome e de sede, fome e sede de palavras e de ações que saciam as necessidades da humanidade, que saciam as necessidades do mundo. Não a um mundo aberto ao fechado<sup>235</sup>, que exclui e que descarta mas à promoção da cultura do encontro, deste cuidado da arte do encontro<sup>236</sup>, que lança pontes, que envolve a todos, propondo uma forma de vida com sabor a Evangelho de Jesus<sup>237</sup>.

---

<sup>235</sup> Cf. FRANCISCUS PP., Carta Encíclica *Fratelli Tutti*, 12.

<sup>236</sup> Cf. FRANCISCUS PP., Carta Encíclica *Fratelli Tutti*, 215.

<sup>237</sup> Cf. FRANCISCUS PP., Carta Encíclica *Fratelli Tutti*, 1.

## CONCLUSÃO

Chegados ao termo do estudo e da reflexão do presente Relatório afere-nos sublinhar alguns pontos-chaves. A primeira ilação atesta a necessária e considerada presença da disciplina de EMRC nas escolas, para uma educação integral e de qualidade, que promova a construção de uma sociedade mais equilibrada, justa e sustentável; uma sociedade fecunda, preocupada e ocupada com a vida e com a hermenêutica aos desafios colocados à vida – chamada dinâmica profética na sociedade atual. De seguida, reiteramos a pertinência do conhecimento da figura e do projeto de Jesus nas aulas de EMRC como espaço de oportunidades e de encontros históricos, sociais, culturais, religiosos e pessoais, que conecta e contacta com o conhecimento do passado, a interpretação do presente e a construção aberta do futuro da humanidade. Conduzimos, por isso, o testemunho do programa e da mensagem de Jesus, como uma narrativa de tradição, de mediação e de transmissão cultural. Logo, própria para a realidade Escola, enquanto aurato no mundo, na formação humana da pessoa. Acrescentamos, ainda, a útil e indispensável ferramenta que é a Bíblia nesse estudo, ao despertar no formando elevação e humanidade. O estudo pela Bíblia possibilita mediar respostas às interrogações de cada tempo, ao partilhar valores que contribuem para a tonificação de uma sociedade melhor. Conhecer Jesus sem o auxílio e a exploração bíblica traduziria uma aprendizagem deficitária. Por isso, ao levantarmos a questão de estudo para a *UL2 Jesus, um homem para os outros*, preocupou-nos as origens, a raiz de onde nascera toda a atração por Jesus e pelo seu itinerário, para que projetássemos no hoje os novos caminhos, as novas partidas da contemporaneidade e os estímulos para as gerações vindouras. Seria redutível a não-abordagem à morte, à ressurreição de Jesus e ao Reino por Ele anunciado e realizado. Acreditamos que apenas na exploração deste prisma, que não só para os cristão mas para todos, seja autêntica a (tentativa de) resposta às ansiedades, às esperanças e às questões sobre a vitória quotidiana da vida, enquanto novo paradigma do sentido da vida e da existência humanas.

O desafio de conhecer Jesus e o seu legado na contemporaneidade, a trabalhar nas aulas de EMRC, levou-nos a uma viagem histórica da sua vida, que confrontamos ter sido uma ameaça e uma provocação ao Império romano e ao sistema do templo judaico, o que desencadeou a veemente perseguição e a desejada aniquilação de Jesus. Foi deste fim terreno, ao qual toda a vida humana passará, que se revelou o mistério da vida em Jesus – a ressurreição. Falar do mistério da vida é falar do mistério da ressurreição. Por ela foi confirmada toda a vida, todo o sentido da vida e da práxis de Jesus e por ela despontou a aurora do cristianismo, com o germinar das primeiras comunidades cristãs. Este foi o acontecimento que possibilitou todo o interesse, procura e conhecimento sobre Jesus, a sua vida, o seu programa, e a vida e a ação de todos os que O seguiram, até aos dias de hoje.

Ao descortinar a vida de Jesus, quisemos apresentar o auge do seu programa de vida e consequente proposta à humanidade – a pertença e a vivência do Reino de Deus. Como algo a viver perpetua e plenamente com a ressurreição, no testemunho bíblico das bem-aventuranças encontramos a sua já concretização em terra. Este programa de felicidade distinguido com tamanha eloquência apresenta um estilo de vida alegre, feliz e digno de quem se dá aos outros como a si mesmo e como a Deus. É a manifestação da profunda dimensão humanista – a firme preocupação e ação pela ordem e pela justiça sociais. Esta proposta foi aceite e vivida por aqueles que o seguiam de perto, e foram esses que a levaram ao resto do mundo, com uma força e uma atração incríveis.

No tempo pós-Jesus interpretámos, primeiramente, o primogénito desta missão que se tornou universal – Simão Pedro, o precursor do anúncio de Jesus dentro do seio judaico. Depois, compreendemos Paulo de Tarso como o transmissor da mensagem e da vida de Jesus aos novos mundo, *extra* judeu. Foi com ele que procurámos partir para a compreensão dos novos areópagos da contemporaneidade e foi a partir dele que tentámos recuperar o ânimo e a atração da novidade da mensagem cristã e da transformadora vida de Jesus, adaptando e atualizando-as às necessidades dos respetivos tempos, intersectando um novo paradigma, o da revelação de

Deus. Com Paulo houve uma nova e inaudita proposta do pensamento e da vida. Hoje, no pós-modernismo, procuramos, pelas EMRC, (re)encontrar o sentido e o amadurecimento dessa mesma proposta, que acreditamos nós, e pelo nosso estudo, ser pelo símbolo do Crucificado.

Aproximou-nos a reflexão de L. Azevedo pela analogia que fez das situações do tempo do apóstolo Paulo e do nosso tempo, que apelam ao objetivo comum da edificação da família humana. Referimos, então, que a EMRC poderia proporcionar um processo de antecipação-reflexão-ação nos alunos a um discernimento de um novo estilo de vida, discernido pelos valiosos contributos dos pontífices Paulo VI, João Paulo II, Bento XVI e Francisco.

Como itinerário e ilação final abraçamos a consciente e necessária dimensão religiosa a ser trabalhada nas escolas. Uma dimensão que cresce pelo conhecimento e pela atração. Duas ferramentas essenciais na disciplina de EMRC. Ferramentas que indicarão um horizonte estupendo para o (re)encontrar da Primavera da Galileia.

Reservámos a nossa última reflexão ao balanço do trabalho e do estudo deste Relatório final. Naturalmente, reconhecemos que muito ficou por explorar, que desenvolvemos um singular ensaio para o conhecimento extenso da figura e da mensagem de Jesus, na *UL2 Jesus, um homem para os outros*, do 6.º ano. Gostaríamos de ter alargado o nosso horizonte de estudo a outros escritos da cultura antiga e moderna, a fim de sustentar mais fortemente o rigor da nossa investigação, no entanto, as limitações de várias ordens (o tempo, o não domínio do alemão e do francês, essencialmente, e a dificuldade de acesso à bibliografia especializada) aconselharam-nos a encurtar tal ambição. Conscientes de que não fecharemos a porta a novas contingências que o percurso realizado neste exercício nos formou, e, mesmo assim, satisfeitos com o resultado final do nosso Relatório, partilhamos os nossos pensamentos, o nosso estudo e o nosso recurso à comunidade académica, particularmente à comunidade de EMRC, para um início de estudo, mas verdadeiro, do Jesus da história e do Jesus da vida.

## BIBLIOGRAFIA

### FONTES

Bíblia Sagrada, Difusora Bíblica, 5.<sup>a</sup>ed., Lisboa/Fátima, 2008.

YOUCAT, *Bíblia. Para os jovens da Igreja Católica*, Paulus, Lisboa, 2017.

### 1.DOCUMENTOS DO MAGISTÉRIO

BENEDICTUS XVI, *Caritas in veritate*, in ASS 101 (2009), 641-709.

\_\_\_\_\_, «Homilia da Vigília Pascal», 15 de abril de 2006, acessido a 02 de fevereiro de 2020, [http://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/homilies/2006/documents/hf\\_ben-xvi\\_hom\\_20060415\\_veglia-pasquale.html](http://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/homilies/2006/documents/hf_ben-xvi_hom_20060415_veglia-pasquale.html).

FOLLO, F., «Discurso na Intervenção da Santa Sé na 36<sup>a</sup> Sessão da Conferência Geral da UNESCO», acessido a 15 de março de 2020, [http://www.vatican.va/roman\\_curia/secretariat\\_state/2011/documents/rc\\_seg-st\\_20111029\\_follo-unesco\\_po.html](http://www.vatican.va/roman_curia/secretariat_state/2011/documents/rc_seg-st_20111029_follo-unesco_po.html).

FRANCISCUS, *Evangelii gaudium*, in AAS 105 (2013) 1019-1137.

\_\_\_\_\_, *Gaudete et exsultate*, in AAS 110 (2018)

\_\_\_\_\_, Carta Encíclica *Fratelli Tutti*, 87, acessido a 14 de novembro de 2020, [http://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papafrancesco\\_20201003\\_enciclica-fratelli-tutti.html](http://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papafrancesco_20201003_enciclica-fratelli-tutti.html).

\_\_\_\_\_, «Catequeses sobre as Bem-aventuranças – 1», acessido a 23 de novembro de 2020, [http://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2020/documents/papafrancesco\\_20200129\\_udienza-generale.html](http://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2020/documents/papafrancesco_20200129_udienza-generale.html).

\_\_\_\_\_, «Mensagem para a XXIX Jornada Mundial da Juventude», 1, acessido a 03 de dezembro de 2020,

[http://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/youth/documents/papa-francesco\\_20140121\\_messaggio-giovani\\_2014.html](http://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/youth/documents/papa-francesco_20140121_messaggio-giovani_2014.html).

\_\_\_\_\_, Discurso aos participantes no Fórum Internacional sobre migrações e paz, acessado a 24 de março de 2020,

[http://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2017/february/documents/papa-francesco\\_20170221\\_forum-migrazioni-pace.html](http://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2017/february/documents/papa-francesco_20170221_forum-migrazioni-pace.html)

\_\_\_\_\_, Audiência Geral, Sala Paulo VI, acessado a 29 de janeiro de 2020,

[http://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2020/documents/papa-francesco\\_20200129\\_udienza-generale.html](http://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2020/documents/papa-francesco_20200129_udienza-generale.html)

\_\_\_\_\_, Grão Imame de Al-Azhar Ahmad Al-Tayyeb, «Sobre a fraternidade humana em prol da paz mundial e da convivência comum», acessado a 20 de novembro de 2020,

[http://www.vatican.va/content/francesco/pt/travels/2019/outside/documents/papa-francesco\\_20190204\\_documento-fratellanza-umana.html](http://www.vatican.va/content/francesco/pt/travels/2019/outside/documents/papa-francesco_20190204_documento-fratellanza-umana.html).

IOANNES PAULUS II, *Familiaris Consortio*, in AAS 74 (1982), 81-191.

\_\_\_\_\_, *Sollicitudo rei socialis*, in AAS 80 (1988), 513-586.

\_\_\_\_\_, Discurso na Assembleia Geral das Nações Unidas (02 outubro 1979), 16 ,in

[http://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/1979/october/documents/hf\\_jp-ii\\_spe\\_19791002\\_general-assembly-onu.html](http://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/1979/october/documents/hf_jp-ii_spe_19791002_general-assembly-onu.html).

PAULUS VI, *Populorum progressio*, in AAS 59 (1967), 257- 299.

## **2.DOCUMENTOS CURRICULARES**

AMBROSIO, J., “Finalidades, Domínios de Aprendizagem e Metas Curriculares. Programa de EMRC, edição de 2014”, *Pastoral Catequética* 31/32 (2015).

CARVALHO, C. S. (coord.), *Estou contigo! Manual do aluno – EMRC – 6.º ano do ensino básico*, Gráfica Almondina, Torres Novas, 2016.

- LINDA, M., “O docente de Educação Moral e Religiosa Católica e o ‘novo discurso sobre a credibilidade do Evangelho’”, *Pastoral Catequética* 31/32 (2015) 103.
- LOURENÇO, J., “A dimensão profética da EMRC. A Escola, o Docente, o Educando. Sinais proféticos da EMRC”, *Pastoral Catequética* 31/32 (2015).
- MARTINS, G. O. (coord.), *Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória*, Lisboa, Ministério da Educação, 2018.
- MONTEIRO, R. (coord.), *Estratégia Nacional de Educação para a Cidadania*, Ministério da Educação, Lisboa, 2017.
- SECRETARIADO NACIONAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ, Programa de Educação Moral e Religiosa Católica, SNEC, Moscavide, 2014.

### 3. ESTUDOS

- AGUIRRE, R., *Del Movimiento de Jesus a la Iglesia cristiana*, ED. Desclee de Brouwer, Bilbao, 1987.
- ARENDS, R., *Aprender a Ensinar*, Mc Graw-Hill, Lisboa, 2008.
- AZEVEDO, L., «Discípulos missionários do “Deus desconhecido”. Um estudo exegético-pastoral de At 17, 16-34», UCP, Braga, 2015.
- BONHOEFFER, D., *Resistencia y Sumisión*, Madrid, Ediciones Ariel, 1969.
- CANÁRIO, R., *O que é a escola? Um “olhar” sociológico*, Porto Editora, Porto, 2005.
- CARVALHO, J. C., «As Bem-aventuranças e a lei na mensagem de Jesus», acessado a 24 de novembro de 2020, <https://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/19080/1/%5BCr%C3%B3nicas,%20Notas%20e%20Coment%C3%A1rios%5D%20As%20Bem-Aventuran%C3%A7as%20e%20a%20lei%20na%20mensagem%20de%20Jesus.PDF>.
- DELORS, J., UNESCO. «Educação - Um tesouro a descobrir». 7ª ed. Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI. Brasília, Cortez: 2012.

- EDUCRIS, «Papa Francisco: As “Bem-aventuranças” são o GPS da vida Cristã», acessido a 30 de novembro de 2020, <http://www.educris.com/v2/artigos/6059-papa-francisco-as-bem-aventurancas-sao-o-gps-da-vida-crista>.
- FABRIS, R., *Os Atos dos Apóstolos*, Loyola, São Paulo, 1991.
- FERRARO, G., *L'evangelizzazione nella chiesa primitiva*, Piemme, Casale Monferrato, 1994.
- FISICHELLA, R., *A Nova Evangelização: Um desafio para sair da indiferença*, Paulus, Lisboa, 2012.
- GNILKA, J., *Jesus de Nazaré*, Editorial Presença, Lisboa, 1999.
- \_\_\_\_\_, *Jesús de Nazaret - Mensaje e história*, Editorial Herder, Barcelona, 1993.
- HIPÓLITO, I., «Para um interpretação da ‘sequência’ da Bem-aventuranças (Mt 5, 3-16): o intertexto bíblico (II)», acessido a 25 de novembro de 2020, <https://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/13172/1/hip%C3%B3lito.pdf>.
- KASPER, W., *Fe e Historia*, Sígueme, Salamanca, 1974.
- KASPER, W. – SCHILSON, A., *Cristologia: abordagens contemporâneas*, Loyola, São Paulo, 1990.
- LAMELAS, I. P., “Que tem Atenas a ver com Jerusalém?”, in *Itinerarium*, LVI, 196(2010).
- LOURENÇO, J., *O Mundo judaico em que Jesus viveu*, Universidade Católica Editora, Lisboa, 2005.
- MARGUERAT, D., *L'aube du christianisme*, Labor et Fides, Genève, 2008.
- MEIER, J. P., *Un judío marginal. Nueva visión del Jesús histórico*. I. Las raíces del problema y persona, Verbo Divino, Estella 1998.
- MENDONÇA, J. T., «A nova década: “O futuro da ética: dos entraves à esperança?”», acessido a 06 de abril de 2020, <https://expresso.pt/podcasts/a-revista-do-expresso/2020-01-18-A-nova-decada-O-futuro-da-etica-dos-entraves-a-esperanca--por-Jose-Tolentino-Mendonca>.

- \_\_\_\_\_, «Deus é um problema também para os crentes», acessido a 19 de novembro de 2020, <https://www.publico.pt/2018/04/15/sociedade/entrevista/deus-e-um-problema-tambem-para-os-crentes-1810259>.
- \_\_\_\_\_, “Quando o Novo Testamento cita os poetas (Act 17, 28): Um mapa para o presente”, in *Communio* 4(31A).
- MESSIAS, T., «Espiritualidade cristã e identidade crente nas culturas juvenis», in *Communio* XXIX 1(2012).
- MONASTERIO, R. A., CARMONA, A. R., *La investigación de los evangelios sinópticos y Hecho de los Apóstoles en el signo XX*, Navarra, Editorial Verbo Divino, 1996.
- PAGOLA, J. A., *Jesus, uma abordagem histórica*, Gráfica de Coimbra 2, Coimbra, 2008.
- PIKAZA, X., *Manual de cristologia*, Secretariado Trinitário, Salamanca, 1997.
- PUIG, A., *Jesus. Uma biografia*, Paulus, 2010.
- VIDAL, S., *Jesús el Galileo*, Editorial Sal Terrae, Santander, 2006.
- RAMOS, J. A., PIMENTEL M. C. S., FIALHO, M. C., RODRIGUES N. S., (coords.), *Paulo de Tarso: Grego e Romano, Judeu e Cristão*, Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra, Coimbra, 2012.
- RATZINGER, J., *Jesus de Nazaré*, A Esfera dos Livros, Lisboa, 2007.
- ROMERO, E. (org.), *Comisión Teológica Internacional: Documentos 1969-2014*, BAC, Madrid, 2017.
- SAULNIER, C., ROLLAND, B., *A Palestina no tempo de Jesus*, Coleção Cadernos Bíblicos/27, Paulus, São Paulo, 1983.
- SOBRINO, J., *Jesucristo liberador*, Editorial Trotta, Madrid, 2010.
- THEISSEN, G., MERZ, A., *O Jesus Histórico – Um Manual*, Edições Loyola, São Paulo, 2002.

#### 4.VIDEOTECA

PIERSON, Rita, «Every kid needs a champion». Acedido a 20 de janeiro de 2020.

[https://www.ted.com/talks/rita\\_pierson\\_every\\_kid\\_needs\\_a\\_champion/transcript#t-53604](https://www.ted.com/talks/rita_pierson_every_kid_needs_a_champion/transcript#t-53604).

ROBINSON, K., Bring on the learning revolution, (vídeo) TED Talks Education, fevereiro 2010,

[https://www.ted.com/talks/sir\\_ken\\_robinson\\_bring\\_on\\_the\\_learning\\_revolution#t-758231](https://www.ted.com/talks/sir_ken_robinson_bring_on_the_learning_revolution#t-758231).

\_\_\_\_\_, How to escape education's death valley, (vídeo) TED Talks Education, abril 2013,

[https://www.ted.com/talks/sir\\_ken\\_robinson\\_how\\_to\\_escape\\_education\\_s\\_death\\_valley#t-184220](https://www.ted.com/talks/sir_ken_robinson_how_to_escape_education_s_death_valley#t-184220).

\_\_\_\_\_, Schools kills criativity, (vídeo) TED Talks Education, fevereiro 2006,

[https://www.ted.com/talks/sir\\_ken\\_robinson\\_do\\_schools\\_kill\\_creativity?language=pt#t-1140869](https://www.ted.com/talks/sir_ken_robinson_do_schools_kill_creativity?language=pt#t-1140869).

#### 5.DOCUMENTOS AUXILIARES

ANDRESEN, S. M. B., *Antologia. Primavera*, Círculo de Poesia Moraes Editores, 1975.

DUDH, preâmbulo, [23 março, 17:32] in <https://dre.pt/declaracao-universal-dos-direitos-humanos>.

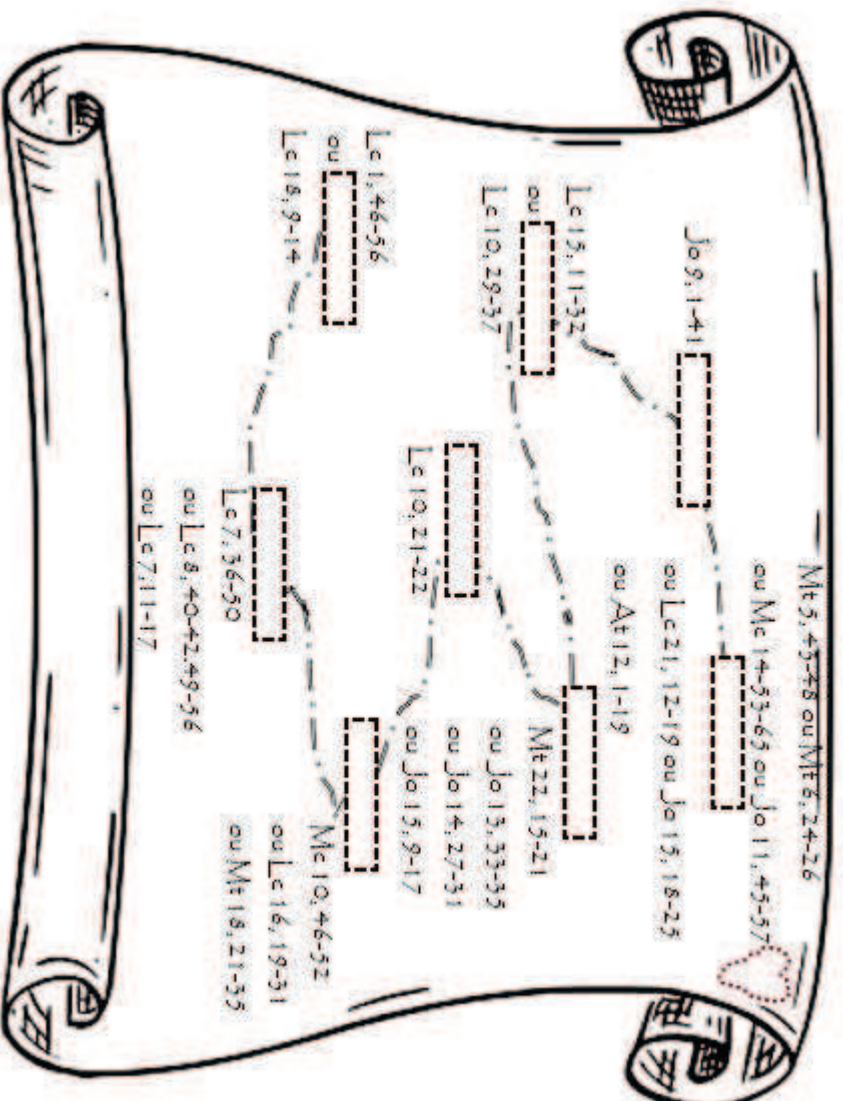
SAINT-EXUPÉRY, A., *O Príncipezinho*, Lisboa, ed. Aster, 4.º ed.

## ANEXO I

*A construção deste anexo é meramente sugestiva.*

### Momento I

O momento I do recurso visa a interpretação dos textos bíblicos e à consolidação das Bem-aventuranças.



Bem-Aventuranças (Mt 5, 1-12)						
Felizes os pobres em espírito	Felizes os que choram	Felizes os mansos	Felizes os que têm fome e sede de justiça	Felizes os misericordiosos	Felizes os puros de coração	Felizes os pacificadores
						Felizes os que sofrem e são perseguidos

## Momento II

O momento II do recurso visa à reflexão de situações do cotidiano na aplicação das Bem-aventuranças.

Bem-Aventuranças	As ações na minha vida transformadas pelas Bem-aventuranças
Felizes os pobres em espírito	
Felizes os que choram	
Felizes os mansos	
Felizes os que têm fome e sede de justiça	
Felizes os misericordiosos	
Felizes os puros de coração	
Felizes os pacificadores	
Felizes os que sofrem e são perseguidos	